



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PPGL

MUDANÇAS SOCIAIS E MUDANÇAS DISCURSIVAS: PROCESSOS DE
RECONTEXTUALIZAÇÃO DA LITERATURA CLARICEANA NO
CIBERESPAÇO

CAROLINA ALVIM

Brasília

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PPGL

MUDANÇAS SOCIAIS E MUDANÇAS DISCURSIVAS: PROCESSOS DE
RECONTEXTUALIZAÇÃO DA LITERATURA CLARICEANA NO
CIBERESPAÇO

CAROLINA ALVIM

Orientadora: Profa. Dra. Viviane C. Vieira Sebba Ramalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestra em Linguística, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Brasília

2013

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de
Brasília. Acervo 1013505.

Alvim, Carolina.
L771.Ya Mudanças sociais e mudanças discursivas : processos
de recontextualização da literatura clariceana no
ciberespaço / Carolina Alvim. -- 2013.
113 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,
Instituto de Letras, Departamento de Linguística,
Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação
em Linguística, 2013.
Inclui bibliografia.
Orientação: Viviane Cristina Vieira Sebba Ramalho.

1. Lispector, Clarice, 1925-1977. 2. Literatura brasileira.
3. Análise do discurso literário. 4. Ciberespaço.
I. Ramalho, Viviane Cristina Vieira Sebba. II. Título.

CDU 869.0(81).09

MUDANÇAS SOCIAIS E MUDANÇAS DISCURSIVAS: PROCESSOS DE
RECONTEXTUALIZAÇÃO DA LITERATURA CLARICEANA NO CIBERESPAÇO

Carolina Alvim

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestra em Linguística, área de concentração Linguagem e Sociedade, defendida em 06 de dezembro de 2013 e aprovada pela banca examinadora constituída por:

Professora Doutora VIVIANE CRISTINA VIEIRA SEBBA RAMALHO
Universidade de Brasília (UnB) – Presidenta

Professor Doutor ALEXANDRE SIMÕES PILATI
Universidade de Brasília (TEL/UnB) - Membro titular externo

Professora Doutora JANAÍNA DE AQUINO FERRAZ
Universidade de Brasília (PPGL/UnB) - Membro titular interno

Professora Doutora ORMEZINDA MARIA AYA RIBEIRO
Universidade de Brasília (LIP/UnB) - Membro suplente

Ao meu pai Luís Mauro e a minha mãe Mônica por me apoiarem e me suportarem.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação de mestrado é fruto não só de minha dedicação, mas também de um esforço incomensurável de várias pessoas ao meu redor. Primeiramente, agradeço meu pai **Luís Mauro** pelo incentivo ao meu percurso acadêmico e pela calma ao lidar com todos os assuntos relacionados. A minha mãe **Mônica** por todo amor do mundo e por tentar compreender, até o fim, que a biblioteca da UnB, apesar de tudo, ainda é um ótimo lugar para estudar. A minha avó **Lenita** por estar presente neste momento e por falar com tanto orgulho de meu mestrado em Linguística. Agradeço **Flora Aggio** pelos anos de amizade e por todas as vezes que ouviu meus lamentos e meus contentamentos sobre este parto chamado dissertação. À **Fernanda Fachina** por trazer poesia a minha vida e por me acompanhar nos infundáveis dias de estudo. Aos colegas de pesquisa em ADC, especialmente **Fernando Fidelix** pelo entusiasmo invejável e **Marcos Passos**, que me acompanha desde a graduação. Agradeço **Ângela** e **Renata** da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Linguística por sempre solucionarem os meus problemas burocráticos com muita gentileza. Ao professor **Dioney Moreira Gomes**, no papel de professor, coordenador e pessoa, por sempre acreditar no potencial dos discentes. À querida professora **Viviane Vieira**, que cedeu as minhas estratégias persuasivas e aceitou me orientar, tarefa que cumpriu com muita dedicação e delicadeza. À professora **Janaína Ferraz** pela oportunidade de iniciação científica na graduação, que expandiu meus horizontes e me permitiu concluir mais esta etapa. Agradeço o professor **Alexandre Pilati** pelas melhores aulas de literatura que tive, por contribuir para esta pesquisa com seu senso crítico incrível e por ser o exemplo de profissional que almejo ser um dia. Ao **Benjamin Moser** por compartilhar o amor clariceano com o resto do mundo. À **Capes** pelos meses de bolsa que permitiram minha dedicação exclusiva a esta pesquisa. Em memória, agradeço meus avós **Iracema**, **Max** e **José Mauro** por terem investido em minha educação formal durante tanto tempo. Gostaria que vocês estivessem aqui.

Arte não é pureza: é purificação. Arte não é liberdade: é libertação.
Clarice Lispector, em *Objeto gritante*.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar os processos de recontextualização de excertos das obras *Perto do coração selvagem* (1943) e *Um sopro de vida (Pulsações)* (1978), da escritora Clarice Lispector, no ciberespaço. Para tal, recorre-se ao aporte teórico-metodológico de Fairclough (2001, 2003) e Chouliaraki & Fairclough (1999) em Análise de Discurso Crítica, que concebem a linguagem como parte irredutível da vida social. Os objetivos específicos da pesquisa são: (i) analisar aspectos da conjuntura em que ocorre a socialização e a recontextualização das obras literárias supracitadas, enfatizando a relação existente entre a literatura clariceana e as práticas sociais contemporâneas; (ii) investigar potenciais reconfigurações da literatura nas mídias digitais a partir da relação texto/contexto; (iii) identificar as potencialidades do ciberespaço no processo de popularização da arte literária. Dessa forma, realizamos a análise de textos coletados no ciberespaço no período de 2007 a 2013, sendo eles escritos e/ou imagéticos, que contenham citações de Clarice Lispector, vislumbrando questões discursivas e literárias acerca da problemática referente aos letramentos característicos da modernidade tardia (GIDDENS, 2002). A investigação proposta é qualitativa, predominantemente documental, sincrônica e de caráter crítico-explanatório, conforme princípios da abordagem teórica e metodológica da ADC. Os principais resultados convergem para a noção de que os textos literários no ciberespaço, ainda que fragmentados, alimentam a consciência sensível da sociedade, podendo impulsionar caminhos para o rompimento com o sistema estabelecido.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso Crítica; ciberespaço; literatura; Clarice Lispector; recontextualização.

ABSTRACT

This research aims to investigate the processes of recontextualization of excerpts from the novels *Near to the wild heart* (1943) and *A breath of life* (1978), from the writer Clarice Lispector, in cyberspace. To this, we resort to the theoretical-methodological work of Fairclough (2001, 2003) and Chouliaraki & Fairclough (1999) in Critical Discourse Analysis, which conceives language as an irreducible part of social life, dialectically interconnected with other elements of social life. The specific objectives of the research are: (i) analyze aspects of the context in which socialization and recontextualization of the literary works occurs, emphasizing the relationship between Lispector's literature and contemporary social practices, (ii) investigate potential resettings of literature in digital medias from the relationship text/context, (iii) identify the potential of cyberspace in the process of popularization of literary art. For this purpose, there is the analysis of texts, written and/or imagetics, collected in cyberspace between 2007 and 2013, containing quotes from Clarice Lispector, perceiving linguistic and literary issues about the problematic related to the specific literacies in late modernity (GIDDENS, 2002). The proposed research is qualitative, predominantly documentary, synchronic and criticality-explanatory, as the theoretical and methodological of the CDA approach. The main results converge on the notion that literary texts in cyberspace, despite fragmented, feed the sensitive conscience of society, promoting in readers a desire of breaking the established system.

KEYWORDS: Critical Discourse Analysis; cyberspace; literature; Clarice Lispector; recontextualization.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo general investigar los procesos de recontextualización de fragmentos de las obras *Cerca del corazón salvaje* (1943) y *Un soplo de vida* (1978) de la escritora Clarice Lispector en el ciberespacio. Para ello, se recurre al trabajo de Fairclough (2001, 2003) y Chouliaraki & Fairclough (1999), del análisis crítico del discurso, en el que se considera el lenguaje como parte irreductible de la vida social. Los objetivos específicos del trabajo son los siguientes: (i) analizar el entorno en que se produce la socialización y la recontextualización de las citadas obras literarias, enfatizando la relación entre la literatura linspectoriana y las actuales prácticas sociales, (ii) investigar posibles reconfiguraciones de la literatura en los medios digitales a partir de la relación texto y contexto, (iii) identificar las potencialidades del ciberespacio en el proceso de popularización del arte literario. Con ese fin, se hace el análisis de textos, escritos y/o imagéticos, recogidos en el ciberespacio entre 2007 y 2013, que contienen citas de Clarice Lispector, para alumbrar los problemas lingüísticos y literarios sobre el asunto de las alfabetizaciones exigidas en la modernidad tardía (GIDDENS, 2002). La propuesta de investigación metodológica es cualitativa, predominantemente documental, sincrónica y de carácter crítico-explicativo, de acuerdo con el enfoque teórico y metodológico del análisis crítico del discurso. Los principales resultados convergen en la idea de que los textos literarios en el ciberespacio, aunque fragmentados, alimentan la conciencia sensible de la sociedad, proporcionando vías para la ruptura con el sistema establecido.

PALABRAS CLAVE: Análisis Crítico del Discurso; ciberespacio; literatura; Clarice Lispector; recontextualización.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1.1 – Percentual da população com acesso à internet em 2011, p. 35

Tabela 3.1 – Configuração final do *corpus*, p. 61

Tabela 3.2.1 – Ontologia estratificada do Realismo Crítico, p. 64

Figura 3.2.2 – Realidade estratificada do Realismo Crítico, p. 65

Figura/Texto 4.1.1 – Sou feliz na hora errada. Infeliz quando todos dançam, p. 72

Figura/Texto 4.2.1 – Citação de *Perto do coração selvagem*, p. 79

Figura/Texto 4.2.2 – Citação de *Um sopro de vida*, p. 81

Figura/Texto 4.3.1 – Placa do restaurante universitário da Universidade de Brasília, p. 88

Figura/Texto 4.3.2 – Comercial da fabricante de carros *Fiat* com o grupo humorístico *Porta dos Fundos*, p. 89

Figura/Texto 4.3.3 – Postagem no *Tumblr* atribuída a Clarice Lispector, p. 90

SUMÁRIO

Apresentação, p. 13

Capítulo 1 – Reflexões sobre literatura e sociedade, p. 16

1.1 Literatura e sociedade, p. 16

1.2 Conjuntura de produção das obras *Perto do coração selvagem* (1943) e *Um sopro de vida* (1978), p. 22

1.3 Conjuntura de composição, produção e recepção/consumo das obras em foco do ano 2007 ao ano 2013, p. 31

Capítulo 2 – Aspectos teóricos da Análise de Discurso Crítica, p. 41

2.1 Análise de Discurso Crítica de vertente britânica e latino-americana, p. 41

2.2 Reflexões sobre linguagem e sociedade, p. 48

2.3 Mídias digitais, ciberespaço e cibercultura, p. 50

2.4 Letramentos, eventos de letramento e letramento midiático, p. 55

Capítulo 3 – Abordagem metodológica do estudo, p. 59

3.1 Abordagem teórico-metodológica do estudo, p. 59

3.2 Arcabouço crítico-explanatório da ADC para estudos discursivos: breves considerações sobre o Realismo Crítico, p. 63

Capítulo 4 – Análise de dados documentais netnográficos: um olhar sobre aspectos (inter)acionais em textos do ciberespaço, p. 67

4.1 Gêneros, p. 68

4.2 Intertextualidade, p. 74

4.3 Ironia e estrutura visual, p. 84

Considerações finais, p. 92

Referências bibliográficas, p. 94

Anexos, p. 103

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa é parte das atividades desenvolvidas no projeto “Gêneros discursivos, representações e identidades nas mídias”, coordenado pela Profa. Dra. Viviane Ramalho (RAMALHO, 2010, 2012, 2013; SILVA & RAMALHO, 2008, 2012; RESENDE & RAMALHO, 2011, 2012). Neste estudo específico, de minha autoria, investigo diversos processos sociais e discursivos que permitem evidenciar a criação de novos espaços para o consumo da literatura. Assim sendo, esta pesquisa tem como foco a análise da recontextualização do texto literário clariceano¹ em diferentes meios, de forma com que haja uma problematização de diferentes práticas sociais por meio do texto. Para que se possa compreender os processos que permeiam as novas possibilidades de (re)leitura e de (re)escrita dos romances da escritora Clarice Lispector na contemporaneidade, investigam-se os excertos dos romances *Perto do coração selvagem* (1943) e *Um sopro de vida (Pulsações)* (1978) presentes no ciberespaço.

No primeiro capítulo, discute-se a relação da literatura com a sociedade utilizando conceitos estabelecidos, essencialmente, por Bakhtin (2006, 2011) e Candido (2010). É fundamental, também, a abordagem da conjuntura de composição e de recepção dos romances em foco, de Clarice Lispector, com base em dados históricos e biográficos, perpassando por diversas outras obras relevantes da autora, a fim de contrastar com o período atual de recepção. Posto isso, faz-se a análise da conjuntura de composição, produção e consumo dos romances clariceanos, do ano 2007 ao ano 2013, enfatizando a extrapolação para outros meios artísticos, como a realização de peças teatrais e exposições.

Ao propor uma visão acerca das práticas sociais envolvidas, recorre-se ao trabalho desenvolvido por Fairclough (2001, 2003) em *Análise de Discurso Crítica*, o qual considera a linguagem como parte irreduzível da vida social, dialeticamente interconectada a outros elementos da vida social. Posto isso, os objetivos específicos da pesquisa são: (i) analisar a conjuntura em que ocorre a socialização e a recontextualização das obras literárias supracitadas, enfatizando a relação existente entre a literatura clariceana e as práticas sociais contemporâneas; (ii) investigar se há uma nova configuração da literatura nas mídias digitais a partir da relação texto/contexto; (iii) identificar as potencialidades do ciberespaço no

¹ Apesar da forma “clariciano” ser mais recorrente em pesquisas, opto por utilizar “clariceano/a” em todo texto, assim como Cunha (2007).

processo de popularização da arte. Para tal, há a análise de textos, sendo eles multimodais, que contenham citações de Clarice Lispector, vislumbrando questões linguísticas e literárias acerca da problemática referente aos letramentos exigidos na modernidade tardia (GIDDENS, 2002).

A partir do pressuposto de que a ADC, conforme Chouliaraki e Fairclough (1999), possui um enquadramento em uma visão científica de crítica social, pode-se afirmar que seu objeto é propor uma reflexão acerca das mudanças sociais contemporâneas. Logo, caracterizando o fenômeno enquanto cultura, a tecnologia não é um ator separado da sociedade. Ao contrário, as técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade. Para Lévy (2009), é impossível separar o mundo humano de seu ambiente material, assim como é extremamente complexo separá-los dos signos e imagens por meio dos quais o indivíduo atribui sentido à vida e ao mundo. Assim, as práticas no ciberespaço carregam consigo uma dimensão socializadora, promovem uma rede social complexa, e não apenas tecnológica, cabendo ressaltar que o ciberespaço não determina o desenvolvimento da inteligência coletiva, apenas *favorece* a essa inteligência um ambiente propício.

A investigação proposta é qualitativa, predominantemente documental, sincrônica e de caráter crítico-explanatório, conforme a abordagem teórica e metodológica da ADC. Com base em considerações sobre o caráter netnográfico e sobre o Realismo Crítico em confluência com a ADC, os principais resultados convergem para a noção de que os textos literários no ciberespaço, ainda que fragmentados, alimentam a consciência sensível da sociedade, impulsionando nos leitores um desejo de rompimento espaço-temporal.

A análise dos dados documentais que constituem o *corpus* principal apresentado faz uso das categorias analíticas propostas por Fairclough (2003). Assim, aborda-se a questão do gênero e da estrutura genérica, sobretudo como um modo de interação, ou seja, em consonância com as práticas particulares estudadas. Em seguida, destaca-se a relevância dos estudos referentes à intertextualidade em citações no ciberespaço para que, dessa forma, seja possível compreender de maneira mais densa como ocorre o processo de referencialização do mundo com base em uma perspectiva estético-literária. Por fim, almeja-se compreender a ironia, fenômeno inerentemente intertextual, juntamente com a estrutura visual, a partir das multiplicidades de sentido existentes no enunciado.

Além disso, há a sustentação do conceito de *literatura genérica* para se referir aos textos produzidos em uma conjuntura que evidencia particularidades sobre questões referentes

à autoria, ao meio de veiculação e à multiplicidade de sentidos atribuídos aos textos literários. A genericidade diz respeito, então, a uma espécie de universalização do texto literário e também ao processo de metamorfose do gênero textual, pois este se torna mais fluido e híbrido, influenciando o próprio discurso e estilo dos sujeitos sociais envolvidos na atividade.

CAPÍTULO 1

Reflexões sobre literatura e sociedade

Clarice,
veio de um mistério, partiu para outro.

Ficamos sem saber a essência do mistério.
Ou o mistério não era essencial,
era Clarice viajando nele.

Era Clarice bulindo no fundo mais fundo,
onde a palavra parece encontrar
sua razão de ser, e retratar o homem.

[...]

Visão de Clarice, de Carlos Drummond de Andrade

Na primeira subseção deste capítulo, discorre-se sobre a relação existente entre literatura e sociedade com base em conceitos estabelecidos, essencialmente, por Bakhtin (2006, 2011) e Candido (2010). É abordada, na segunda subseção, a conjuntura de composição e de recepção das obras *Perto do coração selvagem* (1943) e *Um sopro de vida (Pulsações)* (1978), de Clarice Lispector, com base em dados históricos e biográficos, perpassando também por diversas outras obras relevantes da autora. Por fim, analisa-se a conjuntura de composição, produção e recepção/consumo das obras em foco do ano 2007 ao ano 2013, propondo uma visão acerca das práticas sociais envolvidas.

1.1. Literatura e sociedade

O conceito de literatura é maleável, dependendo da conjuntura na qual há a tentativa de entendimento do termo, como Eagleton (1997) explana. Assim como ocorre com a definição de linguagem, a literatura pode ser compreendida por diversos prismas e a ocorrência desse fato apoia-se também por se tratar de aspectos essencialmente subjetivos. Tem-se, em Compagnon (2003, p. 36), uma tentativa de compreender o que é literatura e, para tal, observa-se, em primeiro lugar, a sua função. A partir de uma perspectiva marxista, o autor afirma que “a literatura serve para produzir um consenso social; ela acompanha, depois substitui a religião como ópio”.

A literatura é propiciada por elementos sociais e, potencialmente, contribui para a construção de um todo, ideareamente falando. Não obstante, a literatura possui um caráter emancipatório, tendo potencial para a ruptura de padrões na sociedade, sendo estes políticos, sociais, entre outros. O paradoxo, pois, apresentado por Compagnon diz respeito à dualidade na função da literatura, tendo em vista que ela pode estar de acordo com a sociedade ou em desacordo, precedendo movimentos.

Eagleton (1997) afirma que literatura “trata-se de um tipo de linguagem que chama atenção para si mesma e exhibe sua existência material”. Em outras palavras, há uma preocupação estética na produção literária. Já de acordo com Candido (2010, p. 21), “a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais”. Há, todavia, a necessidade de se atentar para o fato de que não podemos considerar somente os aspectos sociais como decisivos na estruturação da literatura, mas também os elementos psíquicos.

Confrontar uma obra literária tendo como base somente a realidade exterior é assumir um simplismo inexistente e também ignorar o aspecto deformante do trabalho artístico com a própria subjetividade do autor/narrador. Ao passo que, a exemplo do esforço de um artista para criar uma imagem definida de uma personagem, cabe somente conjecturar acerca do fluxo psicológico e das causas temporais. Bakhtin aborda essa questão em *Estética da Criação Verbal* (1979), tendo em vista que não é possível averiguar o processo de construção como algo estritamente psicológico, pois isso não diz respeito à estética. Nas palavras de Bakhtin (2011, p. 06), “o autor não é agente da vivência espiritual, e sua reação não é um sentido passivo nem uma percepção receptiva; ele é a única energia ativa e formadora, dada não na consciência psicologicamente agregativa mas em um produto cultural de significação estável, e sua reação ativa é dada na estrutura [...]”. É nesse âmbito que há a tendência, principalmente nos estudos críticos literários contemporâneos, de romper com a dicotomia clássica entre fatores externos e internos, pois essa perspectiva é ultrapassada e não responde mais as perguntas feitas acerca do processo de criação literária. Ainda de acordo com Bakhtin, o autor e a personagem não são elementos do todo artístico da obra, mas sim elementos de uma “unidade prosaicamente concebida da vida psicológica e social” (BAKHTIN, 2011, p. 07).

Já em *Questões de Literatura e Estética*, Bakhtin (1975) afirma que “a forma e o conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social - social em todas as esferas da sua existência e em todos os seus momentos – desde a imagem sonora até os

estratos semânticos mais abstratos” (BAKHTIN, 1988, p. 71). Nesse sentido, há uma atenção especial para problemática da estilística, pois esta acaba por ignorar a organicidade das palavras, o discurso literário, enfatizando, então, um tratamento linguístico isolado, e até descritivista, das palavras. Até o século XX, os estudos acerca da prosa literária – discursivamente falando – eram uma espécie de adaptação de teorias poéticas, fazendo uso de categorias estilísticas já consolidadas. Havia também uma espécie de consenso sobre a ideia de que o discurso do romance não possuía uma elaboração estilística particular, se configurando, textualmente, de cunho estritamente comunicacional, ou seja, sem relevância literária.

É somente a partir dos anos 20 do século XX que a noção de discurso romanesco em prosa na estilística começa a ser revertida. Tal fato ocorreu a partir de análises estilísticas concretas do gênero em questão e também por meio de tentativas que almejavam diferenciar a originalidade estilística entre a prosa e a poesia. A partir desse esforço, constatou-se que tanto as categorias estilísticas quanto a concepção de discurso poético eram inaplicáveis ao discurso romanesco. Bakhtin reforça que “o romance, tomado como um conjunto, caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal” (BAKHTIN, 1988, p. 73). Nesse sentido, temos uma triangulação essencialmente heterogênea constituída por planos linguísticos, unidades estilísticas e leis estilísticas. A originalidade estilística do romance está na combinação das unidades estilísticas, que são subordinadas à uma unidade superior do conjunto, ou seja, o estilo e a linguagem do romance são uma combinação de estilos e de “línguas”. O romance é, pois, “uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais” (BAKHTIN, 1988, p. 74).

A análise do estilo romanesco pode partir de um destaque do gênero e da obra, examinando-o como fenômeno da própria linguagem presente no romance ou também por um destaque de um dos estilos subordinados ao todo. Em ambos os casos, o estilo pode ser apreendido como uma individualização da língua geral em um sentido saussuriano, pois a estilística pode ser observada como uma linguística de enunciações. O enunciado é a concretização linguística, a unidade real da comunicação discursiva, que, ao ser recontextualizado, passa a ter um sentido até então inédito. Dessa forma, é possível afirmar que o sentido do enunciado está diretamente relacionado à conjuntura de produção, assim como explana Bakhtin (2006): “o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as entonações, as formas morfológicas ou

sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação” (BAKHTIN, 2006, p. 132).

Candido (2010, p. 32) afirma que “a palavra seria pois, ao mesmo tempo, forma e conteúdo, e neste sentido a estética não se separa da linguística”. No caso, a estética é uma questão de perspectiva e jamais a precedência do estético considera a obra como produto do meio. Reiterando, Schwarz também sustenta que não se deve opor estético a social, pois, segundo ele, “a forma é considerada como síntese profunda do movimento histórico” (SCHWARZ, 1987, p.135).

Cabe evidenciar que a literatura não é a sociedade pura e simplesmente, a sociedade está processada na literatura. Há a utilização de elementos de universalização, e esses elementos não são reproduzidos por mero espelhamento da realidade em uma relação texto/contexto. O texto literário é uma presentificação da realidade, e a realidade é o que o texto instaura nos limites do seu espaço de construção. É neste espaço de construção que ocorre a significação, ou seja, a intensificação de uma experiência real através da nomeação linguística. Contudo, é o aspecto articulatório - significado - que leva à intensificação. Assim sendo, a obra é um ato a ser reconstruído pela decodificação dos seus componentes, ou seja, por meio da leitura.

De acordo com a Teoria da Recepção de Hall (1980), os textos presentes na mídia são “codificados² pelo produtor” e este processo engloba, invariavelmente, a ideologia. A partir da conceitualização crítica de ideologia segundo Thompson (1995), a Análise de Discurso Crítica delimita que ela sempre ocorre em função de uma luta hegemônica. Nesse sentido, pode-se dizer que a codificação de um texto literário perpassa por caminhos ideológicos e que, posteriormente, esse mesmo texto será decodificado pelos leitores. Todavia, é necessário salientar que os textos não são codificados apenas pelo produtor, tendo em vista que o produtor acessa codificações que estão ao seu dispor em seu tempo porque são historicamente construídos.

A decodificação, por sua vez, é passível de infinitas formas de leituras, e não somente a que seria, inicialmente, pretendida pelo autor. Esse fato ocorre porque, como observa Hall (1980), o/a leitor/a não é meramente um sujeito passivo na ação da construção de um texto. Sendo assim, o processo de significação de um texto ocorre a partir de uma relação entre o

² Os termos relacionados à codificação (Hall, 1980) devem ser relativizados, visto que rejeita-se a noção de sujeito passivo participante de um processo mecânico.

objeto e o leitor, passando pelas experiências individuais e sociais, em um determinado contexto histórico, dos atores envolvidos.

A partir do conceito de recepção mencionado acima, faço uso de duas citações encontradas nas mídias digitais para exemplificar o processo de recontextualização do texto de Clarice Lispector. Os excertos em questão fazem parte do romance *Um Sopro de Vida*, publicado postumamente em 1978, e que possui a já notória característica da autora, a presença do fluxo de consciência. *Um Sopro de Vida* retrata uma relação conflituosa entre o Autor e a sua personagem – Ângela Pralini – que também possui uma introspecção acentuada por si só.

É, no mínimo, peculiar que os excertos mais compartilhados de tal obra não possuam qualquer referência à Ângela e/ou ao Autor, e sim se tratem de passagens que podem ser lidas de uma forma que chega a ser genérica. Há uma tentativa, um esforço de remoção de qualquer traço de identidade das personagens porque, de certa forma, o enunciado passa a fazer sentido em outro contexto, o contexto de produção do próprio receptor da obra literária. Outra particularidade apresentada pelas citações é o fato de ambas possuírem o uso de reticências, o que, sob esta análise, é uma marca clara de fragmentação do discurso. Torna-se possível, então, afirmar que o processo de recepção e de socialização da obra clariceana é capaz de tornar a materialidade literária mais universal, desvinculando-se de aspectos imbricados ao enredo original.

A literatura genérica – aqui defendida – não é uma nomenclatura que designa algum determinado público-alvo, a exemplo a literatura infantil, ou que agrupa as/os autoras/autores a partir de determinada característica em comum, como a literatura lésbica. A literatura genérica diz respeito a uma conjuntura contemporânea que abarca particularidades sobre questões referentes à autoria, ao meio de veiculação e à multiplicidade de sentidos atribuídos aos textos literários. Para Candido (2010), o escritor desempenha um papel social em uma determinada sociedade, e, sob esse prisma, reitera-se que ele não é apenas um indivíduo – entre tantos outros – afortunado por exprimir a sua originalidade. Se já não era mais cabível para a teoria desvincular o autor do meio no processo de produção, então, atualmente, faz-se necessário incluir o público como um agente no processo ativo de significação do texto, pois este o experiencia em sua incompletude irrefutável. A obra literária não é um produto finalizado, pois é inerentemente dinâmica e suscetível a infinitas modificações quando participante do processo de circulação.

Há infinitas possibilidades de leitura dentro de um limite estabelecido pelo código, ou seja, a tradição linguística é responsável por restringir a liberdade da linguagem. Ainda assim, a leitura possibilita a subversão/distorção das palavras, processo este tido como social. Para melhor explanação, é possível exemplificar por meio do processo metafórico, que é um impulso claro da produção individual, mas que se limita devido certos aspectos, como a própria cosmovisão. Segundo Lakoff & Johnson (2002), a essência da metáfora é “compreender uma coisa em termos de outra”. Compreendemos aspectos particulares do mundo de acordo com nossa experiência física e cultural, em termos de outros aspectos, estabelecendo correlações (RESENDE & RAMALHO, 2006, p.88). A linguagem figurada é responsável por construir significados identificacionais específicos, moldados por aspectos culturais, em determinado texto, ocorrendo, assim, uma organização potencializadora da linguagem.

Há dois elementos que determinam o texto como enunciado, sendo eles a ideia – ou potencial para construção/consumo de sentidos – e a própria realização da intenção. É exatamente como consequência do embate entre esses dois elementos que o texto se constitui como enunciado, que, por sua vez, possui sua fundação constituída por meio da singularidade e, concomitantemente, da multiplicidade. Apesar de, à primeira vista, parecer contraditório, é possível afirmar que o enunciado é como o identificamos devido aos elementos disseminados exteriormente ao texto, como o que vem a ser meio e material, e também aos elementos particulares, como a dialética do próprio autor.

De acordo com Bakhtin (2011), nenhum fenômeno da natureza tem real significado, salvo os signos, e, posto isso, qualquer estudo semiótico se inicia necessariamente pela compreensão. “A compreensão de um texto sempre é um correto reflexo do reflexo. Um reflexo através do outro no sentido do objeto refletido” (BAKHTIN, 2011, p. 311). Retoma-se, com tal assertiva, a relação existente entre o ciberespaço e o literário, pois aquele se constitui como um meio que propicia a reprodução/ressignificação do texto. Nesse âmbito, as competências envolvidas nos diversos letramentos (midiáticos) presentes no ciberespaço – conforme subseção 2.4 – possibilitam a produção de conhecimento, ou reprodução de um texto, não somente concatenando a noção de reflexão, mas também de *refração*.

A refração, na física, é o fenômeno que ocorre quando a luz passa de um meio para outro e, em consequência disso, sua velocidade e sua direção de propagação são alteradas. O ciberespaço, por ser um meio diferente do analógico, viabiliza ao texto um direcionamento inédito, alcançando novos estratos da sociedade, e tal mudança dialoga também com a

velocidade de propagação, visto que, ao ser veiculado em mídias digitais, o texto tende a ser reproduzido mais amplamente e também mais rapidamente. Dessa forma, há uma ruptura espaço-temporal envolvida no processo que é, por sua vez, uma característica básica da modernidade tardia – vide subseção 2.3.

1.2. Conjuntura de produção das obras *Perto do coração selvagem* (1943) e *Um sopro de vida* (1978)

Perto do coração selvagem, o romance de estreia de Clarice Lispector, foi escrito entre março e novembro de 1942, quando a escritora tinha apenas 21 anos e ainda estudava Direito na Universidade do Brasil – atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – e trabalhava como jornalista. Conforme consta na biografia *Clarice, uma biografia*, produzida pelo norte-americano Benjamin Moser e publicada em 2009, a autora construiu o livro rabiscando anotações em seu caderno sempre que lhe elas ocorriam e, justamente por isso, havia uma enorme preocupação de que o livro acabasse por se tornar uma compilação heterogênea de anotações, e não propriamente um romance. Martha Alkmin, no sítio do Instituto Moreira Salles³, expõe uma breve sinopse do livro:

oscilando entre reminiscências do passado e referências exteriores da realidade presente, Joana, a órfã de mãe e de pai, a que sente pena das galinhas, a inadaptável aos lugares, a vocacionada para o mal que destila veneno e ironia; Joana, a que tivera “vontade de se dissolver até misturar seus fios com o começo das coisas” e que um dia “haveria de reunir-se a si mesma”, atinge o leitor como uma seta no centro do alvo. Seu movimento de descida em direção a si própria faz surgir uma paisagem feita de cavidades e subterrâneos onde queima o impulso informe e audaz da vida, que, em sua verdade incomunicável, a tudo chama criação e nascimento.

O crítico Francisco Assis Barbosa foi, junto com Lúcio Cardoso, um dos primeiros a entrar em contato com os manuscritos de Clarice e, segundo ele (apud Moser, 2009, p. 191), “à proporção que ia devorando os capítulos que estavam sendo datilografados pela autora fui me compenetrando que estava diante de uma extraordinária revelação literária”. Assim, Barbosa encaminhou *Perto do coração selvagem* do “Furacão Clarice” para a editora *A Noite*, empresa onde ambos trabalhavam à época, que publicou o livro em meados dezembro de

³ <http://claricelispectorims.com.br/Books/bookPerBook/11>

1943. Mil exemplares foram impressos e, como forma de pagamento, a autora ficou com 100 deles, que foram enviados aos críticos assim que ficaram prontos.

A estreia foi um sucesso e resenhas sobre o romance podiam ser vistas pelo Brasil, principiando pelas grandes capitais, até mesmo um ano após a sua publicação, sendo considerada a “a maior estreia feminina de todos os tempos na literatura brasileira” pelo jornal *A Manhã*. Já nas palavras do crítico Lêdo Ivo, no *Jornal de Alagoas*, em 25 de fevereiro de 1944, “*Perto do coração selvagem* é o maior romance que uma mulher jamais escreveu em língua portuguesa”. Em 3 de maio de 1944, de acordo com Sousa (2000) e Moser (2009), o jornal *Folha Carioca* solicitou que seus leitores elegessem o melhor romance de 1943 e *Perto do coração selvagem* obteve a primeira colocação com 457 votos, um número surpreendente levando em consideração que somente 900 exemplares do livro foram colocados à venda. Seguem abaixo os resultados na referente categoria que obteve um total de 1468 votos “populares”⁴:

1º) *Perto do coração selvagem*, Clarice Lispector – 457 votos;

2º) *Terras do sem fim*, Jorge Amado – 378;

3º) *Fogo morto*, José Lins do Rego – 312;

4º) *A quadragésima porta*, José Geraldo Vieira – 166;

5º) *Dias perdidos*, Lúcio Cardoso – 74;

6º) *O agressor*, Rosário Fusco – 67;

7º) *Fronteira agreste*, Ivan Pedro de Martins – 8;

8º) *Marco zero*, Oswald de Andrade – 6.

Outro fato notável em sua conjuntura de recepção, e salientado pelo professor e crítico português Carlos Mendes de Sousa, em *Clarice Lispector – Figuras da Escrita* (2000), foi o Prêmio Graça Aranha referente a 1943, concedido a *Perto do Coração Selvagem* como mérito para obras estreadas. O prêmio acabou por contribuir no processo de canonização de Clarice Lispector, que se concretizou somente após aproximadamente vinte anos, quando houve o lançamento de *Laços de família* (1960) e *A paixão segundo G.H.* (1964). Poucos meses depois, o triunfo do prêmio ainda ecoava pela imprensa nacional como pode-se observar na citação de Valdemar Cavalcanti, publicada na *Folha Carioca* de 18 de outubro de 1944:

⁴ Fonte: SOUSA, Carlos Mendes de. *Clarice Lispector - Figuras da Escrita*. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, 2000, p. 66.

chegou uma força nova da nossa ficção: Clarice Lispector. Não houve melhor estreia em 1943. Foi um romance rico de substância humana que nos surpreendeu a escritora creio que então adolescente, quase desconhecida então, autora apenas de meia dúzia de contos e artigos divulgados em revistas. Ela nos trouxe qualquer coisa de importante, senão de essencial, às nossas letras de ficção.

À época do lançamento de seu primeiro romance, Clarice Lispector ainda era referenciada como uma escritora exótica e estrangeira e tal percepção era constantemente relatada nos diversos textos veiculados na imprensa. Havia sempre uma ênfase no diferente ou até no enigmático da obra e, indubitavelmente, *Perto do coração selvagem* se desvinculava do que era recorrente no âmbito literário brasileiro, enfatizando o monólogo interior como “a mais séria tentativa de romance introspectivo”, segundo o crítico Sérgio Milliet (MILLIET apud Moser, 2009, p. 192). Além disso, não havia em sua narrativa, pelo menos não de forma escancarada, o tão essencial “instinto de nacionalidade” machadiano.

A literatura brasileira do século XX possuiu sua maior ruptura no que tange a estética a partir do movimento modernista, que obteve na Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, o seu marco fundamental. Apesar da busca por uma identidade nacional já ter se iniciado no Romantismo brasileiro durante, principalmente, o século XIX, foi o Modernismo que suscitou uma maior reflexão acerca do fazer literário e também da dialética *local/universal*. Ainda que Clarice Lispector (1920-1977) seja cronologicamente posterior ao estopim modernista, não há dúvidas de que sua produção explora – também – a cor local brasileira, mesmo que tal fato não ocorra por meio das descrições regionalistas, como as de Guimarães Rosa. O *lugar* trabalhado por Clarice é justamente o não lugar, e tal fato desreferenciador converge para a noção de língua como próprio território. Percebe-se, por conseguinte, que sua prosa enfatiza mais o processo narrativo por si só do que o que é narrado e, conforme Lêdo Ivo (2004, p. 161), “a estrangeiridade de sua prosa é uma das evidências mais contundentes de nossa história literária e, ainda, da história de nossa língua”.

Conforme Cristina Ferreira Pinto (1990, p. 81), “Lispector é, claro, o elemento que faltava. Antonio Candido em um dos primeiros ensaios críticos sobre a autora, comenta a falta de ‘aprofundamento [da] expressão literária’ na prosa brasileira, falta que Clarice Lispector, segundo ele, vem suprir. Justamente por apresentar tal ineditismo, Clarice era raramente comparada a outros autores brasileiros, mas, em contrapartida, era referenciada a partir de nomes como Virginia Woolf, Proust e Dostoiévski. Todavia, tais comparações não pareciam ser bem-vindas para autora, que escreveu, certa vez, a sua irmã Tania: “As críticas, de um modo geral, não me fazem bem”; e, respondendo a uma crítica de Álvaro Lins, contesta: “A

do Álvaro Lins [...] me abateu e isso foi bom de certo modo. Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de ‘representante comercial’ deles” (LISPECTOR E MONTERO, 1944, p. 38). Candido dialoga com tal perspectiva ao criticar os autores que, então, pensavam que “o impulso generoso que os anima supre a rudeza do material” (MELLO E SOUZA, 1944). O que, dessa forma, a distinguia dos demais autores brasileiros era simplesmente a concepção diferente de arte imbricada em seu romance. Acerca disso, e segundo Milliet (MILLIET apud MOSER, 2009, p. 193), *Perto do coração selvagem* representava a conquista da “harmonia preciosa e precisa entre a expressão e o fundo”.

Outra característica distinta da produção clariceana e que, por vezes, acaba sendo alterada em mídias digitais, é a sua sintaxe incomum, intensificada pela preferência consciente em retirar/ausentar vírgulas que, naturalmente, seriam adicionadas por revisores de textos. Clarice era plenamente ciente de suas escolhas linguísticas e tal fato fazia também com que qualquer processo de tradução de sua obra fosse um árduo trabalho e que tendia a modificar substancialmente o original. *Perto do coração selvagem* foi seu primeiro livro publicado no exterior, em 1954, após ter sido vendido para a editora Plon, de Paris, e inevitavelmente sofreu com os problemas supracitados. Acerca disso, Moser (2009, p. 306) afirma que “não importa quão estranha a prosa de Clarice soe em tradução, ela soa igualmente insólita no original”, o que acaba por sustentar o argumento de que, mesmo em português brasileiro e na contemporaneidade, a escrita clariceana esboça um mistério que tende a ser revelado pelo leitor em seus processos de leitura e releitura.

Ainda que *Perto do coração selvagem* tenha sido um sucesso de recepção na época de lançamento tanto de críticos como de leitores que tiveram acesso a sua literatura, tal feito não foi capaz de garantir à Clarice qualquer tipo de calma no que tange a questão editorial de suas próximas obras. O que era esperado, e também o que seria mais pertinente, era que a autora pudesse escolher a sua próxima editora dentre diversas possibilidades. Todavia, *O lustre*, seu romance sucessor que começou a ser escrito em março de 1943, não seria publicado pela tão almejada Editora José Olympio – atualmente pertencente ao Grupo Editorial Record –, mas sim pela Agir, uma editora católica⁵, por esforços de seu amigo Rubem Braga. A dificuldade em conseguir uma editora para *O lustre* demonstrou a delicada recepção que o livro teve na conjuntura e, em contraste a recepção com o intenso e

⁵ Tal fato causou estranheza na judia Clarice Lispector.

fragmentado *Perto do coração selvagem*, percebe-se que o nome *Clarice Lispector* ainda não era tido como uma Instituição, como um cânone nacional.

O seu próximo título a ser lançado foi *A cidade sitiada* (1949) e com ele Clarice também teve dificuldade em publicar, sendo rejeitado até pela católica editora Agir. A escolha não pode ter sido outra que não *A Noite*, responsável pela publicação de *Perto do coração selvagem* cinco anos antes. Ainda assim, o livro foi um fracasso, o que acabou por enfatizar o vazio existente no que tange a questão de recepção de suas obras literárias.

A maçã no escuro (1961), concluído em 1956, foi outra obra sua que, após um longo atraso aparentemente sem motivo, quase não foi publicada. Na época, o então presidente Juscelino Kubitchek, de acordo com Moser (2009), havia eliminado impostos sobre o papel e, em consequência disso, o mercado editorial se expandiu. Em 1945, o Brasil produzia uma média de 20 milhões de livros por ano e, já em 1962, após tais políticas tributárias, esse número subiu para mais de 66 milhões. Assim sendo, a partir de uma relativa contradição no que tange o consumo de livros da época, há uma incógnita referente às dificuldades encontradas pela escritora para publicar seus livros. Clarice chegou, inclusive, a cogitar o custeio da publicação de *A maçã no escuro*, mas tal fato não se concretizou e, após a recusa inicial da editora Civilização Brasileira, em 1958, o livro teve de esperar até 1961 para ser lançado.

No que concerne ao sistema literário, é comum que este ainda seja visto como um bloco homogêneo porém Pilati (2009) afirma que o sistema carrega o germe da sua própria dissolução, o que se fundamenta na tensão e, ao mesmo tempo, no dinamismo existente entre o conjunto “autor, obra e público” de Candido (2010, p. 33). Ainda que tenha trabalho especificamente com a poética de Drummond⁶ em sua tese de doutorado, Pilati (2007) aborda a questão do agastamento do sistema literário brasileiro a partir dos anos 1940, o que, certamente, pode se relacionar com a conjuntura de produção e de recepção das obras iniciais de Clarice Lispector. Segundo ele, antes, o problema estava na dificuldade em publicar, pois não havia um parque editorial brasileiro capaz de acompanhar as produções literárias da época, ou seja, a literatura estava se modernizando, mas a modernização social e econômica ainda tangenciava a sociedade.

Todavia, quando a modernização do fluxo de produção, venda e distribuição de livros no Brasil começou a se desenvolver, houve a tida fuga em massa da literatura para outras

⁶ Tese de título *O poeta nacional sem nação: Impasses da formação do Brasil na lírica de Carlos Drummond de Andrade*, defendida em 2007 pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília.

formas de entretenimento, como o cinema, vigoroso até os dias atuais. O mundo letrado deixou de ser protagonista, a partir de 1940, e, em um paradoxo, a produção de livros passou a aumentar. É importante ressaltar, entretanto, que a larga produção de livros foi possibilitada pelo fenômeno da profissionalização/especialização da leitura. Retomando, a problemática em virtude de tal cenário é que a modernização não é capaz de sanar o atraso, pelo contrário, ela acaba por facultar uma literatura sem leitores. Ainda que o povo seja o interesse da produção literária da elite, a ele não é dada a oportunidade de se embrenhar no mundo das letras.

Mesmo que pudesse ter sido identificada tal dispersão para outros meios de entretenimento, a literatura não deixou de ser interesse para os autores e os leitores, ela só ficou em um estado de latência até que lhe fosse propiciado um momento inédito. Pode-se pressupor, então, que os mesmos meios que outrora distraíram os assíduos leitores agora são responsáveis por permitir um acesso mais amplo, e não necessariamente mais democrático, à literatura. Posto isso, uma das problemáticas a serem abordadas posteriormente, também, diz respeito à fragmentação da literatura.

Conforme Paulo Francis (apud MOSER, 2009), em 1959, Clarice não encontrava um editor no Brasil. A autora tinha fama entre intelectuais e escritores, porém os editores a evitavam e, para o crítico Assis Brasil, (apud MOSER, 2009, p. 358), “Clarice estava destinada a desaparecer momentaneamente”. Felizmente, esta previsão estava baseada, essencialmente, no fato de seus livros não serem capazes de impactar a sociedade acabou “caindo por terra” após o lançamento do seu primeiro livro de contos *Laços de Família*, em 1960, pela Editora Francisco Alves.

Laços de Família não foi só um sucesso de vendas, sendo o primeiro livro de Clarice a demandar uma 2ª edição depois que os 2 mil exemplares iniciais se esgotaram, mas também concedeu à escritora o Prêmio Jabuti de Literatura na categoria de contos, crônicas e novelas do ano de 1961. Finalmente, após tantos anos na penumbra do mundo literário, Clarice passou a fruir de um reconhecimento inquestionável que a elevou a um nível até então inédito em sua carreira, sendo considerada, inclusive, um *monstre sacré*. Tal acontecimento possibilitou que, em 1963, a Editora Francisco Alves, relançasse *Perto do coração selvagem*, que, naquele momento, era uma obra completamente desconhecida para os leitores. Posteriormente, *O lustre* e *A cidade sitiada* também seriam relançados, reiterando o triunfo de Clarice Lispector como uma instituição literária brasileira.

O ano de 1964 foi um marco no que tange a recepção das obras clariceanas, pois foram publicados o singular romance *A paixão segundo G.H.* e a coletânea de contos *A legião*

estrangeira, ambos pela Editora do Autor. O primeiro, um monólogo interior sobre a luta da protagonista com seu próprio âmago, é considerado um dos maiores romances produzidos no século XX e, de acordo com a própria autora, o livro “correspondia melhor à sua exigência como escritora” (apud Moser, 2009, p. 393). Entretanto, justamente por ser tão denso, *A paixão segundo G.H.* não obteve uma imediata aclamação por parte do público e, assim sendo, foi necessário um relativo tempo até que os leitores pudessem compreender plenamente a profundidade da obra, o que, posteriormente, resultou em uma popularização da escritora. O segundo, por sua vez, expõe diversas possibilidades a serem seguidas pela autora após o impactante *A paixão segundo G.H.*, dialogando, inclusive, acerca do processo de escrita, um assunto até então praticamente intocado pela autora. *A legião estrangeira* também dialoga com a questão da abstração, visto que a obra apresenta frequente e intensa reflexão das personagens sobre seus respectivos mundos interiores.

O próximo passo da autora seria o *best-seller* *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, escrito ao longo de 1968 e publicado no ano seguinte. *Uma aprendizagem* não foi necessariamente bem recebido por críticos, sendo, inclusive, julgado pela própria Clarice como “detestável e malfeito” (apud Moser, 2009, p. 433), porém tal fato pode ser justificado pelo fato da obra ter sido lançada no intervalo entre dois estrondosos sucessos da autora, *A paixão segundo G.H.* e *Água viva*. Contrastando com o romance de estreia da autora, Moser (2009) faz alusão ao fato de *Uma aprendizagem* abordar a busca da personagem principal, Lóri, pela liberdade de amar, enquanto *Perto do coração selvagem* apresenta uma visão mais cética, ou descrente, sobre o relacionamento conjugal. Tal fato, provavelmente, justifica a intensa carga emocional do livro expressa em uma linguagem mais direta e acessível, ainda que com experimentos vanguardistas.

Em 1971 é publicado seu livro *Felicidade clandestina*, uma coletânea que reúne 25 contos e crônicas produzidos pela autora em diversas fases de sua vida, sendo que muitos foram publicados anteriormente pelo Jornal do Brasil, onde Clarice atuava como colunista. No geral, a obra é de cunho biográfico e há diversos textos que fazem referência a fases anteriormente não mencionadas da vida da autora, como sua infância e adolescência. Ainda assim, a principal característica estilística da autora se manteve em posição de destaque em *Felicidade clandestina*, pois os desdobramentos dos contos e das crônicas são permeados por fluxos de consciência e epifanias das personagens.

Posteriormente, em agosto de 1973, ainda que com relativo atraso, é lançado *Água viva*, romance que exprimiu a experiência individual da escritora, como vista em *Felicidade*

clandestina, porém como uma “poesia universal” (MOSER, 2009, p. 456). Tal aspecto, juntamente com a espontaneidade no processo de escrita, fez com que a obra atingisse um outro patamar de notabilidade, como obteve *Perto do coração selvagem* em seu lançamento. *Água viva* representou a tentativa de uma composição sem profunda manipulação textual, como a arquitetura de um ímpeto sem fundação. Contudo, a obra também transparece um exaustivo refinamento que consagrou Clarice Lispector como uma das maiores escritoras em língua portuguesa de todos os tempos.

É relevante ressaltar que antes do lançamento de *A hora da estrela* (1977), Clarice, assim como outros escritores da época, sofria com problemas editoriais, pois havia a utilização indevida de obras e, além disso, pagamentos ínfimos pelos direitos autorais. Contudo, a partir de 1976, a escritora pode desfrutar de um reconhecimento estável pelo público e pelos críticos, algo que acontecera antes, porém sempre em episódios esparsos. Um dos fatos que sustentam tal acontecimento foi que, em julho de 1976, a escritora foi homenageada pelo conjunto de sua obra pela Fundação Cultural do Distrito Federal, recebendo um prêmio de 70 mil cruzeiros. Conforme consta em Moser (2009), a própria Clarice ficara espantada com tamanho sucesso e, em suas próprias palavras: “Isso me deixa um pouco perplexa. Será que estou na moda? E por que as pessoas se queixam de não me entender e agora parecem me entender?” (apud MOSER, 2009, p. 526). Inevitavelmente, é pertinente retomarmos o questionamento da autora na contemporaneidade. Por que Clarice Lispector é tão citada no contexto do ciberespaço e, em contrapartida, a exemplo do ambiente escolar, é tida como uma leitura complexa?

Ainda sobre a questão da recepção de sua obra, Clarice, em sua única entrevista cedida em meio audiovisual⁷, em fevereiro de 1977, comenta o seguinte:

“Parece que eu ganho na releitura, o que é um alívio.
[...]
Eu sei que antes ninguém me entendia. Agora me entendem.”

A ideia de que uma maior compreensão das obras de Clarice Lispector parte da releitura é um dos pontos de partida para averiguar os processos de recontextualização do texto literário na atualidade, visto que a mudança de contexto propicia sempre uma nova leitura ao passo que cada diferente leitura produz um significado inédito. Além disso, o

⁷ Apresentada pelo programa Panorama Especial e transmitida pela TV Cultura em 1977.

“entender” comentado por Clarice na entrevista deve ser pensado com certo ponderamento nos processos de letramento atuais, pois se anteriormente passaram a entender Clarice a partir das inúmeras leituras de suas obras, agora também entendem, porém de forma diferente, a partir de uma leitura fragmentada e diluída em outros meios.

Prosseguindo, em 26 outubro de 1977, foi lançado *A hora da estrela*, romance escrito “no final do percurso – nos últimos anos de vida” (GOTLIB, 1995, p. 465) de Clarice, quando a autora lutava contra um câncer terminal de ovário. *A hora da estrela* é considerada uma de suas mais renomadas obras, ganhando o Prêmio Jabuti de “Melhor Romance”, e foi elaborada juntamente com *Um sopro de vida*, que começou a ser esboçado por Clarice por volta de 1974. Em 1977, na ocasião de sua morte, restavam fragmentos do romance que, posteriormente, foram organizados por Olga Borelli, secretária e amiga de Clarice. Publicado postumamente, em 1978, pela Editora Nova Fronteira, *Um sopro de vida* foi o resultado de uma indecisão pessoal de Clarice e que atingiu a já vista anteriormente “harmonia preciosa e precisa entre expressão e o fundo”. Sinteticamente, a autora não sabia o que fazer com ela própria, com seu âmago, e o que lhe restava era tão somente escrever. Pode-se dizer, conforme Moser (2009) que o romance em questão “se completa e aperfeiçoa justamente por sua incompletude e imperfeição” (MOSER, 2009, p. 515) e tal aspecto se justifica, também, pelo fato de *Um sopro de vida* ter sido não somente publicado, mas também escrito, após a morte de Clarice, o que caracteriza um processo de coautoria entre Lispector e Borelli.

Olga Borelli explica sua atuação no processo de construção em nota introdutória ao romance presente somente na edição de 1978 (*In: LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978*):

Durante oito anos convivi com Clarice Lispector participando de seu processo de criação. Eu anotava pensamentos, datilografava manuscritos e, principalmente, partilhava dos momentos de inspiração de Clarice. Por isso, me foi confiada, por ela e por seu filho Paulo, a ordenação dos manuscritos de *Um sopro de vida*.

Conforme o sítio sobre Clarice Lispector do Instituto Moreira Salles⁸ (Anexo A), Clarice deixou manuscritos que auxiliariam a mencionada estruturação do romance, porém, ainda assim, o romance não deixou de ser tido como inacabado, deixando também escassos os dados sobre recepção e consumo de *Um sopro de vida*. Contudo, é significativo ressaltar que

⁸ http://ims.uol.com.br/Clarice_prepara_%E2%80%9CUm_sopro_de_vida%E2%80%9D/D585. Acessado em 27 de outubro de 2013.

a obra teve sua primeira edição em 1978, pela Editora Nova Fronteira e a seguinte edição somente em 1999, pela Editora Rocco. O que representa essa lacuna de 21 anos é uma questão a ser refletida, principalmente considerando que o seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, ainda que seja anterior, possui mais de 15 edições.

1.3 Conjuntura de composição, produção e recepção/consumo das obras em foco do ano 2007 ao ano 2013

A intensa socialização das obras de Clarice Lispector no ciberespaço ao longo dos últimos anos dialoga intimamente, também, com o impacto no mercado editorial. Segundo os dados expostos pelo jornal português *Ípsilon (Público)*, na matéria “Chegou a hora da estrela para Clarice Lispector” (ANEXO E), há um “boom” de publicações da – e sobre – autora recentemente, a exemplo dos seguintes títulos:

- *Clarice Lispector - Entrevistas* (Rocco, 2007), compilação das entrevistas da autora a personalidades brasileiras, por Claire Williams;
- *Minhas Queridas* (Rocco, 2007), cartas inéditas da escritora às irmãs Tânia e Elisa;
- *Só para Mulheres* (Rocco, 2008), coletânea de crônicas femininas;
- *Clarice, uma biografia* (Cosac Naify, 2009), biografia produzida pelo norte-americano Benjamin Moser;
- *Clarice na Cabeceira* (Rocco, 2009), contos escolhidos por personalidades;
- *Clarice Lispector, Fotobiografia* (EDUSP, 2009), por Nádia Gotlib;
- *De Corpo Inteiro* (2009), documentário realizado por Nicole Algranti, sobrinha da escritora.

Além das obras supracitadas, há diversas outras produções culturais artísticas nos últimos anos sobre a autora que merecem destaque, a exemplo da peça “Simplesmente eu, Clarice Lispector”, um monólogo que está em cartaz desde 2008 e que já foi visto por mais de 700 mil espectadores em diversas cidades brasileiras. A peça, produzida, dirigida e interpretada por Beth Goulart conta a trajetória de Clarice Lispector a partir de excertos de depoimentos e correspondências, assim como de livros como *Perto do coração selvagem* e *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*.

Em 1992, Júlia Peregrino havia organizado uma mostra sobre Clarice Lispector no Rio de Janeiro, a pedido do Museu da Língua Portuguesa de São Paulo, na passagem dos 15 anos da morte da escritora. A partir de tal projeto, foi elaborada, em 2009, uma exposição denominada *Clarice Lispector – a hora da estrela*, com curadoria de, além de Júlia Peregrino, Ferreira Gullar e promovida pelo Centro Cultural Banco do Brasil. Com mais de 50 mil visitas somente em São Paulo e no Rio de Janeiro, a exposição trabalhou com a obra de Clarice em um diálogo com a videoarte, a cenografia e a própria arte contemporânea, fazendo com que o espectador experienciasse a literatura de maneira multimodal.

Ainda em 2009, após cinco anos de extensivas pesquisas, é lançado *Clarice, uma biografia*, do norte-americano Benjamin Moser. Ainda que a biografia tenha sido produzida almejando o público de língua inglesa, sua tradução para o português brasileiro, lançada pela editora Cosac Naify, vendeu mais de 30 mil exemplares e já teve, até o momento, três edições. Extrapolando o eixo Estados Unidos – Brasil, *Clarice, uma biografia* também obteve impressões na Inglaterra e em Portugal e também será lançada na Alemanha e na França, expandindo mais ainda o alcance da obra⁹. Além de tais aspectos, a biografia permaneceu por diversas vezes em primeiro lugar nas listas de livros de não ficção mais vendidos no Brasil no ano de seu lançamento, a exemplo das listas divulgadas pelo Jornal do Brasil e pelo Diário de S. Paulo em dezembro de 2009 (Anexos B e C). É também relevante mencionar que, conforme expõe o Correio da Bahia (Anexo D), a obra foi considerada como um dos 100 melhores livros do ano de 2009 pelo jornal The New York Times, o que corrobora a compreensão de que Clarice Lispector é, na contemporaneidade, de interesse de um público mais amplo do que se poderia imaginar inicialmente.

É sobre o mencionado interesse que a matéria no jornal *Ípsilon (Público)* trabalha, principalmente ao enfatizar a fala de Benjamin Moser sobre a popularização de Clarice: “Os livros dela estão à venda no metrô de São Paulo”, conta Moser. “Com quatro reais, numa máquina, você compra um livro dela como quem compra uma coca-cola. [...] Há um 'momentum' à volta dela. E só vai crescendo. Estamos vivendo a hora da estrela da Clarice.”. Tal *momentum*, para a presente pesquisa, envolve invariavelmente os processos de socialização e recontextualização de suas obras no ciberespaço, que acabam por produzir diferentes significados textuais, além de promover uma ampliação dos significados relacionados à imagem da própria autora estudada. Nesse caso, para incluir uma reflexão

⁹ Fonte: <http://editora.cosacnaify.com.br/blog/?tag=edicao-pocket>

externa sobre a problemática, foi feita, para esta pesquisa, uma entrevista via email com Benjamin Moser que, apesar de sucinta, expõe não somente a visão de um leitor/estudioso de Clarice, mas também de um usuário assíduo das mídias digitais que presencia o fenômeno pesquisado.

Entrevista com Benjamin Moser, cedida em 19 de outubro de 2013.

1) Nos últimos anos, é possível perceber uma explosão, um “boom” de Clarice Lispector na internet, principalmente nas redes sociais. Há páginas que são alimentadas diariamente com excertos/citações de seus livros e, posteriormente, são compartilhados para milhares de outros usuários no ciberespaço. Considerando a fragmentação de seu texto que, por muitas vezes, a modificação de sentido e tendo em vista a recontextualização, você acredita que a internet pode aproximar mais ainda os leitores ou afastá-los da literatura original (romance na íntegra) de Clarice?

Moser: Nunca me incomodou muito essa situação. Acho um pouco medieval. No Maranhão alguém me disse: o Brasil é o único país que foi da cultura oral até a internet sem parar pela cultura escrita. É um exagero, mas de certa forma tem razão. Acho que o Brasil ainda tem uma grande parte de lendas, de tradições de cordel, de Maria Bonita e Lampião, e acho engraçado a Clarice Lispector ficar uma espécie de Padre Cícero ou Antônio Conselheiro da internet.

2) Apesar de *Clarice, uma biografia* (2009) ter tido como público-alvo os estrangeiros, ela foi sucesso no Brasil, vendendo mais de 30 mil exemplares, conforme consta no site da própria editora Cosac Naify. A seu ver, existe alguma motivação específica do público por tal fascínio pela vida da escritora? Haveria a possibilidade do fenômeno de popularização de Clarice nas mídias digitais impulsionar o mercado editorial ou você acredita que o interesse segue o caminho oposto, partindo da venda de livros para a internet?

Moser: Eu não sou contra a internet nessas coisas, porque eu conheci o Brasil de antes da internet, e a informação --até mesmo nos centros--era muito mal distribuída. Então vejo que a internet lá também só serviu para a divulgação de uma escritora que era principalmente conhecida entre intelectuais. Mas a popularização dela eu atribuo

principalmente ao fato de ela ser uma enorme artista. E quanto mais gente fica conhecendo, quanto mais querem saber dela. Foi o meu caso também.

3) Ainda que *Perto do coração selvagem* (1943) tenha sido um sucesso de recepção na época de lançamento tanto por críticos como por leitores que tiveram acesso a sua literatura, tal feito não foi capaz de garantir à Clarice qualquer tipo de calma no que tange a questão editorial de suas próximas obras. Conforme consta na biografia produzida por você, diversos livros de Clarice quase não conseguiram ser publicados, como *O lustre* (1946), *A cidade sitiada* (1949) e *A maçã no escuro* (1961). Pessoalmente, a qual motivo você relaciona tal dificuldade de divulgação e de recepção na época? Você acha que pelo fato do nome Clarice Lispector já ter se tornado uma instituição, tais obras são melhor recebidas/compreendidas pelo público na atualidade?

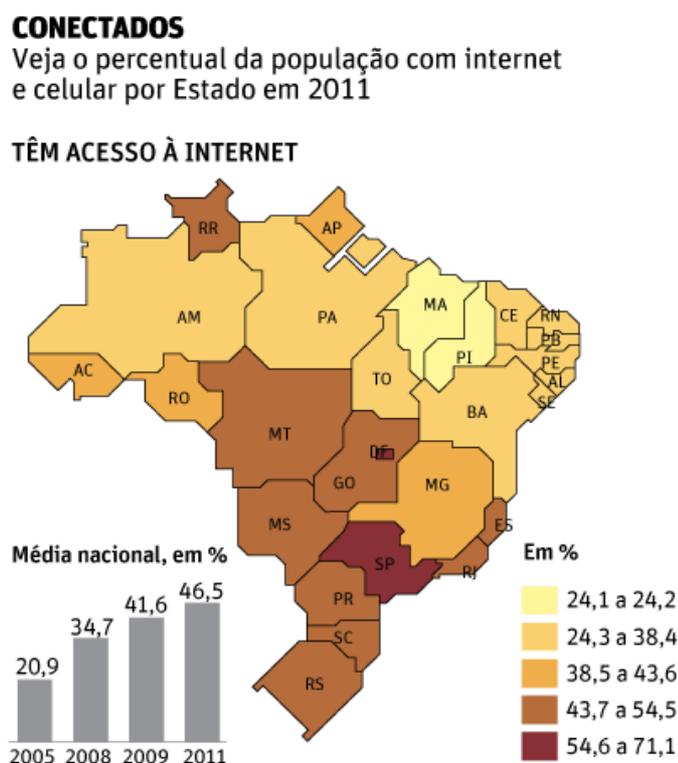
Moser: Sim, pode ser. Pode também ser que, por ser tão famosos, tornaram-se menos compreendidos. Que ficou uma popularização meio cafona que não faz jus à obra dela. Mas isso, vemos com muitos artistas que depois são proclamados como grande mestres. Pense na pintura: quantos Picassos ou Van Goghs não foram inicialmente compreendidos? As vezes o ar do tempo tem que mudar.

4) Como consequência da popularização clariceana no Brasil, muitas vezes a relação entre público e escritora extrapola a própria obra literária. Dessa forma, não é difícil encontrarmos citações atribuídas a Clarice que, na realidade, nunca foram tecidas pela escritora. No âmbito da intertextualidade, encontramos, então, frases de conteúdo de auto-ajuda e outras extremamente irônicas, conforme os exemplos disponíveis abaixo. Na sua opinião, há uma degradação da imagem da escritora a partir de uma interpretação errônea de sua obra?

Moser: Não, como falei, acho mais do que nada engraçado. Clarice é auto-ajuda. Ela me ajudou, ela ajudou muitíssima gente. E se uma dessas citações falsas ajude alguém durante um dia, durante uma hora, acho que é até uma homenagem à Clarice, que mais do que nada queria ser útil às pessoas, ao Brasil. É uma maneira que ela não teria esperado, mas às vezes é assim que a história anda.

Percebe-se, a partir da fala de Moser, que antes da disseminação da internet no Brasil, a informação era mal distribuída. O acesso a conteúdos culturais, como o próprio texto literário, era restrito a determinados grupos sociais, que, porventura, tinham também maior poder aquisitivo. A função da internet, na ocasião, foi de democratizar o conhecimento anteriormente restrito, que dificilmente circulava entre todas as esferas sociais. Contudo, dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)¹⁰, em maio de 2013, mostram que somente 46,5% da população com 10 anos ou mais utilizam a internet, seja ela em domicílio ou via telefone celular. Apesar de haver um crescimento significativo no uso da rede, é necessário salientar que, no Brasil, a quantidade reduzida de usuários com acesso à internet ainda é reflexo de desigualdades sociais. Para maiores detalhes sobre o percentual da população brasileira com acesso à internet, vide imagem abaixo:

Figura 1.1 - Percentual da população com acesso à internet em 2011



¹⁰ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/05/1279552-acesso-a-internet-no-brasil-cresce-mas-53-da-populacao-ainda-nao-usa-a-rede.shtml>, proveniente de: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&idnoticia=2382>. Acesso em 25 de outubro de 2013.

É possível, com base no que foi supracitado, compreender a metáfora do “efeito aspirina”, proposta por Enzensberger (1995), que aborda a dissolução da instituição literária como consequência da propagação de novas mídias e de seus processos de socialização. Sendo que a socialização, aqui, pode ser compreendida como um processo que busca a transmissão, negociação e apropriação de uma série de saberes que ajudam na manutenção e/ou na transformação das sociedades. Segundo ele, a instituição se dissolve de forma com que a concentração de solução diminui, mas tal fenômeno acarreta em uma onipresença do literário nos meios. Apesar de Enzensberger (1995) considerar que a literatura está sendo, de certa forma, prejudicada por causa do “efeito aspirina”, sugere-se, na presente pesquisa, que haja uma ponderação, pois o intenso fôlego de socialização faz com que o princípio ativo da literatura atinja estratos da sociedade até então impossibilitados de tal acesso. Posto isso, depreende-se também a concepção de *literatura genérica* a partir de outra analogia. O medicamento genérico é aquele que possui o mesmo princípio ativo, a mesma forma farmacêutica, a mesma dosagem e a mesma indicação que o medicamento original, ou seja, de marca¹¹. No caso, o medicamento genérico é, geralmente, mais barato porque o respectivo fabricante o produz após o período delimitado de proteção de patente do original. Assim, não é necessário que se invista em pesquisas científicas ou em estudos referentes a efeitos colaterais, já que tais processos foram custeados anteriormente pelos laboratórios “de marca”. O medicamento genérico é aquele que, reconhecidamente, pode ser intercambiável com o medicamento de referência e, posto isso, é possível relacioná-lo com a literatura na atual conjuntura de estudo. A literatura veiculada no ciberespaço, a exemplo da clariceana, é genérica porque possui o mesmo princípio ativo daquela produzida e consumida em anos anteriores ao surgimento das mídias digitais e é, por sua vez, mais acessível à população por estar disponível em um período no qual informação circula (mais) livremente, assim como comenta Moser na entrevista cedida. Há uma equivalência entre a literatura original e a literatura genérica no sentido de que ambas partem da mesma prescrição, ou seja, possuem a mesma qualidade e pretendem atingir o mesmo objetivo. Contudo, neste estudo, percebe-se a genericidade da literatura também por meio da noção de gêneros textuais, a ser aprofundada na seção 4.1, pois o processo de socialização e de recontextualização do texto literário no ciberespaço propicia o surgimento de novos gêneros, com os quais, metaforicamente, há uma absorção mais eficaz da substância, ou seja, da literatura. Acerca da capacidade da leitura ser

¹¹ Medicamentos Genéricos. Portal Banco de Saúde. 2008 Medicamentos Genéricos: Guia Completo.

potencialmente emancipatória, faz-se necessário, então, relacionar aspectos convergentes para se chegar à noção de literatura como resultado de uma *práxis* social processada pelo autor/escritor e devolvida para a própria sociedade.

O sistema capitalista, que teve seu processo irrompido com o renascimento comercial experimentado a partir dos primeiros séculos da Baixa Idade Média, período iniciado depois do ano 1000, propõe, em suma, uma prática comercial baseada no processo de monetarização. Dessa forma, o comerciante, que anteriormente estipulava o valor das mercadorias baseando-se no uso e na demanda, passou estipular custos e lucros conforme a quantia monetária, a fim de lucrar e acumular capital. Uma consequência de tal processo foi a criação da dita “burguesia”, a classe social proveniente de comerciantes localizados no burgo, região à margem da unidade feudal. O capitalismo, como um sistema desigual e baseado em relações de poder, necessita, também, da especialização de conhecimento para manter a sua própria existência. Logo, a burguesia, inerente ao sistema, dispõe de uma cosmovisão limitada, que, por vezes, pode ser rompida por meio da narrativa ficcional.

Nesse aspecto, estabelecendo uma metáfora para a concepção lukacsiana de obra de arte, poderia se pensar em uma árvore figurando como o artista que, em consequência das situações externas e internas vivenciadas no cotidiano, gera frutos que, posteriormente, alimentarão a consciência sensível da própria sociedade. Lukács (1966) designa a existência de uma compreensão superior – proveniente do *homem inteiramente* – que extrapola o limite do senso comum dos *homens inteiros* sobre cotidianidade, gerando um produto depurado dessa realidade restringente, a obra de arte. Para o crítico, os *homens inteiros* são conduzidos pela imediatez de um mundo fragmentado, flutuando apenas pela superfície dos fenômenos e restringindo-se à aparência das coisas. Sendo assim, a percepção do artista e, em consequência, a função da arte, está em criar um mundo homogêneo e inteiriço que desencadeie a concepção integral do mundo, ou seja, à elevação daquele cotidiano, de modo que o receptor se desvincule da percepção individualista – característica da sociedade burguesa – e conecte-se com o gênero humano em sua totalidade. Em defluência dessa experiência a partir do usufruto da estética, o sujeito, mobilizado pela arte, depara-se com a fragmentação do seu entorno diário e questiona o fetichismo que lhe é imposto pela sociedade capitalista, gerando seu enriquecimento espiritual enquanto indivíduo.

Com base nessa perspectiva, o presente trabalho se valerá da noção de totalidade discutida na *Estética* (1966) de Lukács para fundamentar a afirmação de que Clarice Lispector, em *Perto do coração selvagem* e *Um sopro de vida*, alcança a categoria “obra de

arte” por conseguir reunir as aspectos sociais de um todo em um restrito núcleo de personagens, promovendo o pensar dos leitores a partir do reflexo da cotidianidade. O leitor, ao conceber a narrativa como um processamento de sua própria sociedade, volta-se para sua esfera de normalidade e consegue avaliar as especificidades das relações sociais encontradas em ambos os romances, rompendo com a superficialidade dos fenômenos – superficialidade consequente do pensamento capitalista – para chegar ao cerne da problemática de sua sociedade como um todo.

Estando a literatura diretamente ligada à sociedade, há influxos do meio na estrutura da obra que deixam de ser tipicamente influências sociais para se transformarem em substância do próprio fazer literário: “a poesia dos homens que lutam, a poesia das relações inter-humanas, das experiências e ações reais dos homens. Sem essa poesia imanente não pode haver narrativa autêntica, não pode ser elaborada nenhuma composição épica apta a despertar interesses humanos, a fortalecê-los e avivá-los.” (LUKÁCS, 2010, p. 164). Como afirmado, o despertar de interesse humano se dá pela escolha consciente, por parte do autor, dos elementos a serem descritos, com base em que a representação ficcional nasce da realidade (LUKÁCS, 2010, p. 164):

A arte épica – e, naturalmente, também a arte do romance – consiste na descoberta de traços atuais e significativos da *práxis* social. O homem quer obter na literatura narrativa a imagem clara da sua *práxis* social. A arte do autor épico reside precisamente na justa distribuição dos pesos, na acentuação apropriada do essencial. A sua ação é tanto mais geral e empolgante quanto mais este elemento essencial – o homem e a sua *práxis* social – se manifesta não na forma de um rebuscado produto artificial virtuosístico, mas como algo que nasce e cresce naturalmente, ou seja, como algo que não é inventado e, sim, apenas descoberto.

Logo, ainda que, conforme Bosi (1995), Clarice tenda a romper o enredo real, fazendo uso intensivo da metáfora insólita e do fluxo de consciência, sua literatura não é totalmente desconexa da *práxis* social, pois, segundo Auerbach (2004, p. 482), “tudo é, portanto, uma questão de posição do escritor da realidade do mundo que apresenta; posição que é, precisamente, totalmente diferente daqueles autores que interpretavam as ações, as situações e os caracteres das suas personagens com segurança objetiva...”. Nesse aspecto, a negação do romance moderno em relação aos gêneros e ao mundo empírico das aparências não gera, necessariamente, uma produção que exclui aspectos sociais, mas que, sim, flutua em várias esferas do mundo extrínseco e intrínseco.

Considerando o que foi supracitado, o ciberespaço permite, no século XXI, que o/a leitor/a entre em contato com a Clarice Lispector já consagrada como um cânone da literatura brasileira. Por conseguinte, o texto tipicamente reflexivo de sua produção passa a ser factível, permitindo uma visão crítica, por parte do leitor, a respeito de variados aspectos trabalhados nas obras e que também fazem parte de sua *práxis*. Ainda que a literatura, enquanto instituição, esteja fragmentada, ou, conforme Enzensberger (1995), mais diluída na sociedade pós-moderna, o que é relevante para este estudo é justamente o fato de que a consequência de tal dissolução é, também, uma maior abrangência, um maior alcance.

Ainda que enquetes demonstrem relativa parcialidade, principalmente quando são elaboradas por determinados meios de comunicação, elas permitem a observação de argumentos e opiniões relevantes sob o prisma investigativo. Posto isso, cabe fazer referência à enquete com especialista que elegeu os melhores livros e autores do país, publicada em abril de 2013 pelo jornal *Correio Braziliense*¹². A reportagem do jornal, na ocasião, entrou em contato com 50 intelectuais vinculados à literatura com o objetivo de produzir um levantamento sobre o que se tem produzido de qualidade em prosa e em poesia no país. Foi proposto, então, que fossem indicados, conforme as preferências (relativo) dos pesquisados: (i) os cinco melhores escritores da literatura brasileira de todos os tempos; (ii) os cinco melhores escritores vivos da literatura brasileira; e (iii) os cinco melhores livros da literatura brasileira, ficção e poesia, de todos os tempos. O resultado, apesar de ter revelado alguns nomes inéditos, reafirmou vários cânones da literatura brasileira, como os cinco melhores escritores de todos os tempos:

- 1) Machado de Assis (1839-1908)
- 2) Guimarães Rosa (1908-1967)
- 3) Carlos Drummond Andrade (1902-1987)
- 4) Graciliano Ramos (1892-1953)
- 5) Clarice Lispector (1920-1977)

Clarice Lispector foi, juntamente com Drummond, a escritora que teve mais obras citadas entre os melhores livros de todos os tempos da literatura brasileira, sendo eles: *A paixão segundo G.H.*, *A hora da estrela*, *Perto do coração selvagem*, *A maçã no escuro* e

¹² Fonte: http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2013/04/14/interna_diversao_arte,360305/enquete-com-especialistas-elegeu-os-melhores-livros-e-autores-do-pais.shtml. Acessado em 01 de novembro de 2013.

Laços de família. Os cinco maiores escritores brasileiros vivos, por sua vez, foram considerados:

- 1) Dalton Trevisan (1925)
- 2) Ferreira Gullar (1930)
- 3) Lygia Fagundes Telles (1923)
- 4) Milton Hatoum (1952)
- 5) Rubem Fonseca (1925)

A partir de uma leitura crítica da enquete na íntegra, constata-se que o século XX é considerado o mais relevante, quantitativamente, para a literatura brasileira. Dos 70 livros citados como os melhores, 59 são do século passado, período no qual todas as obras de Clarice foram escritas e publicadas. Além disso, dos 38 escritores considerados como os maiores, 23 nasceram também no século XX, o que reafirma a importância de tal época para a literatura brasileira. Os resultados da enquete, além de reafirmarem Clarice Lispector como uma instituição, também relevam que há um interesse demasiado pela produção literária relativamente recente na história do Brasil. Não porventura, o fenômeno da recontextualização de textos literários nas mídias digitais também ilumina essa questão ao lidar, em sua maioria, com autores modernistas e/ou contemporâneos como Luis Fernando Veríssimo, Caio Fernando Abreu e Carlos Drummond de Andrade.

Outro dado relevante a ser destacado sobre, principalmente acerca da conjuntura de recepção do romance *Um sopro de vida* no século XXI, é o fato de a obra ter ganho destaque internacional com a sua primeira tradução para a língua inglesa. De acordo com a Agência Brasil de Comunicação (ECB), na matéria divulgada em abril de 2013¹³, a obra de Clarice Lispector – editada e traduzida como *A breath of life* pela New Directions, em 2012 – foi finalista do prêmio de melhor livro traduzido nos Estados Unidos na categoria de ficção. Tal aspecto reafirma o interesse não só brasileiro pela autora, mas também internacional, o que pode ser observado, inclusive, em citações clariceanas no ciberespaço escritas em diversas línguas estrangeiras.

¹³ <http://agenciabrasil.etc.com.br/noticia/2013-04-10/obra-de-clarice-lispector-e-finalista-do-premio-de-melhor-livro-traduzido-nos-eua>.

CAPÍTULO 2

Aspectos teóricos da Análise de Discurso Crítica

[...]

O que Clarice disse, o que Clarice
viveu por nós em forma de história
em forma de sonho de história
em forma de sonho de sonho de história
(no meio havia uma barata
ou um anjo?)
não sabemos repetir nem inventar.
São coisas, são jóias particulares de Clarice
que usamos de empréstimo, ela dona de tudo.

Clarice não foi um lugar-comum,
carteira de identidade, retrato.
De Chirico a pintou? Pois sim.

[...]

Visão de Clarice, de Carlos Drummond de Andrade

Este capítulo tem por objetivo apresentar as bases teóricas e metodológicas sobre as quais se estabelecerá a presente pesquisa. Na primeira subseção, discute-se pressupostos da Análise de Discurso Crítica de vertente britânica e latino-americana. Posteriormente, há reflexões sobre linguagem e sociedade, associando aspectos das práticas sociais e discursivas analisadas. Na terceira subseção, há a apresentação e articulação de conceitos associados às mídias digitais, ao ciberespaço e à cibercultura e, em seguida, aborda-se letramentos, eventos de letramentos e letramento midiático em relação aos conteúdos abordados anteriormente.

2.1 Análise de Discurso Crítica de vertente britânica e latino-americana

A Análise de Discurso Crítica (ADC) é concebida por meio da heterogeneidade de abordagens, ou seja, por sua intrínseca transdisciplinaridade. Entretanto, para que tenha sido estabelecida como um campo de estudo, foi necessário identificar as propostas teóricas e metodológicas que, conjuntamente, constroem a fundação da ADC. Por se tratar de uma vertente extremamente nova no que tange os estudos científicos, é possível reconhecer o desenvolvimento da ADC, a partir dos anos 1970, por meio dos estudos em Linguística Crítica realizados na Universidade de *East Anglia*, no Reino Unido. Segundo Fairclough

(2001), tais estudos em Linguística Crítica combinaram as teorias e os métodos de análise textual da linguística sistêmica do britânico Michael Halliday (1978) com teorias sobre ideologia. Além disso, na França, pouco tempo depois, o filósofo Michel Pêcheux e demais pesquisadores desenvolveram uma abordagem à análise de discurso que se baseou essencialmente no trabalho do linguista norte-americano Zellig Harris e na reelaboração de uma teoria marxista de ideologia criada pelo também filósofo francês Louis Althusser.

É importante ressaltar, todavia, que tanto os estudos anglo-saxões quanto os franceses apresentam uma disparidade no que tange os elementos sociais e os linguísticos, pois a Linguística Crítica tende a enfatizar muito mais a análise linguística dos textos do que os elementos sociais e conceitos extremamente relevantes para nós, como ‘poder’ e ‘ideologia’, o que ocorre inversamente nos estudos de Pêcheux, que priorizam a teoria social em detrimento da discussão acerca dos textos linguísticos. Um outro elemento de contraste é o fato de ambas as tentativas apresentarem “uma visão estática das relações de poder, com ênfase exagerada no papel desempenhado pelo amoldamento ideológico dos textos linguísticos na reprodução das relações de poder existentes” (FAIRCLOUGH, 2001, p.20). A partir disso, cria-se uma visão mais descritiva e menos preocupada com a luta, com as transformações nas relações de poder e com a função que a linguagem desempenha em tais circunstâncias. Assim sendo, tais tentativas de síntese dos estudos linguísticos não são apropriadas para uma investigação mais dinâmica da linguagem que abarque processos de mudanças sociais e culturais, o que acabou por propiciar um espaço para a criação de uma nova corrente para a análise de discurso, a ADC.

De acordo com Wodak (2003), a consolidação da ADC ocorreu no início da década de 1990, mais precisamente em janeiro de 1991, em um simpósio promovido na Universidade de Amsterdam. A partir de tal ocasião, na qual houve a reunião dos grandes nomes da pesquisa em ADC até a atualidade, torna-se possível identificar o caráter heterogêneo da linha de pesquisa justamente pelo fato de seus pesquisadores vanguardistas apresentarem focos tão distintos e, ao mesmo tempo, que convergem em benefício comum. Alguns dos renomados pesquisadores presentes são Norman Fairclough (*Lancaster University*), Gunther Kress (*London University*), Teun van Dijk (*Universidad Pompeu Fabra*), Theo van Leeuwen (*London College of Printing*), Ruth Wodak (*Viena University; Lancaster University*). Dessa forma, foi possível estabelecer um diálogo entre diversas áreas do conhecimento, como a Linguística Sistêmica Funcional, a Sociologia, a Linguística Textual, a Psicologia Social, a Sociolinguística e também a História.

Ainda que tal simpósio tenha sido um marco para a ADC, é imprescindível ressaltar que anteriormente já haviam sido publicados trabalhos que são referências para a área, como os livros *Language and power*, de Fairclough (1989), *Language, power and ideology*, de Wodak (1989) e também a revista *Discourse and Society*, editada por van Dijk, em 1990. Tais obras reforçam o fato de que o “surgimento” da ADC não foi repentino, e que ela é uma área de pesquisa e análise interdisciplinar que começou a se desenvolver como uma área acadêmica distinta por volta de 1980 e que agora inclui um vasto número de abordagens (FAIRCLOUGH & WODAK, 1997). O que tais abordagens têm em comum é uma veemente preocupação em assegurar uma atenção, na pesquisa crítica social, para o discurso como faceta da vida social. A abordagem ADC não se limita a análise de textos individuais e isolados, ela possui, decisivamente, um caráter relacional, pois há um interesse em como o discurso dialoga com outros elementos da vida social. Há um caráter relacional também no sentido de que a mudança social pode ser concebida como uma mudança em relações entre elementos sociais de todos os tipos, como uma ‘re-articulação’ de elementos sociais que resultam em novas relações (FAIRCLOUGH, 2006).

A proposta da ADC de Fairclough – a qual o presente trabalho se associa – “sugere que pesquisas discursivas críticas estejam baseadas na identificação de problemas sociais parcialmente discursivos que possam ser investigados por meio da análise de textos” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). Além disso, há um evidente caráter posicionado por parte das diversas propostas teórico-metodológicas que constituem a ADC, ou seja, há uma posicionamento explícito em face de problemas sociais parcialmente discursivos, não havendo, dessa forma, qualquer tipo de ‘imparcialidade científica’. Por conseguinte (RESENDE, 2008, p. 40),

partindo da identificação de problemas sociais com facetas discursivas, o objetivo é desvelar discursos que servem de suporte a estruturas de dominação ou que limitam a capacidade de transformação dessas estruturas, por isso a ADC requer tanto ao uso da linguagem quanto à estruturação da ação social.

Assim sendo, o objetivo da presente pesquisa é investigar as mudanças sociais e discursivas que ocorrem por meio da socialização, e consequente recontextualização, dos textos literários da escritora Clarice Lispector em mídias digitais. Será por meio dos eventos de discurso que se tornarão visíveis as problemáticas contemporâneas referentes a representações dos sujeitos sociais por meio da literatura.

O trabalho em cima da identificação de problemas sociais parcialmente discursivos e o caráter posicionado da ADC convergem para uma outra característica fundamental, que diz respeito ao fato do ‘valor’ de teorias e categorias linguísticas não ser considerado como tácito. Ou seja, o ‘valor’ emerge dos dados e dos objetivos da análise, ele não tomado como algo subjetivo. Para Resende (2008), a utilização da Linguística nas análises discursivas se dá como instrumento para a crítica social, ou seja, o objetivo das análises é tal crítica obtida a partir da análise de instâncias discursivas que servem de subsídio e sustentação à crítica de problemas sociais. Por conseguinte, a investigação da materialização discursiva de problemas sociais torna-se possível a partir da utilização de categorias linguísticas. É importante ressaltar que as categorias linguísticas, na presente pesquisa, iluminarão a problemática da representação, mas não necessariamente será sugerida uma ação que *corrija* determinada circunstância. Talvez se ganhe mais justamente no ato de expor, tirar da penumbra, questões até então pouco enfatizadas e, a partir disso, acompanhar os processos referentes.

Conforme Fairclough (2000, 2006), os estudos discursivos têm tido maior interesse por parte de pesquisadores/as de diversas áreas da teoria social contemporânea visto que as teorizações sociais sobre a atual fase da modernidade são centradas no papel da linguagem na vida social. Há também de se considerar o fato de que a vida social é cada vez mais mediada por textos e a função de tais textos na vida social é, conseqüentemente, cada vez mais relevante em todos os campos da atividade humana. Com isso, as teorizações sociais baseadas na linguagem estão envolvidas em um processo concreto vivenciado nas práticas sociais contemporâneas, o que é tido como a ‘virada linguística’ (FAIRCLOUGH, 2000, p. 164). Todavia, para Blommaert (2005), a ‘virada linguística’ não pode ser interpretada como um fenômeno homogêneo que consegue atingir plenamente todos os sujeitos, pois tal processo também resvala nas desigualdades sociais presentes tanto em um aspecto macro quanto micro nas sociedades ao redor do mundo. Ainda que estejamos vivendo em uma época na qual a linguagem influencia exponencialmente a vida social das pessoas, é de uma generalização inconcebível considerar que todas os sujeitos participem de tal processo.

As teorizações sociais mencionadas anteriormente, assim como a ADC, também se utilizam do discurso para aprofundar questões referentes às práticas sociais. Todavia, de acordo com Chouliaraki (2005), não há elaboração, por parte das Ciências Sociais, de uma investigação empírica dos modos como a relação ‘discurso e sociedade’ se concretiza na

prática social. Isto é, os processos responsáveis por produzir efeitos semióticos¹⁴ nas práticas sociais não são prioridade nesse tipo de análise, mas, em contrapartida, o são por parte da ADC. Para Resende (2008, p. 42), “a ADC busca superar essa lacuna entre teorizações baseadas na linguagem e em outros sistemas semióticos e pesquisas voltadas para uma explanação dos papéis da linguagem (e de outras semioses) em práticas sociais contextualizadas”. Para que isso seja possível, há a fusão entre um corpo teórico focado nos modos como a linguagem figura na vida social e um conjunto de métodos para a análise linguística de dados empíricos. Tal análise linguística concebe o texto como unidade mínima de análise (WODAK, 2003b), conceito que será aprofundado posteriormente.

Isto posto, torna-se necessário elucidar conceitos-chave importantes para ADC e que são aqui amplamente utilizados. Primeiramente, é imprescindível conceber o ‘discurso’ como algo além da amostra ampliada de linguagem falada, escrita ou sinalizada (língua de sinais), pois há um enfoque nas propriedades organizacionais de nível superior do diálogo ou de textos escritos. Ao se referir ao termo *discurso*, Fairclough (2001, p. 91) considera a linguagem como forma de prática social e não somente como uma atividade individual, e tal concepção implica o fato de o discurso ser “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação.”.

Ademais, a linguagem como prática social também implica em uma relação dialética entre o discurso – ou prática social – e a estrutura social, sendo que ambas as partes agem uma sobre a outra em efeito de ‘causa e consequência’. Cabe ressaltar que o discurso, da forma que concebemos, é tanto moldado e restringido pela estrutura social como também é socialmente constitutivo. Em outras palavras, “o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Assim sendo, o discurso, como prática social, é um modo de significação do mundo. Se o discurso constrói o mundo em significados, logo, pode-se afirmar que tal construção se dá no âmbito (1) das identidades sociais e dos sujeitos sociais, (2) das relações sociais entre os sujeitos e (3) da constituição de sistemas de conhecimento e crenças. Os três efeitos construtivos mencionados dizem respeito

¹⁴ Para uma maior compreensão de tais efeitos semióticos, leva-se em consideração que ‘semiose’, conforme Peirce (1995), é um processo de atividade característico da capacidade inata humana de produção e entendimento dos signos das mais diversas naturezas.

às três funções da linguagem que Fairclough (2001) denomina como, respectivamente, ‘identitária’, ‘relacional’ e ideacional’. De acordo com o linguista, a função identitária diz respeito aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso; a função relacional gira em torno do modo como ocorrem as representações e as negociações nas relações sociais entre os participantes do discurso; e a função ideacional, por sua vez, corresponde aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações.

Além disso, o discurso “ênfatiza a interação entre falante¹⁵ e receptor(a) ou entre escritor(a) e leitor(a); portanto, entre processos de produção e interpretação da fala e da escrita, como também o contexto situacional do uso linguístico” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 21). O ‘discurso’, essencialmente, constitui e representa relações sociais e entidades(-chave), assim como posiciona as pessoas como sujeitos sociais, e são justamente tais efeitos sociais do discurso que são enfatizados no tipo de análise em questão. Ainda a partir de Fairclough (2001), a mudança histórica também é outro foco importante, pois é possível perceber como diferentes discursos se articulam em condições sociais particulares para produzir um novo e complexo discurso. Fairclough (2003, p. 124) vê “discursos como formas de representar aspectos do mundo – os processos, as relações e as estruturas do mundo material, do mundo ‘mental’ dos pensamentos, sentimentos, crenças e assim por diante, e do mundo social”.

A linguagem pode ser vista como uma estrutura social, sendo que, de forma muito abstrata, ela representa um conjunto de possibilidades, de potencialidades. Entretanto, a relação existente entre o que é estruturalmente possível e o que realmente acontece, em se tratando de estruturas e eventos, é muito complexa, pois os eventos não são pura e simplesmente efeitos das estruturas sociais abstratas. Isso quer dizer que as relações são mediadas, ou seja, há entidades responsáveis por um intermédio organizacional entre estruturas e eventos, para tal nós designamos ‘práticas sociais’. O conceito de ‘prática social’ é primordial nos estudos em ADC, tendo em vista que, para Fairclough (2003), práticas sociais podem ser pensadas como meios de controlar a seleção, ou a exclusão, de certas possibilidades estruturais em determinadas áreas da vida social. Além disso, as práticas sociais articulam dialeticamente o discurso com outros elementos não-discursivos, sendo que os principais elementos envolvidos no processo são: ação e interação, relações sociais,

¹⁵ Cabe ressaltar que há uma equivalência entre falante e sinalizante.

sujeitos, mundo material e discursos. Eventos sociais são, ocasionalmente, moldados por práticas sociais, enquanto as práticas sociais definem formas particulares de ação.

É possível dizer que o discurso significa de três diferentes formas na prática social, sendo como (1) formas de agir e interagir; (2) formas de representar aspectos do mundo; e (3) formas de identificar a si mesmo e aos outros, que condizem com três ordens do discurso que são, respectivamente, gêneros, discursos e estilos. Falar, sinalizar ou escrever configuram formas relativamente estáveis de ação e interação na vida social, e é legítimo, a partir disso, afirmar que “nós podemos distinguir diferentes gêneros como diferentes formas de (inter)ação discursiva” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 26). Discursos figuram formas de representação de aspectos do mundo, de perspectivas particulares, que, por sua vez, fazem sempre parte das práticas sociais. Posto isso, é possível distinguir diferentes discursos, que podem representar o mesmo aspecto do mundo de perspectivas e posições distintas. Por fim, discursos constituem, ao lado de outros elementos não-discursivos, modos particulares de identificação, que originam os estilos.

Acerca da prática social, há de se considerar que ela possui diversas orientações, como ideológica e política. O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas entre as quais existem as relações de poder. Já o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder (FAIRCLOUGH, 2001). A partir disso, pode-se concluir que a prática ideológica e a prática política são interdependentes, “pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94). Além de tais compreensões, a presente pesquisa terá enfoque, também, no discurso como prática cultural, tendo em vista que os processos de socialização, recontextualização e releitura dos textos literários acabam por representar um evento discursivo inédito. Se a análise de um discurso particular como exemplo de prática discursiva focaliza os processos de produção, distribuição e consumo textual, então fica explícito que, ao final, far-se-á uma pesquisa, sobretudo, acerca de aspectos das práticas sociais que envolvem tais processos.

Uma consideração pertinente é a de que a prática discursiva age tanto de forma constitutiva em relação à sociedade quanto de modo a transformá-la. A afirmação contribui para pensarmos que as relações sociais são passíveis de modificações e estas podem advir discursivamente, o que corrobora para a noção dialética entre estrutura social e discurso. Há um embate em tal dialeticidade, que “considera a prática e o evento contraditórios e em luta,

com uma relação complexa a variável com as estruturas, as quais manifestam apenas uma fixidez temporária, parcial e contraditória” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

A ADC busca, então, uma união entre a análise linguística e a teoria social de forma com que não haja discrepância entre as duas de forma a prejudicar a investigação. Tal associação está centrada, de acordo com Fairclough (2001), em uma fusão do sentido mais socioteórico de discurso com o sentido de texto e interação na análise de discurso orientada linguisticamente. Com isso, temos o conceito de *texto*, que é considerado como uma dimensão do discurso, ou seja, como uma parte dos eventos sociais. O termo texto, na análise de discurso, pode ser utilizado em um sentido muito amplo, significando qualquer instância real da linguagem. Por conseguinte, não somente textos escritos e falados são considerados textos, mas também outras circunstâncias que utilizem sistemas semióticos além da linguagem verbal, como a linguagem visual e auditiva. Concatenando, Fairclough (2001) trabalha com o sentido de que o conceito de análise de discurso orientada linguisticamente é tridimensional, ou seja, qualquer exemplo de discurso – ou evento discursivo – é considerado, concomitantemente: (1) um texto; (2) um exemplo de prática discursiva; e (3) um exemplo de prática social.

2.2 Reflexões sobre linguagem e sociedade

Fairclough (2003, p. 02) afirma que sua abordagem da análise do discurso “é baseada na pressuposição de que a linguagem é uma parte irreduzível da vida social, dialeticamente interconectada com outros elementos da vida social, de modo que a análise social e a pesquisa sempre têm de dar conta da linguagem”.¹⁶ Isto posto, depreende-se que há uma relação interna e dialética entre ‘linguagem e sociedade’, e que nessa relação as questões discursivas e as questões sociais acabam sendo, relativamente, umas pertencentes às outras (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). Utilizando explanação a partir de Fairclough (2003), o termo ‘linguagem’ pode ser utilizado para nos referirmos de forma geral ou também em seu mais usual sentido para significar a linguagem verbal, como frases e palavras. Mas o que é ‘linguagem’ e o que é ‘sociedade’?

¹⁶ Todas as traduções de trechos de obras em línguas estrangeiras presentes em citações nesta dissertação são traduções livres.

Para John Lyons (1997), o questionamento acerca do que é a linguagem é tão complexo e subjetivo quanto a pergunta “o que é vida?”, mas isso não impede o aprofundamento em estudos linguísticos para que, assim, seja possível a aproximação de uma resposta satisfatória. Para tal, é necessário que haja um despreendimento de visões extremistas e fossilizadas que enfatizem mais – ou somente – o cognitivismo ou o comportamentalismo, pois a linguagem pode ser compreendida com maior amplitude a partir de uma perspectiva dialética em que determinadas abordagens podem ser mais pertinentes em contextos específicos.

Já o conceito de “sociedade”, de acordo com Giddens (1984), tem duas principais acepções, sendo que uma diz respeito à conotação generalizada de interação ou “associação social” e a outra, por sua vez, gira em torno do conceito de sociedade como uma unidade fixa, com fronteiras delimitadoras e distinguidoras. Giddens (1984, p. 164) ressalta que,

sociedades são, em suma, sistemas sociais que 'se destacam' em baixo-relevo de um fundo de uma série de outras relações sistêmicas em que são incorporadas. Elas se destacam porque seus princípios estruturais definidos servem para produzir um agrupamento geral de instituições ao longo do tempo e do espaço.

Para o sociólogo, tal agrupamento de instituições é a mais básica caracterização de uma sociedade, mas há outros elementos que nos permite identificar uma sociedade igualmente, como: uma associação entre o sistema social e um local ou um território específico; a existência de elementos normativos que envolvem posturas reivindicatórias aos ocupantes legítimos da localidade; e a prevalência, por parte dos membros da sociedade, de sentimentos que têm algum tipo de identidade comum (GIDDENS, 1984, p.164-165). Com isso, é possível relacionar o conceito de “sociedade” com as “culturais nacionais”, pois Hall afirma que “as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 1990, p. 50). A partir disso, torna-se possível assumir que, justamente pelo fato da linguagem ser tida como prática social pela ADC, ela faz parte, também, da cultura nacional. É por meio da linguagem – em discursos – que produzimos sentidos com os quais podemos nos identificar enquanto sociedade, pois “os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as constituem” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22).

Todavia, ao falarmos de culturais nacionais, devemos ressaltar que, para Benedict Anderson (2005), a nação “é uma comunidade imaginada – que é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana”. Porém, de acordo com Pilati (2007), ter uma nação como “imaginada” não significa dizer que ela simplesmente não existe, mas sim que há elementos dela que nem mesmo os membros pertencentes terão conhecimento e que as diferenças entre nações encontram-se justamente nas formas distintas pelas quais elas são imaginadas. Ou, nas palavras de Enoch Powell, “a vida das nações, da mesma forma que a dos homens, é vivida, em grande parte, na imaginação” (POWELL, 1969, p. 245). Considerando que a identidade nacional se realiza e se dissemina por meio das práticas sociais, nas quais se incluem as práticas discursivas, pode-se concluir que a comunidade imaginada tem a sua própria linguagem (BHABHA, 1999) e que é constituída pelo discurso, especialmente no que tange as afirmações e as valorações de uma identidade nacional. Assim, discursos não somente representam o mundo como ele é, mas eles também são imaginários, projetando e criando representações que podem passar a existir realmente ou até mesmo que, potencialmente, podem existir no imaginário coletivo.

2.3 Mídias digitais, ciberespaço e cibercultura

O ser humano utiliza a linguagem oral para se comunicar e interagir em sociedade desde os primórdios da civilização. A tradição oral, dessa forma, dependia da interação face-a-face, ou seja, se moldava em consequência do espaço geográfico. Em contraste, a linguagem escrita possibilitou a perpetuação de determinada atividade por meio de um registro menos passível de alterações através do tempo. A partir da Antiguidade Clássica, por volta de VIII a.C., até a Idade Média, entre os séculos V e XV, a linguagem escrita passou a ter relevância para a história humana, ainda que em contribuições restritas devido ao acesso à leitura e à escrita. Conforme Thompson (1998), “com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a interação se dissocia do ambiente físico, de tal maneira que os indivíduos podem interagir uns com os outros ainda que não partilhem do mesmo ambiente espaço-temporal.”.

A partir do pressuposto de que a ADC, conforme Chouliaraki e Fairclough (1999), possui um enquadramento em uma visão científica de crítica social, assim como no campo da pesquisa social crítica sobre a modernidade tardia como também na teoria e na análise

linguística e semiótica, pode-se afirmar que seu objeto é propor uma reflexão acerca das mudanças sociais contemporâneas. Há também uma preocupação em iluminar as questões das mudanças globais e de larga escala e das possibilidades de práticas emancipatórias em estruturas cristalizadas na vida social, porém, com isso, há a necessidade de destacar que a modernidade tardia compõe tal contexto. Conforme Giddens (1991, 2002), a modernidade tardia se caracteriza como a atual fase de desenvolvimento das instituições modernas, que, por sua vez, é marcada pela radicalização de traços básicos da modernidade, como (i) a separação de tempo e espaço; (ii) os mecanismos de desencaixe e (iii) a reflexividade institucional (GIDDENS, 1991, p. 25-36; 2002, p. 221).

Acerca das interações humanas e suas relações espaço-temporais, Thompson (1998) sugere três tipos: (i) face-a-face, (ii) mediada e (ii) quase-interação mediada. A primeira, face-a-face, é caracterizada pela interação imediata entre os sujeitos, na qual há o compartilhamento de um mesmo sistema referencial de espaço-tempo. A segunda, por sua vez, permite que a informação e o conteúdo simbólico sejam transmitidos no espaço e no tempo, ainda que estes sejam distintos. Já a quase-interação mediada se refere, principalmente, a uma vasta disponibilidade de informação e de conteúdo simbólico no espaço e no tempo. Tal interação é propiciada pelos meios de comunicação em massa e gera um número indefinido de receptores envolvidos no processo. Isto posto, torna-se possível afirmar que se originou, na modernidade tardia, um novo tipo de articulação das relações sociais no que tange os intervalos espaço-temporais e, por conseguinte, estabeleceu-se como a principal condição – moderna – do processo de desencaixe da organização racionalizada da vida social.

Como explanam Resende & Ramalho (2004), um traço básico da modernidade que sofreu notável radicalização e desencadeou o mesmo efeito em outros traços foi *a separação de tempo e espaço* e tal reestruturação depende dos mecanismos de desencaixe também supracitados como traços básicos radicalizados da modernidade. As fichas simbólicas e os sistemas especializados (ou sistemas peritos) representam os mecanismos de desencaixe, sendo que tais elementos separam a interação das particularidades do lugar. As fichas simbólicas são um meio de intercâmbio que pode circular entre os indivíduos e grupo sem que haja qualquer característica específica entre eles em determinada conjuntura particular. O dinheiro é um exemplo de ficha simbólica, pois ele permite a realização de transações monetárias entre sujeitos que estão separados nas relações espaço-temporais e “ele é fundamental para o desencaixe da atividade econômica moderna” (GIDDENS, 1991, p. 33).

Já os sistemas peritos, conforme Giddens (1991, p. 35), são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje”, ou seja, são modos de conhecimento técnico da sociedade moderna que independem de um conhecimento aprofundado dos praticantes ou dos clientes que fazem uso deles. A exemplo, temos a informática, ou até a Internet, como sistema perito, pois confere-se ao ambiente virtual o entrelaçamento de risco e confiança, que, por sua vez, são responsáveis por minimizar os perigos aos quais estamos expostos no exercício de qualquer atividade. Os sistemas peritos “criam grandes áreas de segurança relativa para a continuidade da vida cotidiana” (GIDDENS, 2002, p. 126). E, por outro lado, atuam como mecanismos de desencaixe porque removem as relações sociais das imediações do contexto, das relações espaço-temporais. Com isso, retoma-se o conceito de reflexividade institucional da modernidade tardia, que diz respeito ao conhecimento gerado pelos sistemas peritos e que possui, por meio da tecnologia associada aos meios de comunicação, uma abrangência indefinível pelo espaço-tempo.

Em contraste com as sociedades pré-modernas, nas quais o especialista é legitimado por meio de sua sabedoria incontestável acumulada ao longo do tempo, a modernidade produz um outro tipo de detenção de conhecimento, que capacita um especialista a partir de um desequilíbrio entre suas informações e habilidades adquiridas em disparidade com as do leigo. Assim sendo, a especialização é acessível para o leigo na modernidade, pois há uma intensa circulação de conhecimento por efeito dos meios de comunicação, ou seja, há uma descentralização do que antes era restrito, além de uma noção diferente de verdade absoluta, pois a contestação recorrente em meio a tanta fluidez.

As mídias, de acordo com o filósofo da informação Pierre Lévy (2009), modificam nossa visão de mundo. Para Setton (2011), o conceito de mídia é abrangente e se refere aos meios de comunicação massivos dedicados principalmente ao entretenimento, lazer e informação. Além disso, engloba também as mercadorias culturais com a divulgação de produtos e imagens e os meios eletrônicos de comunicação e, por último, os sistemas que agrupam a informática. O surgimento da imprensa, em meados do século XV, é um exemplo claro disso, pois transformou o mundo da cultura oral em um mundo no qual as informações possuíam um veículo físico de propagação, na época, o jornal impresso. Assim, houve uma reorganização no processo de interação humana no âmbito espaço-temporal. Do mesmo modo, na contemporaneidade, a virtualização estaria modificando o que Lévy chama de

“mídia do individualismo e do racionalismo”, promovendo a dita quase-interação mediada de Thompson (1998).

O racionalismo é uma corrente teórica, ou um método, na qual a razão discursiva é utilizada como a possível fonte de todo o conhecimento real. O individualismo, por sua vez, é uma concepção social que tende a privilegiar os interesses individuais em detrimento de um grupo. Para que seja possível compreender a modificação nesse tipo de mídia, por consequência da virtualização, é preciso compreender que as interações sociais, tendo em vista sua natureza orgânica, passam por constantes mudanças.

Ciberespaço, termo utilizado pela primeira vez pelo romancista William Gibson em 1982, refere-se à rede global de infraestruturas de tecnologia da informação, redes de telecomunicações e sistemas de processamento de computador nos quais a comunicação *online* tem lugar. Nele, os indivíduos têm a possibilidade de interagir, trocar ideias, compartilhar informações, criar meios artísticos, jogar jogos, se envolver na discussão política, entre outros, usando esta rede global. A emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização, ou seja, uma técnica é produzida dentro de uma cultura e dessa forma a sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. Os computadores em rede, à primeira vista, parecem ir em direção contrária da cultura do impresso, do isolamento, pois provocam o retorno à coletividade. O ciberespaço provoca, logo, o desejo da conexão. Ainda assim, cabe ressaltar que o ciberespaço não determina o desenvolvimento da inteligência coletiva, apenas *favorece* a essa inteligência um ambiente propício.

Caracterizando o fenômeno enquanto cultura, a tecnologia não é um ator separado da sociedade, a exemplo do alfabeto que, por si só, já é um tipo de tecnologia. Ao contrário, as técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade. Para Lévy (2009), é impossível separar o mundo humano de seu ambiente material, assim como é extremamente complexo separá-los dos signos e imagens por meio dos quais o indivíduo atribui sentido à vida e ao mundo. As práticas no ciberespaço carregam consigo uma dimensão socializadora, promovem uma rede social complexa, e não apenas tecnológica.

A socialização pode ser compreendida como um processo que busca a transmissão, negociação e apropriação de uma série de saberes que ajudam na manutenção e/ou transformação das sociedades. Ela pode ser vista, também, como um processo que engloba um conjunto de experiências de aquisição de conhecimentos e aprendizados por parte de

todos nós. É possível afirmar, portanto, que a socialização é uma dimensão da formação humana propiciada por instâncias produtoras de cultura e que possui como tarefa primordial a transmissão de ideias e valores. Nesse aspecto, a literatura se constitui como um desses saberes que fazem parte do processo situado no ciberespaço.

Sob esse prisma, Lévy aposta na ideia de que a cibercultura, além de levar a copresença das mensagens de volta a seu contexto, como nas sociedades orais, leva-a também a uma órbita diferente. A cibercultura é também denominada ‘cultura da convergência’, conforme Jenkins (2010), e surge da relação entre três conceitos presentes na sociedade em rede (CASTELLS, 1999), que são: a convergência dos meios de comunicação, a cultura participativa (BENKLER, 2007) e a inteligência coletiva (LÉVY, 1998). Nela, de acordo com Gallo e Coelho (2011) “os sujeitos são participantes de um processo coletivo de interações sociais, união de habilidades e associação de recursos, na busca de soluções para problemas em comum, bem como são produtores e consumidores de informações” (2011, p. 53).

A cibercultura, caracterizada pela transversalidade, descentralização e interatividade, segundo Lévy (1998), favoreceria a interação dos grupos e dos indivíduos, instaurando outras formas de interação social. Posto isso, a ela seria uma configuração sociotécnica em que haverá modelos interativos associados às tecnologias digitais, opondo-se ao individualismo da cultura moderna e tecnocrática do impresso. Setton (2011) sugere que compreender uma das culturas de nosso tempo, como a cultura midiática, pode ser uma pista para compreender a sociedade em que vivemos, seus conflitos, lutas de poder, entre outros. Analisar o contexto de produção massiva da ideologia auxilia a identificar e analisar se o sentido construído e usado pelas formas simbólicas serve ou não para manter relações de poder sistematicamente assimétricas.

Nesse sentido, é imprescindível reconhecer o papel de destaque das mídias como poderoso instrumento de lutas hegemônicas, que ampliou a possibilidade de grupos cada vez mais restritos disseminarem seus discursos, suas visões particulares de mundo como se fossem universais (RAMALHO, 2008). Assim sendo, Bauman (2000) afirma que os sujeitos, na atual conjuntura, podem ser situados como “locais” ou como “globais”. Estes são reconhecidos por se integrarem à sociedade global, o que faz com que participem dos significados que estão sendo construídos (SANTOS, 2002); aqueles, por sua vez, são excluídos e tornam-se incapazes de interagir e construir significados como – e com – os demais. Por conseguinte, para fins de pesquisa, cabe averiguar também as situações nas quais há a possibilidade de permutação, transição, entre o “local” e o “global”, pois é sabido que a

conjuntura não é estática e que os sujeitos não necessariamente estão fadados a um rótulo dicotômico. Sob esse ponto de vista cabe o repensar acerca do posicionamento – enquanto ator social – do público/leitor no ciberespaço, pois há a tendência não somente do compartilhamento unilateral de textos literários, mas também de um envolvimento pleno na socialização.

Concatenando a socialização à globalização neoliberal, é possível retomar o posicionamento de Hardt & Negri (2004), os quais afirmam que vivemos um terceiro paradigma econômico capitalista, também conhecido como a era da comunicação, que é baseado na oferta de serviços e no manuseio de informações. A respeito disso, Fairclough (2003b, p. 188) observa que

a linguagem e a semiose possuem uma considerável importância na reestruturação do capitalismo e em sua organização em nova escala. Por exemplo, a totalidade do conceito de ‘economia baseada no conhecimento’, uma economia em que o conhecimento e a informação adquirem um novo e decisivo significado, implica uma economia baseada no discurso: o conhecimento se produz, circula e é consumido como os discursos.

Por conseguinte, cabe uma reflexão acerca de como a literatura, sendo uma forma de conhecimento, é utilizada como mecanismo de “ascensão social”. É inevitável, nesse aspecto, refletir sobre a relevância do nome da autora Clarice Lispector como argumento de autoridade, afinal de contas, não foi qualquer pessoa que escreveu *Perto do coração selvagem* e *Um sopro de vida*. Além disso, o sujeito passa, no processo de socialização do texto, a demonstrar domínio sobre determinado *tipo* de literatura, uma literatura legitimada por intelectuais que tem o aval para fazer valoração sobre o que é considerado – ou não – literário.

2.4 Letramentos, eventos de letramento e letramento midiático

O compartilhamento de informações por meio das mídias digitais possibilita a retomada de textos que até então eram acessados somente em meios analógicos, como as obras literárias na mídia impressa. Dessa forma, é possível constatar que a literatura não deixou de ser um interesse da sociedade, mas sim que ela necessitava de uma conjuntura inédita que fosse capaz de abarcar as suas necessidades. Isto posto, torna-se essencial

averiguar as demandas da sociedade em um mundo pós-moderno – ou na globalização neoliberal – no que diz respeito aos processos de letramento, pois as variadas práticas socioculturais que surgem na sociedade requerem que o indivíduo possua habilidades e competências específicas para se apropriar de novos signos e linguagens, de novos artefatos tecnológicos como também de novos processos comunicacionais para que ele possa, efetivamente, participar de uma cultura, a cibercultura.

A atividade material serve de eixo que norteia a presente pesquisa no âmbito de expor como os sujeitos estão (inter)agindo em cada uma das práticas envolvidas no processo. Com isso, faz-se necessário analisar os tipos de letramentos associados com diferentes domínios da vida. De acordo com Barton & Hamilton (2000), letramento é mais conhecido como um conjunto de práticas sociais, e essas podem ser inferidas a partir de eventos, que, por sua vez, são mediados por textos escritos. Por se tratarem de práticas sociais, é pertinente afirmar que o letramento é situado histórico e culturalmente.

Primeiramente, faz-se necessário elucidar os termos *práticas de letramento* e *eventos de letramento*. Considerando que a escrita desempenha um papel fundamental em vários momentos da nossa vida, é pertinente considerar o evento como uma unidade básica. A noção de evento de letramento teve sua origem na concepção sociolinguística de eventos de fala (Hymes, 1962; Anderson & Bowman, 1980). Tais autores definem como ‘eventos de letramento’ a ocasião em que o sujeito tenta compreender ou produzir sinais gráficos, estando eles sozinhos ou acompanhados por outros modos semióticos. Heath, por sua vez, considera eventos de letramento como situações “onde o letramento desempenha um papel integral” (1984, p. 71), que dialoga, por sua vez, com a noção proposta por Barton & Hamilton (2000) de que eventos de letramento são atividades regulares e repetidas nas quais o letramento desempenha importantes e distintas funções nas atividades comunicativas humanas. Já Brian Street (2000) defende que ‘eventos de letramento’ é um conceito útil, pois focaliza uma situação particular na qual as coisas estão acontecendo e é possível observá-las durante o processo. Todavia, deve-se atentar para o fato de que pode ser um problema no âmbito da pesquisa observar determinado evento de letramento de forma isolada. Os eventos são episódios observáveis que surgem de práticas e são moldados por elas, e essa noção reitera a natureza situada do letramento de que sempre existe em um contexto social.

O termo ‘práticas’, de acordo com Barton (1994), é utilizado em diversas disciplinas e diversos pesquisadores o tem aplicado para o letramento, o que é pertinente partindo do princípio de que as práticas de letramento são práticas sociais associadas à palavra escrita.

Acerca das práticas de letramento, pode-se dizer que, também segundo Barton & Hamilton (2000), elas são padronizadas por instituições sociais e relações de poder, e que alguns letramentos são mais dominantes, visíveis e influenciadores que outros. Tais práticas são intencionais e incorporadas em objetivos sociais amplos e, também, em práticas culturais, ou seja, são formas culturais gerais de utilização do letramento. Elas mudam e outras novas são frequentemente adquiridas por meio de processos de aprendizado informal e construção de sentido. Logo, torna-se possível relacionar as novas práticas de letramento com o processo de recontextualização do texto literário em questão. Diz-se isso pois as novas semioses possibilitam construções de sentidos inéditos a partir de práticas de letramento até então inexistentes. Nessa perspectiva, é pertinente analisarmos diferentes práticas, pois temos a leitura individual da obra original por um determinado leitor e, a partir de possíveis referências, esse mesmo leitor socializa determinados trechos no ciberespaço, que, por sua vez, são (re)interpretados por outras pessoas.

Assim sendo, a intenção desta pesquisa é examinar, também, eventos particulares nos quais a leitura e a escrita são utilizadas. A ênfase no “particular” se dá tendo em vista a necessidade, primeiramente, de compreender um fenômeno dentro de uma situação particular antes de prosseguir para futuras generalizações. No caso, o evento de letramento é, então, qualquer prática que envolva o uso de semioses – material linguístico – e, para isso, há a compreensão de semiose como um momento irredutível da vida social. Isto posto, temos o *weblog* e o *Tumblr* como exemplos de eventos de letramento observáveis em mídias digitais. Como foi explicitado anteriormente, o conceito de mídia é abrangente e se refere aos meios de comunicação massivos dedicados principalmente ao entretenimento, lazer e informação. Além disso, engloba também as mercadorias culturais com a divulgação de produtos e imagens e os meios eletrônicos de comunicação e, por último, os sistemas que agrupam a informática. Com isso, far-se-á uso do termo letramento midiático a partir da perspectiva de Livingstone (2004), que o caracteriza como a habilidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens em uma variedade de formas. Essas quatro ações constituem de forma não-linear e dinâmica um processo de letramento condicionado.

Livingstone (2011) defende que os sujeitos, ao se apropriarem das tecnologias, se posicionam não somente como consumidores, mas também como cidadãos, ou seja, atuando de forma crítica e participativa em seus *habitus*¹⁷. Por conseguinte, é possível enxergar as

¹⁷ “mediação entre o agente social e a sociedade” (BOURDIEU, p. 26, 1994).

tecnologias da informação como mecanismos que interferem na dinâmica da sociedade contemporânea, pois provocam novos modos de produzir conhecimento. Além da produção de conhecimento, é inevitável que as tecnologias permitam novas formas de comunicação, que, por sua vez, necessitam de competências inéditas dos sujeitos sociais. Considerando, também, a junção de outros diferentes tipos de letramentos, pode-se dizer, segundo Jenkins (2010), que há um envolvimento das seguintes atividades no letramento midiático:

- Descobrir e experimentar ambientes;
- Adaptar e criar identidades alternativas;
- Interpretar, modificar e criar simulações;
- Remixar conteúdos;
- Articular abas e executar tarefas simultâneas;
- Interagir, significativamente, com as ferramentas que expandem as capacidades cognitivas;
- Partilhar e construir conhecimento em busca de um objetivo comum;
- Avaliar a confiabilidade das informações;
- Acompanhar o fluxo da notícia e informação em multiplataformas de mídia;
- Escrever e publicar em rede;
- Negociar pontos de vista em comunidades;
- Traduzir informações em modelos visuais, constituindo uma comunicação.

Tais atividades, que enfatizam os aspectos cognitivos do processo de interação, demonstram que o sujeito precisa ir além do manuseio restrito das tecnologias e das mídias digitais para participar efetivamente da cibercultura. Ao dominar os diversos letramentos, incluindo o midiático, o indivíduo se possibilita interagir socialmente na cultura participativa que existe no ciberespaço através de um envolvimento coletivo que abarca habilidades de trabalho colaborativo e em rede. Além disso, cabe ressaltar que tais competências estão relacionadas ao fenômeno de *refração* do texto, ou seja, elas potencializam a propagação do texto literário em diferentes direções e velocidades daquelas propiciadas anteriormente. Bakhtin (2011, p. 311) afirma que “a reprodução do texto pelo sujeito (a retomada dele, a repetição da leitura, uma nova execução, uma citação) é um acontecimento novo e singular na vida do texto, o novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva”. Logo, o ciberespaço, como meio de propagação, torna-se imprescindível para que os textos sejam compartilhados, construindo, assim, novos significados a partir das retomadas pelos sujeitos.

CAPÍTULO 3

Abordagem metodológica do estudo

[...]

O mais puro retrato de Clarice
só se pode encontrá-lo atrás da nuvem
que o avião cortou, não se percebe mais.

De Clarice guardamos gestos. Gestos,
tentativas de Clarice sair de Clarice
para ser igual a nós todos
em cortesia, cuidados, providências.
Clarice não saiu, mesmo sorrindo.
Dentro dela
o que havia de salões, escadarias,
tetos fosforescentes, longas estepes,
zimbórios, pontes do Recife em bruma envoltas,
formava um país, o país onde Clarice
vivia, só e ardente, construindo fábulas.

[...]

Visão de Clarice, de Carlos Drummond de Andrade

Este capítulo tem por objetivo apresentar as bases teóricas e metodológicas sobre as quais se estabelecerá a análise linguística dos excertos selecionados como *corpus* principal. Com base em considerações sobre o caráter netnográfico e sobre o Realismo Crítico em confluência com a ADC, desenvolve-se o arcabouço crítico-explanatório recorrido na presente pesquisa.

3.1 Abordagem teórico metodológica do estudo

O interesse da ADC em usos factuais da linguagem em convergência com questões sociais incentiva a adoção, por parte dos pesquisadores, de metodologias de caráter qualitativo-interpretativista. Conforme Denzin e Lincoln (2006, p. 17), as pesquisas qualitativas formam um “conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo”. Assim, é possível afirmar que a pesquisa qualitativa não possui uma teoria definida e imutável, o que permite a experimentação de diversas práticas e metodologias sem que haja uma hierarquização, ou seja, sem que haja prejuízo conforme a perspectiva adotada. Acerca de tal aspecto, Silva (2000) afirma existir uma relação dialógica entre a natureza do objeto estudado e a perspectiva adotada, pois a dimensão teórico-metodológica pode ajudar a

delimitar o próprio objeto de pesquisa assim como o objeto possui a potencialidade para direcionar o percurso a ser posteriormente traçado.

A metodologia qualitativa, tendo em vista a natureza de seu caráter relativamente independente, serve de apoio para pesquisas em diversas áreas e, por esse motivo, é incoerentemente restritivo associá-la a uma só disciplina. De acordo com Denzin e Lincoln, tal pesquisa destaca “a natureza socialmente construída na realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação” (2006, p. 23). Isto posto, a pesquisa de cunho qualitativo permite o uso de diversas práticas interpretativas que, por sua vez, “permitem transformar aspectos do mundo em representações por meio das quais poderemos entendê-los, descrevê-los e interpretá-los” (RAMALHO & RESENDE, 2011, p. 74).

A pesquisa qualitativa se utiliza de uma vasta quantidade de materiais empíricos para analisar os significados da vida dos sujeitos envolvidos na prática social em questão. E, por guiar-se na ADC, o presente estudo opta por utilizar textos, sendo eles escritos e/ou imagéticos, como tais materiais. Se opondo ao paradigma positivista, o estudo pelo viés qualitativo “não naturaliza o fato de que cada comunidade científica possui uma concepção própria do mundo, do que seja ciência e de como fazê-la” (OLIVEIRA, 2013, p. 67). Tal afirmação sustenta o fato de que pesquisadores em ADC não assumem uma postura imparcial/neutra mediante sua pesquisa, pois há modos de conhecimento e versões particulares do mundo que se permeiam, inextricavelmente, no procedimento de pesquisa adotado. Não cabe, assim, a percepção do fazer científico desassociado de fatores sociais, crenças ou outras formas socialmente construídas de significação do mundo. Assim, ainda contestando a perspectiva positivista, há uma modificação da concepção de verdade absoluta quando é assumida interpretação de diferentes aspectos do mundo no fazer científico. A ‘verdade’ é, na realidade, flexível e passível de mudanças a partir de negociações de sentido, também subjetivas e discursivas, acadêmicas. Isto posto, a investigação aqui proposta é maleável e contestável assim como a própria cosmovisão o é.

A pesquisa qualitativa proporciona múltiplas práticas de interpretação e conseqüente geração de dados complexos e contextuais, o que pode, de certa maneira, ser um obstáculo para o pesquisador iniciante. Contudo, uma postura autocrítica, além da consciência de que toda e qualquer explanação é feita a partir de um ponto de vista único, acaba por ampliar a possibilidade de êxito na “manipulação” dos dados. Em outras palavras, ser membro de uma sociedade e de uma cultura afeta diretamente a prática científica, pois, dessa forma, a

neutralidade é utópica. Ainda assim, tal afirmativa não significa que a pesquisa como prática interpretativa segue menos rigor científico, pois, conforme Oliveira (2013), a utilização de métodos de geração de dados é flexível e adaptável de acordo com o contexto social em que foram gerados.

Levando em consideração os aspectos supracitados, esta pesquisa objetivou compreender aspectos arraigados no processo de reprodução do texto, sendo ele escrito ou imagético, de Clarice Lispector no ciberespaço. Assim, a coleta de dados partiu, principalmente, de excertos que eram atribuídos à autora, e confirmados como pertencentes aos romances *Perto do coração selvagem* e *Um sopro de vida* a partir da verificação conteudística, a exemplo de:

Figura 3.1 - Configuração final do *corpus*

Texto	4.1.1	4.2.1	4.2.2	4.3.1	4.3.2	4.3.3
Autoria/veiculação	tumblr: clarice-lispector.tumblr.com/page/12	blog: apenasclaricelispector.blogspot.com.br/2008/07/fatal-e-inteiro.html	blog: apenasclaricelispector.blogspot.com.br/2008/07/entremim-e-o-deus.html	instagram: http://instagram.com/p/bq8tLZmNs1	tumblr: dirtbagirl.tumblr.com/post/62189385559	tumblr: puttingyouout.tumblr.com/post/61106048552
Conteúdo	Citação de <i>Um sopro de vida</i>	Citação de <i>Perto do coração selvagem</i>	Citação de <i>Um sopro de vida</i>	Placa Restaurante Universitário (UnB)	Captura de imagem de vídeo/propaganda	Citação Clarice/Silvio Santos
Publicação e coleta	dezembro/2012 e julho/2013	julho/2008 e julho/2013	agosto/2008 e julho/2013	julho/2013 e julho de 2013	setembro/2013 e setembro/2013	outubro/2013 e outubro/2013

A partir da proposição de dados a serem analisados, faz-se necessário o uso da *netnografia* como aporte metodológico para compreender o comportamento cultural em comunidades virtuais do ciberespaço. Como um método interpretativo e investigativo para o comportamento cultural de comunidades *online* (KOZINETS, 1997), a netnografia propõe

uma metodologia de pesquisa antropológica que visa observar e interpretar dados de grupos sociais por meio da coleta e análise qualificada de dados que evidenciem interações sociais nas mídias digitais e demais conteúdos relacionados. Considerando que “na reflexão dos principais estudiosos da comunicação em rede as práticas e metodologias de pesquisa são pouco explicitadas e discutidas” (SÁ, 2002, p. 155), cabe ressaltar que as dinâmicas comunicacionais tanto entre os objetos observados como na relação pesquisador- objeto podem diferir de um meio para outro, essencialmente em relação à noção de tempo-espaço, assim como foi discutido na seção 2.4 do capítulo 2.

A netnografia, de acordo com (BRAGA, 2007), também leva em conta as práticas de consumo midiático, os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do sujeito social dentro de comunidades virtuais. Sob esse prisma, é importante ressaltar o papel do pesquisador, que, conforme Amaral, Natal e Viana (2008, p. 39), deve

permanecer consciente de que está observando um recorte comunicacional das atividades de uma comunidade on-line, e não a comunidade em si, composta por outros desdobramentos comportamentais além da comunicação (gestual, apropriações físicas, etc.), sendo esse um dos principais diferenciais entre o processo etnográfico off-line e o on-line.

A afirmação supracitada dialoga com o posicionamento assumido na presente pesquisa, visto que as compreensões acerca da composição do mundo social são ontológicas, ou seja, não se resumem a generalizações ou verdades absolutas. O que é observado no ciberespaço pode, sim, ser reflexo e/ou refletir o espaço físico das interações humanas, porém isto não quer dizer que os valores humanos ali observados estão presentes em qualquer conjuntura social. A partir de tal noção, torna-se possível relacionar a metodologia netnográfica ao Realismo Crítico em confluência com a Análise de Discurso Crítica a partir das seguintes questões de pesquisa:

- Em qual conjuntura ocorre o processo de recontextualização da obra literária?
- Qual é a relação entre a literatura de Clarice Lispector e as novas formas de ação e interação possibilitadas pelas tecnologias de comunicação?
- Pode-se dizer que há uma nova configuração da literatura nas mídias sociais e que esse processo populariza a arte?

- Como se configuram as relações entre autor, obra e público nos processos de recepção e de recontextualização do texto fonte?

3.2 Arcabouço crítico-explanatório da ADC para estudos discursivos: breves considerações sobre o Realismo Crítico

A ontologia pode ser compreendida como estudo filosófico que busca compreender a natureza do mundo social. Ainda que dados da realidade social possam parecer, à primeira vista, axiomáticos, há diferentes compreensões ontológicas acerca de sua composição. Por conseguinte, é necessário, para fins de pesquisa (MASON, 2002), definir uma perspectiva específica sobre a composição de tal mundo social, pois, caso contrário, acabar-se-á tomando determinados aspectos como verdade absoluta.

Isto posto, cabe ressaltar que o Realismo Crítico (RC) se configura como uma das correntes teóricas recentes que procurou romper com concepções antiquadas e que também provocou um embate frente as tradições positivistas nas ciências. Para o RC, a filosofia, principalmente a ontologia, serve como uma forma de dispor o conhecimento essencial para a ciência e há uma preocupação evidente na potencialidade das descobertas científicas em relação à prática humana. Em outras palavras, a ontologia faculta à análise científica a identificação de valores humanos que estão presentes em qualquer conjuntura/contexto social.

A partir disso, e conforme Ramalho (2007b), a ADC, em um diálogo transdisciplinar, faz uso de princípios do RC a fim de propor uma abordagem de caráter crítico-explanatório de problemas sociais que envolvem a linguagem. Fairclough (2003, p. 14) explicita tal relação no seguinte excerto:

A perspectiva social em que me baseio é realista, baseada em uma ontologia realista: tanto eventos sociais concretos como estruturas abstratas, assim como as menos abstratas 'práticas sociais', são parte da realidade. Podemos fazer uma distinção entre o 'potencial' e o 'realizado' - o que é possível devido à natureza (constrangimentos e possibilidades) de estruturas sociais e práticas, e o que acontece de fato. Ambos precisam ser distinguidos do 'empírico', o que sabemos sobre a realidade. (...) A realidade (o potencial, o realizado) não pode ser reduzida a nosso conhecimento sobre ela, que é contingente, mutável e parcial.

Bhaskar (1989) sugere que o mundo é um sistema aberto, passível de mudanças e constituído por diferentes domínios e estratos. Tais domínios, que representam a ontologia

estratificada da realidade social, são denominados aqui como *potencial*, *realizado* e *empírico*, podendo ser observados na seguinte tabela adaptada:

Figura 3.2.1 - Ontologia estratificada do Realismo Crítico

	Domínio do potencial	Domínio do realizado	Domínio do empírico
Mecanismos	X		
Eventos	X	X	
Experiências	X	X	X

Adaptado de Bhaskar (1998) e Ramalho (2008).

Com base na leitura da tabela acima, e considerando Sayer (2000b), o *domínio do potencial* diz respeito ao domínio dos mecanismos, dos eventos e das experiências de forma em que há a correspondência com qualquer tipo objeto, independentemente dele ser natural ou social. Os objetos, por sua vez, possuem estruturas internas e poderes causais, ou seja, possuem uma certa potencialidade a mudanças. O RC oferece a mencionada capacidade crítico-explanatória, também utilizada em ADC, dos elementos do mundo social justamente por permitir o estudo das possibilidades/potencialidades nas práticas sociais, e não somente do que é concretizado no domínio do realizado. Assim sendo, mecanismos gerativos de diversos estratos – físico, biológico, semiótico, social, etc – operam concomitantemente em uma interdependência de poderes causais, intervindo nos outros domínios. Em outras palavras, os mecanismos biológicos podem influenciar os fenômenos sociais aqui estudados, e eles mantêm uma relação indissociável com outros mecanismos, porém não há a necessidade de nos atentarmos especificamente para o estrato da biologia na investigação, por exemplo, do processo de recontextualização dos textos literários.

O *domínio do realizado* refere-se àquilo que os poderes causais fazem e também às consequências de sua ativação. De acordo com Ramalho (2008), este é o domínio dos eventos, que passam por nossa experiência, ou não, e que se localiza entre o mais abstrato, como estruturas e poderes, e o mais concreto, como eventos experienciados.

Já para Resende (2008, p. 46), o *domínio do empírico* “é definido como o domínio da experiência, da observação – é aquilo que nós efetivamente observamos dos efeitos das estruturas, das potencialidades e das realizações”. Enquanto o potencial é o domínio dos poderes causais e o realizado é o domínio dos eventos nos quais esses poderes são acionados, o empírico é o que se pode apreender de todo o processo anterior mencionado. Assim sendo, o empírico é uma dimensão epistemológica, enquanto o potencial e o realizado referem-se às dimensões ontológicas.

Partindo das propostas mencionadas acerca da realidade estratificada do Realismo Crítico, Resende (2008) apresenta a seguinte síntese aqui adaptada na Figura 3.3 :

Figura 3.2.2 - Realidade estratificada do Realismo Crítico



- **Potencial:** Objetos sociais com suas estruturas e poderes gerativos.
- **Realizado:** O modo como *os objetos sociais com suas estruturas e poderes gerativos* são configurados em um dado momento e em um dado contexto de articulação de (redes) de práticas.
- **Empírico:** O que podemos observar dos *objetos sociais, suas estruturas e poderes gerativos e do modo como se configuram em um dado momento e contexto de articulação de (redes) de práticas*.

A partir dos princípios do RC, pode-se dizer que o acesso diretamente ao domínio do potencial não é praticável e tal domínio não pode ser atingido senão por meio do realizado e do empírico. Posto isso, é uma “falácia epistêmica” considerar o mundo somente por aquilo

que é experienciado, ou seja, pelo domínio empírico, e também é uma falácia conjecturar sobre a possibilidade de um estudo do mundo real de maneira objetiva, pois tal estudo só é possível se for levado em consideração o filtro de nossas experiências.

CAPÍTULO 4

Análise de dados documentais netnográficos: um olhar sobre aspectos (inter)acionais em textos do ciberespaço

[...]

Não podíamos reter Clarice em nosso chão
salpicado de compromissos. Os papéis,
os cumprimentos falavam em agora,
edições, possíveis coquetéis
à beira do abismo.

Levitando acima do abismo Clarice riscava
um sulco rubro e cinza no ar e fascinava.

Fascinava-nos, apenas.

Deixamos para compreendê-la mais tarde.

Mais tarde, um dia... saberemos amar Clarice.

Visão de Clarice, de Carlos Drummond de Andrade

O presente, e último, capítulo é dedicado à análise dos dados documentais que constituem o *corpus* principal apresentado anteriormente e, para tal, faz-se uso das categorias analíticas propostas por Fairclough (2003). Ressalta-se que o *corpus* principal representa uma amostra delimitada e situada de textos coletados que representam um universo maior da questão sociodiscursiva em estudo. A primeira subseção aborda a questão do gênero e da estrutura genérica, sobretudo como um modo de interação, ou seja, em confluência com as práticas particulares estudadas. A segunda subseção destaca a relevância dos estudos referentes à intertextualidade em citações no ciberespaço para que, dessa forma, se possa compreender de forma mais densa como ocorre o processo de referencialização do mundo a partir de uma perspectiva estético-literária. Finalmente, discute-se a ironia e a estrutura visual como um fenômeno inerentemente intertextual a partir das multiplicidades de sentido existentes no enunciado.

4.1. Gêneros

As mídias digitais, dialogando com a proposta de Silva e Ramalho (2008), constituem um meio de circulação de diversos gêneros textuais, sendo que esses gêneros são permeados por diversos discursos produzidos socialmente. De acordo com Marcuschi, gêneros textuais são “formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural” (2005). Por conseguinte, e a partir do que é possível observar na contemporaneidade, as mídias digitais apresentam gêneros distintos dos encontrados em meio analógicos, sendo necessária, dessa maneira, uma análise diferenciada.

Como modo de interação, gêneros implicam atividades específicas, ligadas a práticas particulares. Conforme Bakhtin (2010), o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão indissoluvelmente relacionados no enunciado e são equitativamente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Com base em tal afirmação, é possível evidenciar que os “enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2010, p. 261). Apesar de cada enunciado particular ser individual, cada campo de utilização da língua concebe seus tipos relativamente estáveis de enunciados, que são denominados *gêneros do discurso*.

Como Bakhtin (2010) explicita, os gêneros do discurso possuem uma diversidade infinita porque também são inesgotáveis as formas de atividade humana, ou seja, a pluralização de cada campo comunicativo acaba por ampliar as possibilidades de gêneros do discurso, sendo eles orais, escritos ou sinalizados. Ainda que seja evidente a heterogeneidade de tais gêneros, é imprescindível ressaltar que a estrutura genérica corresponde à organização e à materialização dos propósitos específicos presentes em cada atividade social. Essa estrutura pode ser mais homogênea em determinados gêneros, como uma citação, ou mais heterogênea, como um romance. Entretanto, há certa convergência para a noção de abstrato no que tange a questão dos estudos sobre a heterogeneidade funcional dos gêneros discursivos, pois seus traços gerais jamais foram abordados levando em consideração a natureza universalmente linguística do enunciado.

Acerca da heterogeneidade não funcional dos gêneros do discurso, Bakhtin (2010) ressalta a necessidade de compreender a diferença crucial entre os gêneros discursivos

primários e secundários, tendo em vista que tal entendimento auxilia a definição da natureza geral do enunciado. Conforme Bakhtin (2010, p. 263),

os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicitários, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc.

Assim sendo, os gêneros secundários são constituídos por gêneros primários, que, por sua vez, são reelaborados em tal processo, pois, inicialmente, tiveram sua formação advinda da comunicação discursiva imediata. A partir da integração de ambos, é possível dizer que ocorre um distanciamento dos gêneros primários com a realidade concreta. Considerando o enunciado concreto como o principal material empírico do analista de discurso, faz-se necessária a investigação da natureza do enunciado para que seja possível efetuar conexões dialéticas entre discurso e aspectos sociais.

Considerando que todos os enunciados, sejam eles primários ou secundários, são individuais, pressupõe-se que os gêneros do discurso refletem a individualidade do falante na linguagem, ou seja, refletem seu estilo. Contudo, nem todos os gêneros possuem a mesma predisposição para tal manifestação. Por exemplo, se a citação possui uma estrutura mais homogênea, conseqüentemente, o seu estilo tende a ser mais homogêneo também, pois a padronização restringe – não inviabiliza – a manifestação do estilo individual. Já em um romance, gênero artístico literário, há a assimilação do estilo individual como um dos fatores de fundação do próprio enunciado, ou seja, ele não possui função secundária, como em uma citação.

De acordo com Bakhtin (2010, p. 268), “onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero”. O que temos, portanto, no corpus a ser analisado nesta pesquisa, é um hibridismo de estilos e, por conseguinte, de gêneros, visto que o romance de Clarice Lispector – gênero discursivo secundário – foi constituído por gêneros primários e que, por sua vez, foram retomados na experiência comunicativa da citação presente no ciberespaço.

A relação entre os significados do discurso – acional/relacional, representacional e identificacional – é dialética, e isso significa dizer que há a internalização de traços um dos outros, sem que ocorra um absolutismo em relação à distinção. Por exemplo, os discursos

(representação) podem ser legitimados em gêneros (ação/relação) e inculcados em estilos (identificação). Torna-se necessário, então, verificar a relevância dos significados do discurso em um caso em que, principalmente, os gêneros passam constantemente por um processo de metamorfose que acabam por influenciar discursos e estilos.

Marcuschi (2010) propõe que os gêneros funcionam como partes integrantes de atividades socialmente organizadas e, sendo assim, passam também a fazer parte de diversos tipos de controles sociais, como o exercício do poder. Partindo do princípio de que gêneros são históricos, culturais e situados, pode-se afirmar que são inevitáveis, todavia não são deterministas. Isso quer dizer que eles não podem ser explicados somente por relações de causalidade. O autor ressalta dois aspectos que devem ser compreendidos plenamente. Primeiramente, “os gêneros surgem e operam em nossas sociedades como formas de controle social, político, ideológico etc.; segundo, os gêneros constituem sistemas relacionados de enunciados e não agem isoladamente”. Com isso, é possível obter a noção de que os gêneros são sistemas de controles provenientes de desenvolvimentos históricos, culturais, políticos e sociais. Ou, de maneira mais objetiva, e ainda de acordo com Marcuschi (2005), gêneros textuais são “formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural”.

A partir do ponto de vista de Bakhtin ([1953]1979), pode-se dissertar acerca da questão pragmática da língua em torno das formas dos gêneros, pois eles seriam essenciais no processo de interlocução humana. Os domínios gêneros discursivos ao mesmo tempo guiam e restringem, a exemplo da restrição nos gêneros *romance* e *citação*. A partir disso, é plausível retomar a questão de que os gêneros textuais auxiliam a moldar e a induzir determinadas ações, mas, ao mesmo tempo, não são capazes de restringir as condições de realização.

Marcuschi faz uso da definição de discurso da Análise de Discurso Crítica, proposta por Fairclough (2001, p. 90-91), como “uma forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais”. E, com isso, torna-se possível citar os significados do discurso, sendo eles: acional, representacional e identificacional. A assertiva é plausível tendo em vista que o discurso é uma prática que constitui o mundo por modos de ação, representação e identificação.

É possível relacionar Marcuschi (2010) com Fairclough (2003) no que diz respeito às ideologias e às suposições, pois ambas podem ser consideradas como pertencentes a discursos particulares. Sendo pertencentes, têm-se sistemas de valores inerentes imbricados em práticas expressas por meio de gêneros discursivos. De acordo com Fairclough (2001, p. 161), o gênero é um conjunto de convenções que é relacionado e, em certa medida, representa algum

algum tipo de atividade socialmente aprovado. Representando a atividade, é capaz também de expor ou também omitir ideologias associadas. Já em Fairclough (2003), há a noção de gêneros como aspectos discursivos de formas de agir e interagir, sendo esta ação factível a partir de eventos sociais.

Retomando, Marcuschi (2010) afirma que os gêneros são “plásticos e fluidos, interligados e muitas vezes híbridos, além da nossa maneira de lidar com textos concretos que temos pela frente”. Por isso, torna-se extremamente difícil classificar, identificar e até mesmo designar os gêneros. Há formas sugeridas para tentar identificá-los, mas o processo envolve critérios sócio-comunicativos, e não estritamente linguísticos, o que acaba por ser um mecanismo passível de “falhas” pelo fato dos critérios serem subjetivos.

Então, conclui-se que os gêneros não são corriqueiramente produzidos a cada vez que um impulso individual surge, mas são *socialmente* legitimados. O fato de a transmissão ocorrer sócio-historicamente reafirma o posicionamento de que os falantes são responsáveis pela dinamicidade dos gêneros, seja tanto pela mudança quanto renovação. A forma de ação analisada não é uma transcrição da estrutura social, mas parte constituinte da própria estrutura, que acaba por configurar relações sociais e, conseqüentemente, relações de poder.

Sendo assim, os romances *Perto do coração selvagem* e *Um sopro de vida*, de Clarice Lispector, possuem uma organização diferente no que diz respeito à estrutura genérica original, o que acaba por dar outro sentido ao que foi denominado anteriormente como *literatura genérica*. A genericidade é, portanto, consequência do processo de popularização do texto literário e diz respeito, além de tudo, da metamorfose do gênero textual, sendo que este se torna mais maleável, influenciando o próprio discurso e estilo dos sujeitos sociais envolvidos na atividade. É relevante, entretanto, mencionar que o fato da literatura ser apropriada em uma conjuntura inédita não significa necessariamente em uma degradação do texto mas sim em uma nova construção de sentido. No caso, um sentido que necessitava justamente do ciberespaço, que por sua vez propicia novos eventos de letramento, sendo estes remodeladores de gêneros textuais.

Levando em consideração o que foi supracitado, e enfatizando a noção de literatura genérica, far-se-á também uma análise multimodal do Texto 1 do *corpus* principal, que se encontra a seguir:

Figura/Texto 4.1.1 - Sou feliz na hora errada. Infeliz quando todos dançam¹⁸



Observa-se, no Texto 4.1.1, a relevância, ao menos estética, da imagem presente na postagem. Apesar de aparentar ser alguma rua genérica, trata-se de *Grodzka*, uma das mais antigas ruas da cidade de Cracóvia, na Polônia. Ao retratar o cotidiano polonês, a fotografia nos remete a um começo de noite – ainda que não seja possível delimitar o horário exato – frio, quando as luzes começam a dar vida ao que seria praticamente monocromático. Se fosse eleita uma abordagem superficial que buscasse relacionar a tal foto e Clarice Lispector, o ponto de contato, talvez, apenas seria o fato da rua pertencer a uma cidade do país fronteiro ao de nascimento da escritora, a Ucrânia. No entanto, tem-se que texto imagético acrescenta construções de significado concomitantes a escrita, apontando que sua presença é não é meramente acumulativa.

¹⁸ Presente em Captura de imagem da página <http://clarice-lispector.tumblr.com/page/12>.

Assim, a presença da fotografia dialoga com o excerto de *Um sopro de vida*: “Sou feliz na hora errada. Infeliz quando todos dançam.”(LISPECTOR, 1999, p. 13). A citação integra o romance original, ou seja, o gênero complexo, encontrando-se na primeira página da obra em um dos trechos que denominado, na literatura, de *fluxo de consciência*. Sendo uma característica marcante no estilo da escritora analisada, o fluxo de consciência é um recurso que auxilia a interlocução entre a autora, o(s) narrador(es) da obra e o(s) leitor(s) e, relacionando-o com o tempo, Sá (2000, p. 99) afirma que

o tempo experimentado pela mente humana tem a qualidade de fluir, e embora os momentos sucessivos se escoem, constantemente, o fluir perdura, no seio da própria mudança. Este aspecto se liga a dimensão psicológica da memória, como instrumento de registro dinâmico dos acontecimentos.

À primeira vista, como um registro dinâmico de acontecimentos, o fluxo de consciência pode parecer estabelecer uma relação íntima somente entre o autor e o narrador, contudo, como percebe-se em *Um sopro de vida*, que tal fluxo permite ao leitor o contato com o diálogo interno exposto entre o Autor e sua personagem, Ângela Pralini. Dessa forma, há a criação do estético a partir da concordância entre duas ou mais consciências, e, consoante Bakhtin (2006, p. 125):

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Posto que a realidade fundamental da língua é constituída por meio da interação verbal, relaciona-se o excerto “sou feliz na hora erra. Infeliz quando todos dançam” do Texto 4.1.1 com a urgência comunicativa que arquiteta e que mantém as relações no ciberespaço. Assim sendo, a partir do letramento digital explorado no capítulo 2, os usuários do ciberespaço não somente leem o excerto clariceano mas o leem em outro contexto, fazendo com que haja uma nova significação do texto literário a partir de tal conjuntura. De certa forma, a fotografia incluída na postagem pode nos remeter a duas análises que se contradizem, sendo que (i) a rua *Grodzka* explicita uma melancolia e o sujeito, ao invés de compartilhar de tal sentimento, encontra-se feliz, dançando quando todos os outros estão infelizes; ou (ii) a rua *Grodzka* simboliza euforia, na qual as pessoas e os carros dançam, enquanto o sujeito se permite, somente, estar/ser infeliz. Irrefutavelmente, não cabe a esta

pesquisa fazer qualquer tipo de projeção sobre qual pensamento seria o mais factível e, sim, elucidar que o excerto do romance, quando recontextualizado, possibilita a criação de novas semioses.

Já acerca das informações técnicas, observa-se, abaixo da citação, o nome da escritora e também dados como o dia e o horário da postagem, as notificações e as palavras-chave. As notificações, 3390 até o momento da coleta de dados, representam tanto *likes* como *reblogs*, traduzidos para o português como “curtidas” e “compartilhamentos”. Tendo tal número de notificações como referência, é possível observar o potencial socializador das mídias digitais, visto que um enunciado – antes disponível majoritariamente em livros em uma interação mediada – agora flutua em consequência de uma ruptura espaço-temporal, proporcionada pela quase-interação mediada (THOMPSON, 1998).

As palavras-chave, ou etiquetas, são ferramentas de busca presentes nas mídias digitais que são associadas a informações como imagens, textos, vídeos, entre outros. A seleção das palavras-chave é feita de forma variável e pessoal conforme a inclinação do autor, assim como ocorre na Imagem X, em que são utilizadas: *felicidade*, *infeliz* e *lispector*. Assim sendo, tal escolha lexical nos remete, novamente, a possível contradição no que tange a relação entre a fotografia e a citação clariceana presentes na postagem, pois a busca por tal informação pode partir tanto do sentimento de *felicidade* quanto do sujeito *infeliz*. Já sobre a atribuição do texto à autora, fica claro que a utilização – somente – da palavra-chave *lispector* confere um caráter de institucionalização, pois não houve a necessidade da escrita “Clarice Lispector” para que fosse possível se referir à autora. Só há uma Lispector nesse mundo de Clarices, assim como só há uma Clarice no microcosmo literário, o que transcende qualquer tipo de restrição genérica entre romance e citação que tende a ser moldada e/ou imposta.

4.2. Intertextualidade

A primeira abordagem sobre intertextualidade, ainda que com a denominação “dialogismo”, surgiu a partir dos esforços de Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929-1930), publicado sob o pseudônimo V. N. Volochínov, em Leningrado. Há, a partir da noção de que a língua não pode ser de forma alguma desvinculada da perspectiva social e dialógica, as primeiras reflexões acerca dos estudos discursivos que envolvem a intertextualidade. Sabe-se que não existe nenhum texto que seja por inteiro original, pois ele

sempre faz referência a um texto anterior apreendido a partir da compreensão oral, escrita e/ou também da sinalização de outrem. Com isso, temos uma incessante reprodução de enunciados previamente tecidos, porém tal acontecimento não é uma transcrição “exata”, e também não é esse o objetivo, tendo em vista o estilo inerentemente original que é empregado no processo.

Conforme Bakhtin (1997, p. 144), “[o] discurso citado é o *discurso no discurso*, a *enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso*, uma *enunciação sobre a enunciação*”. Assim sendo, é pertinente ressaltar que os estudos envolvendo as citações não tratam de um simples processo mimético, pois há uma reestruturação de um discurso anterior e uma consequente intertextualidade. Isto posto, a citação é tida pela pessoa que a produz como uma enunciação de outra pessoa, inteiramente independente em sua origem e que, ainda que situada fora do contexto inicial, pode – ou não – ressignificar o conteúdo citado. Acerca de tal questão, Bakhtin (2006, p. 150), sustenta a noção de que

o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral de construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama lingüística do contexto que o integrou.

Alós (2006) apresenta a proposição de que a citação não é constituída por uma miscigenação homogênea referente ao processo de enunciação, na qual há a perda de características próprias da palavra do mesmo e da palavra do outro, formando um terceiro elemento. Segundo ele, há o estabelecimento de uma relação ativa a partir das particularidades discursivas em confronto quando organizadas em uma mesma enunciação. E, dessa forma, “por mais que se tente apagar a origem do discurso de outrem, ele reaparece, ainda que sob a forma de estranhamento – ou de ‘ruído’ – na harmonia do texto” (ALÓS, 2006). Dessa forma, há, notoriamente, a permanência de conteúdos semânticos e de estruturas de enunciação no processo de citação e tal permanência evidencia ainda mais a referência textual a um (ou mais) discurso anterior.

Percebe-se, a partir da proposição em Bakhtin (1997), que a incorporação de um discurso anterior em uma citação exprime determinado posicionamento social, além de demonstrar outras possibilidades de posicionamento dependendo da conjuntura de enunciação. Com base nisso, Bakhtin afirma que “aquele que apreende o discurso de outrem

não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores” (1997, p.147). Logo, destaca-se a relevância dos estudos referentes à intertextualidade em citações no ciberespaço para que se possa compreender de forma mais densa como ocorre o processo de referencialização do mundo a partir de uma perspectiva estético-literária.

Conceitualizando, a “intertextualidade é basicamente a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 114). Ela é a combinação da voz de quem pronuncia um enunciado com outras vozes que lhe são articuladas e tal fenômeno. A utilização do termo ‘voz’ diz respeito às representações e às identidades dos participantes, sendo eles diretos ou indiretos, dos textos construídos nos eventos sociais. Para Fairclough (2003, p. 41), as vozes condizem com os “estilos” dos sujeitos, significando os modos de ser ou identidades nos aspectos linguísticos e, em um nível mais amplo, semióticos. Já Chouliaraki e Fairclough se referem à ‘voz’ como “um tipo de linguagem usado por uma categoria particular de pessoas e intimamente ligado a sua identidade” (1999, p. 63). Logo, ao incluir outras vozes em seu texto, o autor promove o diálogo entre perspectivas, interesses e motivações, sejam elas semelhantes ou diferentes, com fronteiras bem delimitadas entre a sua voz e a voz de outrem, como é o caso das citações. E, levando em consideração a posição do autor do texto em relação aos outros sujeitos, pode-se afirmar que a intertextualidade se opõe à pressuposição no sentido de que esta dilui asserções, conceitos, crenças, entre outros, enquanto a intertextualidade tende a acentuar tais representações e identificações.

A articulação da intertextualidade pode ocorrer por meio (i) do discurso direto ou citado, (ii) do discurso indireto e (iii) do ato de fala. O discurso citado, de acordo com Bakhtin (1997), é a modalidade que mais se aproxima do que compreendemos como citação, pois há a distinção entre o discurso do mesmo e o discurso de outrem a partir de marcas linguísticas, entre elas as aspas, o travessão e a os recursos gráficos, como itálico e negrito.

Sob a perspectiva linguística, há dois tipos de intertextualidade: a manifesta e a constitutiva. A primeira diz respeito a todas as vozes de outrem explicitamente presentes no texto, como é o caso do discurso citado a ser analisado em tal pesquisa. Há, assim, uma “constituição heterogênea de textos por meio de outros textos específicos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 114). Já a segunda é o mesmo que interdiscursividade e se refere a todas as vozes de outrem, ou seja, há uma constituição heterogênea de textos por meio de elementos das ordens de discurso, mas cuja autoria não está explícita. Em tal aspecto, a apreensão de tais vozes é

factível porque sabemos que tal informação já foi expressa anteriormente histórica e coletivamente. O texto torna-se, assim, uma espécie de paráfrase altamente sofisticada.

De acordo com Fairclough, “o conceito de intertextualidade toma os textos historicamente, transformando o passado – convenções existentes e textos prévios – no presente” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 115). Tal acontecimento pode ocorrer de forma convencional ou criativa, pois, por um lado, os tipos de discurso tendem a naturalizar e a transformar em rotina as formas particulares de recorrer a convenções e a textos e, por outro lado, a retomada de textos do passado pode dar-se com novas configurações de elementos de ordens de discurso e novos modos de intertextualidade manifesta. Também conforme Fairclough (2001), a prática criativa, todavia, precisa estar relacionada a uma teoria de mudança social e política para que seja possível fazer uma investigação da mudança discursiva dentro de processos mais amplos de mudança cultural e social.

É também relevante, conforme Oliveira (2013, p. 87), “destacar que não é unicamente ‘o texto’ (ou os textos intertextualizados na constituição deste) que molda a interpretação, porém, também os outros textos que os intérpretes, variavelmente, trazem ao processo de interpretação.”. Em outras palavras, e acerca da presente pesquisa, a significação resultante do processo de leitura dos usuários do ciberespaço depende não só do excerto clariceano inerentemente intertextual, mas também de todo e qualquer tipo de leitura anterior que reflita em tal processo.

Com base no que foi dito, é possível analisar as citações a seguir (Textos 4.2.1 e 4.2.2), enfatizando a mencionada categoria discursiva analítica, pois além da retomada do texto de Clarice Lispector a partir do discurso citado entre aspas (BAKHTIN, 1997), há também a percepção da intertextualidade manifesta em um processo de significação criativo, transpassando fronteiras sociais e políticas, que torna evidente demais mudanças socioculturais.

Primeiramente, é relevante mencionar a presença de uma postagem em *weblog* (contração do termo inglês *web log*, “diário da rede”), mais especificamente no *Blogger*, que foi um serviço desenvolvido pela Pyra Labs, lançado em 1999 e que desde 2003 pertence à empresa Google. O *Blogger* permite que usuários editem e gerenciem blogs com recursos como publicação fotos, comentários, blogs de grupos e publicações baseadas em dispositivos móveis utilizando pouco conhecimento técnico.

Ainda que o limite de postagens diárias seja indefinido, é possível perceber a pouca frequência de conteúdos clariceanos no blog analisado¹⁹ e, sobre tal assunto e também acerca da veracidade das atribuições à Clarice Lispector, o próprio dono do blog, e também dono de uma página na rede social e *microblogging* Twitter de mesmo tema, afirma: “Diferente de alguns perfis que tenho visto por aí, o @clalispector publica apenas frases autênticas da escritora. Coisas que pego nos meus livros grifados, e em alguns [pouquíssimos] blogs que à homenageiam. É preciso pesquisar. Por isso às vezes a página fica desatualizada.”.

Ainda que haja baixa assiduidade, é perceptível o interesse de outros usuários do ciberespaço pela página, pois são raras as postagens que não contém comentários de outrem. Tal ferramenta propicia maior interação entre os usuários, trazendo uma intertextualidade, um entrelaçamento de sentidos maior ainda ao que seria, à primeira vista, a mera retomada do texto literário outrora presente em meio analógico. Logo, os comentários atuam como um retorno do receptor e, através desse retorno, há a articulação de relações sociais anteriormente inviáveis e agora possíveis como consequência da quase interação-mediada (THOMPSON, 1998).

Com base na intertextualidade e na proposição de que novas relações são estabelecidas por meio dos comentários no blog, é possível verificar uma confluência de sentidos para a noção de representação de atores sociais. Conforme Oliveira (2013), “a representação de atores sociais em textos acontece a partir de um composto de elementos linguísticos que funciona para incluir indivíduos e grupos em seu discurso”. Fairclough (2003), considerando a teoria de representação dos atores sociais de van Leeuwen (1997; 2008), afirma que tais representações podem ser ideológicas na medida em que ajudam a sustentar relações de dominação dentro de determina prática social. Dessa forma, torna-se factível averiguar, por meio de especificidades linguísticas, como os atores ou grupos sociais são incluídos ou excluídos do discurso.

Levando em consideração os processos de socialização, e demais consequências, do texto literário de Clarice Lispector, é presumível o fato de que as mídias digitais propiciam um ambiente *potencialmente* democrático. Ao passo que determinado texto é compartilhado, mais atores sociais têm acesso àquela informação inerentemente intertextual e, com isso, há uma convergência para a concepção de que atores e grupos sociais são incluídos discursivamente. Tem-se, em Thompson (2000), a noção de que as ferramentas de construção

¹⁹ <http://apenasclaricelispector.blogspot.com.br>

simbólicas, dependendo do uso dado a elas em sua construção, podem ser ideológicas e a potencialidade ideológica está de acordo com o ato de subverter, contestar ou minimizar/minar relações de dominação. Assim, a intertextualidade analisada na presente pesquisa é uma ferramenta de construção simbólica que, sendo utilizada em demasia no ciberespaço, tende a minimizar o abismo existente entre as obras consideradas canônicas e o público leitor da modernidade tardia, como é ilustrado a seguir:

Figura/Texto 4.2.1 - *Citação de Perto do coração selvagem*²⁰

{...} fatal e inteiro.

{ }

"Sobretudo um dia virá em que todo meu movimento será criação, nascimento, eu romperei todos os nãos que existem dentro de mim, provarei a mim mesma que nada há a temer, que tudo o que eu for será sempre onde haja uma mulher com meu princípio, erguerei dentro de mim o que sou um dia, a um gesto meu minhas vagas se levantarão poderosas, água pura submergindo a dúvida, a consciência, eu serei forte como a alma de um animal e quando eu falar serão palavras não pensadas e lentas, não levemente sentidas, não cheias de vontade de humanidade, não o passado corroendo o futuro! O que eu disser soará fatal e inteiro!"

Perto do Coração Selvagem

IN PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM

3 - FALARAM:

 **Cris*** disse...

adoro muito clarice e já virei fã incondicional do seu blog :)))

bjs

obrigada pela visita, volte.

2 DE JULHO DE 2008 08:58

²⁰ Presente na página <http://apenasclaricelinspector.blogspot.com.br/2008/07/fatal-e-inteiro.html>. Acesso em 26 de julho de 2013.

 Malu disse...

Oi!!

Encontrar este blog me fez começar bem o dia!!! Adoro Clarice!

Vou linkar-te, ok?

12 DE SETEMBRO DE 2008 08:47

 Dayane disse...

gosto muito dos textos de clarice lispector são expirantes ,aprofundam a alma..parabens pelo blog gostei muito..

14 DE MARÇO DE 2011 14:28

O fragmento em voga foi extraído, originalmente, da penúltima página de *Perto do coração selvagem* (1999, p. 21), em um mergulho intimista proposto por Clarice Lispector. Contudo, além da exposição como um fluxo de consciência, o excerto, em geral, se trata de um grito emancipatório feminino, um desejo de romper com o todo vivido e sentido anteriormente pela personagem. O discurso citado, inerentemente intertextual, propõe a reflexão contemporânea sobre a temática presente em um texto prévio, situado historicamente na década de 1940, que é a provocação do leitor/sujeito social acerca da libertação, da independência das relações de dominação existentes na sociedade. Cabe, no contexto, enfatizar que *Perto do coração selvagem* obteve sua primeira edição lançada somente 16 anos após a primeira brasileira, Mietta Santiago, obter o direito de voto a partir de uma sentença judicial e 10 anos após a regulamentação do voto feminino, no governo Vargas, em 1934. Logo, se, na atualidade, a emancipação da mulher ainda vai de encontro com uma sociedade patriarcal, tal questão se agravava mais ainda nos anos 1940. Neste âmbito, a citação alimenta a consciência sensível da própria sociedade, provocando os leitores, que, a partir dos comentários postados em seguida, articulam um retorno ao ímpeto de rompimento proposto. Posto isso, há um diálogo entre o trecho “eu serei forte como a alma de um animal” e o próprio título do romance, visto que a negação do passado é possibilitada, entre outros fatores, pela proximidade de uma expressão menos monitorada, por meio de “palavras não pensadas”.

Figura/Texto 4.2.2 - *Citação de Um sopro de vida*²¹

{...} entre mim e o Deus.

{ }

"Não é que vivo em eterna mutação, com novas adaptações a meu renovado viver e nunca chego ao fim de cada um dos modos de existir. Vivo de esboços não acabados e vacilantes. Mas equilíbrio-me como posso, entre mim e eu, entre mim e os homens, entre mim e o Deus."

IN UM SOPRO DE VIDA, VIDA

9 - FALARAM:

 Dani (ela) disse...

até sendo um esboço vacilante, ela era forte...

tudo antes de 'ser', é esboço, né?

todas vivemos procurando o equilfbrio. mas se Clarice o achasse, ela não "SE" seria.

bjim :D

14 DE AGOSTO DE 2008 18:06

²¹ Presente na página <http://apenasclaricelispector.blogspot.com.br/2008/07/entre-mim-e-o-deus.html>. Acesso em 26 de julho de 2013.

 Sopa das Letras disse...

Jamais um GRANDE escritor ou artista achará o equilíbrio, pois o quê buscar em seus textos senão houver esta ausência?
Esboço todos somos até que sejamos reconhecidos pela nobreza de nossas obras!

Visite: <http://sopadasletras.blogspot.com>

16 DE AGOSTO DE 2008 18:29

 Babi Mello disse...

Que lindo pensamento, viver em equilíbrio, para se pensar.
Bj!

26 DE JANEIRO DE 2009 10:30

 Aline disse...

E eu estou de volta em casa.
Passe lá, pra me ver.

carinhos.

26 DE JANEIRO DE 2009 18:15

 Camila :) disse...

jah li variias vezes esse textinhu delaa :)
ameeeei
GYAHUAHUAHUA

31 DE JANEIRO DE 2009 17:19

 Pensador Poético disse...

Clarice lispector ...intensidade poética...apaixonante !!!
Parabéns pelo seu blogger !

8 DE FEVEREIRO DE 2009 20:07

 Su disse...

Adorei seu blog, inspirado em Clarice... ela fala o que vem da alma, ela fala o que sinto!

bjosss!!!

14 DE FEVEREIRO DE 2009 10:17

 Prazeres de Amélie disse...

vivo em esboços.

O que eu sinto eu não ajo.

O que ajo não penso.

O que penso não sinto.

Do que sei sou ignorante.

Do que sinto não ignoro.

Não me entendo e ajo como se entendesse.

adorei seu blog, sou apaixonada pela clarice. tô visitando esse sempre

:D

14 DE FEVEREIRO DE 2009 16:32

 Carol disse...

Clarice é tudo!!!!

=)

17 DE FEVEREIRO DE 2009 12:53

Do original “*não*, é que vivo em eterna mutação, com novas adaptações a meu renovado viver e nunca chego ao fim de cada um dos modos de existir. Vivo de esboços não acabados e vacilantes. Mas equilibro-me como posso entre mim e eu, entre mim e os homens, entre mim e o Deus” (LISPECTOR, 1999, p. 86, sem grifo no original), o excerto analisado é a representação do pensamento do Autor, escritor que inventou a personagem Ângela Pralini e com a qual mantém um intenso diálogo até o final do romance. Percebe-se a expressão de uma angústia advinda do Autor, na qual há o questionamento acerca do equilíbrio utópico almejado pelos indivíduos na sociedade moderna. Como consequência do sistema burguês, os sujeitos sociais são constantemente pressionados para que se renovem, para que sejam correspondentes à demanda capitalista, sobretudo no que tange a relação espaço-temporal. De acordo com a explanação de Pilati (2007, p. 31), as obras literárias são, de certa maneira, rescritas ao serem lidas criticamente e tal reescritura é feita dentro de uma teia de *valores* que pode contribuir intencionalmente para dar outras nuances à função da literatura dentro da sociedade. Assim sendo, e conforme observa-se nos comentários do Texto 4.2.2, os sujeitos fazem a leitura crítica do excerto clariceano e, posteriormente, reescrevem os significados a partir de suas respectivas visões de mundo, corroborando a noção de que, por serem pertencentes a esta sociedade, estão constantemente em convulsão, em “eterna mutação”. A interação entre obra original e texto resultante se estabelece, em diferentes recortes apontados nesta dissertação, viável pela sensação de rompimento com a solidão/vazio de cada indivíduo, por consequência de o leitor primeiro se encontra refletido na obra original. Logo, o

compartilhamento no ciberespaço celebra a capacidade de compreensão emocional e estética proporcionada pelo texto literário.

4.3 Ironia e estrutura visual

Ironia, conforme o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, tem sua origem etimológica do grego *eironeía*, *-as*, e significa dissimulação e arrogância. É uma expressão verbal ou não verbal que, em determinado contexto, dá a entender algo contrário ou diferente do que seria o significado original. Tal explicação, entretanto, ainda é limitada, pois linguisticamente a ironia pode ser compreendida como um fenômeno da intertextualidade. Há, em um enunciado irônico, o “eco” de outro enunciado ou de outra voz, visto que a relação de significado entre a função real do significado e do que foi ecoado não é direta ou espelhada (FAIRCLOUGH, 2001).

Sperber e Wilson (1978) negam a noção de que a ironia é representada majoritariamente por uma contradição, assim como afirmam os dicionários em geral, pois a ironia se origina justamente nos ecos, ou seja, em procedimentos de citação. Há a constante postulação da ideia de que a ironia é uma contradição explícita, implícita ou de uma contraverdade, sendo que em cada um dos casos há a necessidade de se questionar o fato de haver ou não um discurso referido ou de uma avaliação enunciativa. Contudo, a ironia, por si só, não é um fenômeno homogêneo, visto que suas características enunciativas, contextuais, explícitas e implícitas variam conforme a conjuntura de produção textual. É também relevante destacar que a contradição, apesar de poder ser atribuída à ironia, não é uma característica exclusiva de tal fenômeno. De acordo com Berrendonner (1987), há diversas outras formas de utilização da contradição de forma não-irônica, como ocorre no próprio processo metafórico. Posto isso, a contradição “é o índice de um funcionamento figurado, como o tropo semântico que, com o emprego figurado de determinada palavra ou expressão, gera uma contradição” (OLIVEIRA, 2006). Ao enfatizar o caráter sarcástico da ironia se deve ressaltar que é essencial, nessa conjuntura, que o sujeito possua determinada visão crítica sobre o assunto ironizado para que haja a produção do efeito desejado, ainda que tal efeito seja a ‘zombaria’.

De acordo com o que foi observado, é possível perceber uma certa estabilidade a respeito das definições de ironia, principalmente sobre a já dita ‘contradição’, porém tal fato pode ser debatido a partir da seguinte afirmação de D. C. Muecke (1978, p. 478):

Le concept d'ironie est, pour différentes raisons, un concept instable, amorphe et vague. Il ne veut pas dire aujourd'hui ce qu'il voulait dire aux siècles précédents; il ne signifie pas la même chose en tel pays et en tel autre, dans la rue et en bibliothèque, pour un historien et pour un critique littéraire.

[O conceito de ironia é, por diferentes razões, um conceito instável, amorfo e vago. Ele não quer dizer hoje o que queria dizer nos séculos passados; ele não significa a mesma coisa em determinado país e em um outro, na rua e na biblioteca, para um historiador e para um crítico literário.] (Tradução livre).

Dessa forma, uma questão importante em tal fenômeno intertextual é o fato de que os intérpretes devem ser capazes de reconhecer que o significado de um texto ecoado não é o mesmo do produtor do texto. Com isso, para a ironia “funcionar”, há a necessidade de que os intérpretes compreendam as referências presentes nas estruturas linguísticas. Há, então, diversos fatores que podem contribuir em tal processo, como a “explícita falta de combinação entre o significado aparente e o contexto situacional, indicações sobre o tom de voz do falante ou pistas no texto escrito, pressupostos dos intérpretes acerca das crenças e dos valores do produtor do texto” (PEDROSA, 2005).

No que tange tal produção textual, e especificamente sobre a intertextualidade irônica, sustenta-se que os textos são produtivos no sentido de que possuem a potencialidade de transformar textos anteriores e gerar novos textos, contudo essa produtividade é “socialmente limitada e restringida e condicional conforme as relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 135). Tal afirmação sustenta a noção de que a ironia varia conforme a conjuntura na qual ocorre, sendo que a conjuntura abarca variantes a exemplo das questões espaço-temporais e dos participantes do ato comunicativo.

Tendo em vista as inúmeras interpretações dadas à ironia, ela deve ser considerada um fenômeno aberto, pois, de acordo com Oliveira (2006), nenhuma das interpretações deve ser tida como correta, já que convivem como partes que são de sua estrutura, ou seja, “a ironia elimina a estabilidade do sentido das palavras, permitindo a possibilidade de inúmeros sentidos i(ni)magináveis (OLIVEIRA, 2006, p. 36). A produção dos inúmeros sentidos se realiza no processo comunicativo dinâmico, que, por sua vez, provém de relações entre significados e também entre sujeitos e emissões e, às vezes, entre intenções e interpretações (HUTCHEON, 2000). Dessa forma, reitera-se a noção de que a ironia, para que atinja seu propósito, deve ser enunciada como tal pelo emissor e também deve ser reconhecida/interpretada pelo receptor em uma estratégia relacional.

Acerca da relação entre o emissor e receptor no processo irônico, é relevante destacar que não necessariamente há uma relação direta entre eles, uma vez que é possível que outros receptores diferentes sejam capazes de interpretar a ironia emitida em questão. Conforme Duarte (1994, p. 55), o emissor da ironia é “aquele que percebe dualidades ou múltiplas possibilidades de sentido e as explora em enunciados irônicos”, porém é o receptor que decide se o enunciado é – ou não – irônico, pois, caso contrário, o enunciado acaba por prosseguir sem dita dinamicidade de sentido.

Para a presente pesquisa, considera-se que, na proposição irônica, há a possibilidade de se argumentar concomitantemente em um sentido e no seu contrário. Retomando a crítica inicial de que a ironia não deve ser considerada somente como uma contradição, reafirma-se o fato de que a contradição não se faz presente no valor argumentativo ou na verdade referencial, mas, sim, na apresentação simultânea de argumentos (OLIVEIRA, 2006). Contudo, tais argumentos não são opostos, eles são também compatíveis e acumuláveis no processo de formação de sentido. De acordo com Berrendonner (1987), a ironia é uma contradição argumentativa, porém a noção de contrário deve ser compreendida como um valor inverso, mas não necessariamente antônimo. Tal superposição conjunta de valores é o que permite a dualidade irônica, um paradoxo argumentativo que possibilita inúmeras significações sem que haja, necessariamente, alguma incoerência.

Com base no que foi exposto, percebe-se que a ironia se mostra como uma forma de compreensão do mundo no âmbito de ludibriar o ambiente envolvido, porém mais com o objetivo de fazer com que sentidos se revelem do que o contrário, que eles se omitam. Como um possível mecanismo de dissimulação, a ironia, na modernidade tardia, dialoga com diversas formas semióticas que expõem os mais variados usos da língua em inúmeras práticas sociais. Ainda que haja ênfase no uso da modalidade escrita da língua, faz-se necessária uma análise diferenciada na presente pesquisa que permita iluminar o tipo de texto recorrente nas práticas sociais vigentes, que é o texto multimodal.

De acordo com a concepção de Halliday (1978), a linguagem como Semiótica Social está centrada nas funções sociais da linguagem. Essa concepção serviu de base para os trabalhos de Hodge & Kress (1988), que levam em consideração não somente a linguagem verbal como modo semiótico, mas também os demais modos que acompanham e constroem significado simultaneamente. Logo, torna-se possível estabelecer recursos semióticos, fruto da semiose humana, que modificam o sentido do texto literário na conjuntura particular.

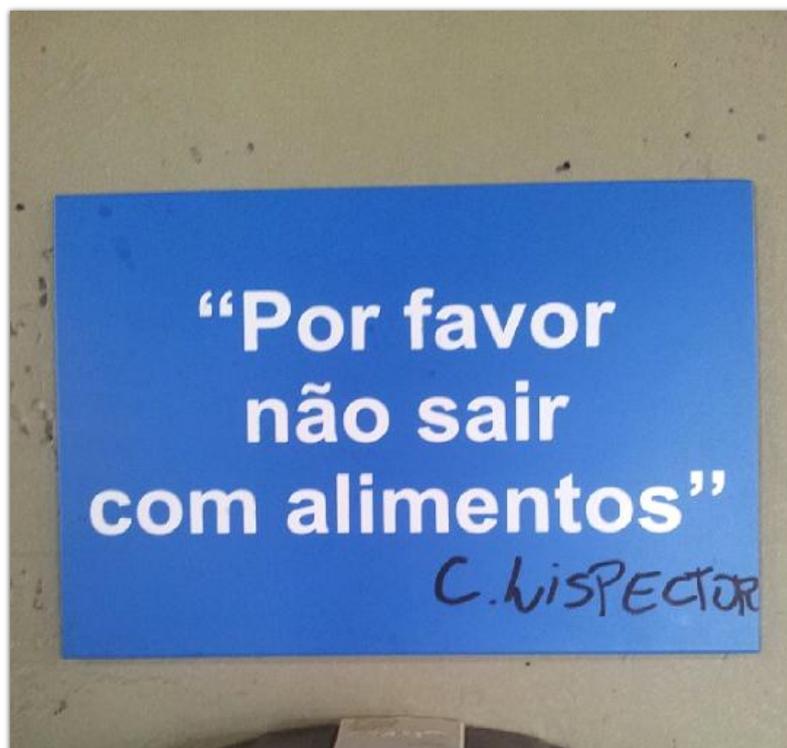
Conforme a Teoria da Multimodalidade, proposta por Kress & van Leeuwen (2001), conceitos multimodais são desenvolvidos para que seja possível analisar textos produzidos a partir de diversos modos de linguagem, sem que haja a fragmentação dos mesmos. A partir da abordagem linguística sociointeracionista, Kress e Van Leeuwen (1996) defendem a noção de que há o uso de diversos recursos semióticos na produção de signos em contextos sociais e concretos e, posto isso, os signos são baseados em recursos/significantes, tais como as cores, os tamanhos de letra e as estruturas textuais (horizontal ou vertical).

Para a Teoria da Multimodalidade, a relação entre os significantes e os significados não é arbitrária, mas socialmente condicionada e mediada. Assim, a análise da ironia na presente pesquisa enquanto categoria linguística deverá ser feita conforme a articulação de vários níveis semióticos intensificados pelas tecnologias de informação. De acordo com Kress & van Leeuwen (1996), a comunicação sempre foi multimodal, mas a relevância que se dá à forma como a informação é transmitida pelos mais variados modos semióticos é o que norteia os novos estudos nesse âmbito. Por conseguinte, compreende-se que os processos de produção e de interpretação da ironia por meio dos textos multimodais refletem, também, as mudanças sociais e discursivas na contemporaneidade, pois, conforme Ferraz (2011), o ambiente virtual proporciona várias possibilidades a respeito da criação, inovação e reprodução de gêneros já existentes, pois há a necessidade de atender as demandas dos indivíduos em diversas áreas da vida social.

A intensa socialização e recontextualização dos textos clariceanos no ciberespaço acarretou, por um lado, em uma popularização da autora que supera o próprio meio digital e, por outro lado, levou também a um recorrente uso de seu nome em (falsas) citações irônicas. A ironia, no caso, principiou-se justamente pela enorme quantidade de atribuições de excertos à Clarice Lispector, sendo que, muitas vezes, tais excertos desvinculavam-se tanto das obras originais, como *Perto do coração selvagem* e *Um sopro de vida*, que eram, inclusive, lidos como se não fossem da própria Clarice. Tem-se, dessa forma, a associação de citações de Clarice Lispector a frases de auto-ajuda e motivacionais, aspecto comentado na entrevista proposta com Benjamin Moser (seção 1.3). Questionado acerca de sua opinião no âmbito da intertextualidade e, principalmente, ironia clariceana, Moser vai contra a ideia de que há uma degradação da imagem da autora. Para ele, Clarice é, sim, auto-ajuda, pois auxilia muitas pessoas a compreender melhor suas próprias experiências e, ainda que sejam citações falsas, elas não deixam de serem úteis às pessoas. Posto isso, para exemplificar fenômenos irônicos

recorrente nos textos ditos como pertencentes à Clarice Lispector, analisaremos os textos 3 a seguir, pertencentes ao *corpus* principal:

Figura/Texto 4.3.1 – Placa do restaurante universitário da Universidade de Brasília, 2013²²



Uma consequência do uso exacerbado de citações clariceanas no ciberespaço provoca, em diversos leitores, uma referencialização até então inédita. Por esse motivo, há, no Texto 4.3.1, a vinculação do nome da autora a uma frase na placa do restaurante universitário da Universidade de Brasília. Apoiar-se, assim como Bakhtin (1997), a noção de que a existência das aspas como um recurso gráfico/estilístico provoca o desejo de identificação do remetente do enunciado, ou seja, é um discurso citado. O contexto comunicacional não exige que hajam aspas na placa justamente por se tratar de uma solicitação genérica, contudo, por existirem, fizeram com que o leitor que possui conhecimento acerca do recorrente processo de citação de Clarice interviesse no aviso. A partir disso, tem-se um enunciado irônico e contraditório no sentido de explicitar um pedido corriqueiro em contraste com a profundidade do texto reflexivo de Clarice.

²² Presente em <http://instagram.com/p/bq8tLZmNs1/>. Acessado em julho de 2013.

Figura/Texto 4.3.2 – Comercial da fabricante de carros *Fiat* com o grupo humorístico *Porta dos Fundos*



Outro texto que corrobora a noção de ironia em citações clariceana é o comercial da fabricante italiana de carros *Fiat* com atuação o grupo humorístico brasileiro *Porta dos Fundos*, amplamente divulgado no sítio *YouTube*²³ a partir de 10/04/2013 e que teve mais de 8 milhões de visualizações até outubro de 2013. A imagem acima, que é uma captura de imagem do vídeo compartilhada na plataforma *Tumblr*²⁴, representa o trecho do comercial em que o ator Fábio Porchat cita ironicamente Clarice em frase motivacional. Na imagem

²³ Endereço do vídeo: <http://youtu.be/BfXKKxHQsGo>.

²⁴ Extraído de http://31.media.tumblr.com/09a5a6c192d1f1ce309450154b9d9ab6/tumblr_mnha7tjrZh1rkcgrgo1_500.jpg em setembro de 2013.

capturada, e sem abstrair o contexto do vídeo, observa-se o vocativo “meu amor” reafirmando a ironia existente do diálogo em que os dois personagens líderes de torcida discutem. Além do vocativo paradoxal, tem-se, no enunciado, a presença da frase motivacional genérica “se você não pode brilhar, não apague a minha estrela, não apague o meu brilho”, que representa, ironicamente, o auge do pieguismo da auto-ajuda e, ao mesmo tempo, uma relativa crítica ao que é vinculado ao nome da escritora. É possível inferir, pelo contexto, que o personagem líder de torcida interpretado por Porchat faz referência à Clarice como um argumento de autoridade a fim de impactar a outra personagem com a qual há a discussão.

Figura/Texto 4.3.3 – Postagem no Tumblr atribuída a Clarice Lispector



Depreende-se da imagem acima três importantes referências que auxiliam o processo de formação da ironia. A primeira está relacionada ao próprio nome “Clarice Lispector”, pois, já institucionalizado, remete ao leitor a noção de cânone literário, ou seja, trata-se de um nome consagrado, o *monstre sacré* da literatura brasileira. Portanto, o leitor depreende, provavelmente, que a citação parte de algum texto verídico, como *Perto do coração selvagem* ou *Um sopro de vida*, principalmente se for observado que o nome da autora é disposto em uma fonte maior do que o restante do texto escrito na postagem. Reafirmando esta noção está a imagem, a fotografia da autora, localizada ao lado esquerdo, que é mais uma referência

responsável por construir o significado irônico como um todo. É importante ressaltar, contudo, que para que o texto produza semioses tocantes à ironia é necessário que o leitor tenha conhecimento de que não é a fotografia de um sujeito aleatório qualquer, e, sim, de Clarice Lispector. Além disso, a imagem, assim como o nome, dialoga em desacordo com o restante do texto escrito, visto que a citação veiculada, além de ser amplamente conhecida por pertencer a outro autor, dificilmente seria proferida por Clarice por uma questão de conteúdo.

O outro autor, em questão, é o empresário e apresentador brasileiro de televisão Silvio Santos que, durante décadas, proferiu em rede nacional a expressão referente à comparação de que barras de ouro têm um maior valor de mercado do que o próprio dinheiro. Retomando a discussão apresentada nos capítulos 1 e 2 (subseções 1.3 e 2.3), temos o dinheiro como um exemplo de ficha simbólica, visto que ele é um mecanismo de descaixe responsável pela realização de transações monetárias entre sujeitos que estão separados nas relações espaço-temporais, um traço básico da modernidade tardia e da implantação do sistema capitalista. Logo, vincular um cânone literário a uma expressão trivial sobre os aspectos supracitados é um processo de ironia que repercute como crítica e tom jocoso em relação ao fato de Clarice Lispector estar sendo amplamente divulgada no ciberespaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisaram-se, nesta pesquisa, as práticas sociais e discursivas na modernidade tardia com base no compartilhamento do texto literário clariceano no ciberespaço. Estudar o microcosmo das diferentes conjunturas de recepção dos romances tornou-se o ponto de partida para a compreensão do macrocosmo correspondente à relação entre linguagem e sociedade no Brasil contemporâneo. Uma vez que os novos meios de comunicação, representados pelas mídias digitais, propiciam uma intensa circulação de informações, torna-se factível que os excertos de Clarice Lispector passem a flutuar na nuvem do ciberespaço. Dessa forma, buscou-se iluminar aspectos de diferentes conjunturas de produção, composição e consumo dos textos literários, sendo eles romances ou citações, por meio da relação “autor, obra e público” proposta por Candido (2010).

Independentemente da época em que vive, o ser humano nutre o profundo desejo de se conectar e de compartilhar ideias e impressões com os outros indivíduos. Logo, cabe ressaltar que o desejo de conectividade não é exclusivo da modernidade tardia, porém é, sim, enfatizado pelos meios de comunicação e sua conseqüente quase-interação mediada (THOMPSON, 1998). Há, então, um diálogo íntimo com as questões de consumo literário na contemporaneidade, visto que, ao mesmo tempo em que temos o crescimento exponencial de meios de entretenimento (aqueles mesmos que seriam anteriormente responsáveis pela fuga de leitores), temos também a fragmentação do texto de forma com que o acesso às obras e aos autores se torna mais factível ao público/leitor.

Assim, almejou-se, por meio das análises propostas, o entendimento da problemática no que tange a relação entre literatura e sociedade, pois a presente pesquisa expõe a limitação de um tipo de análise unilateral nesse sentido. Tornou-se relevante, assim, compreender as três significações entre texto e contexto (IANNI apud PILATI, 2007, p. 195):

Primeiro, a literatura participa decisivamente da formação da sociedade nacional, articulando fatos e situações, indivíduos e coletividade, adversidades e façanhas, monumentos e ruínas. (...) Segundo, o que parecia subjacente aos poucos se revela evidente: a literatura pode ser também uma técnica de controle social. Tanto pode propiciar o conhecimento como a dominação. (...) Terceiro, a literatura é até mesmo uma forma sofisticada de conhecimento, no sentido de compreensão e esclarecimento, ainda que difusa e inconsciente. Surpreende o momento, a situação, o impasse, a tensão e a realização ou frustração.

A literatura, sob o viés da prática social, propicia o conhecimento que permite aos sujeitos a dissolução de fronteiras estabelecidas e neutralizadas pelo sistema social vigente. Logo, enfatizou-se o interesse em compreender aspectos da sociedade por meio de categorias de análise textual propostas pelos estudos discursivos em ADC. Isto posto, e por meio de um estudo qualitativo, documental, sincrônico e de caráter crítico-explanatório, investigou-se excertos clariceanos que circulam no ciberespaço a partir de categorias linguístico-discursivas, a exemplo de *intertextualidade* e *gênero*.

Os resultados alcançados, após a análise dos dados, convergiram para noção de que o processo de recontextualização da obra literária ocorre como consequência das interações sociais e das fragmentações espaço-temporais no ciberespaço. Logo, e observando as principais motivações que potencialmente levam os sujeitos sociais a compartilharem em demasia um determinado tipo de texto, moderno e intimista, almejou-se estabelecer uma correlação entre textos e contextos de forma a tornar possível a reflexão sobre a existência de uma *literatura genérica*.

A *literatura genérica*, na conjuntura, evidenciou características do consumo literário vigente, identificando a existência e a necessidade de um novo tipo de letramento na contemporaneidade, o letramento midiático. Houve, outrossim, a percepção de que o sujeito passa, no processo analisado, a demonstrar domínio sobre determinado tipo literário anteriormente legitimado por críticos e restrito a algumas esferas da sociedade. Assim, as mídias digitais, consoante as práticas sociais emergidas juntamente a elas, propiciam um acesso mais amplo à arte, ainda que haja a dissolução do sistema literário inerente à própria popularização.

Acerca das relações existentes entre autor, público e obra, foi possível destacar que os processos de recepção e consumo do texto clariceano variam profundamente conforme as conjunturas analisadas, ou seja, não há configuração estanque da literatura, pois ela está atrelada indissociavelmente às práticas sociais e às características espaço-temporais correspondentes. Clarice Lispector é lida e lê as pessoas, é reescrita assim como reescreve a própria substância.

Enfim, enfim quebrara-se realmente o meu invólucro, e sem limite eu era.
Clarice Lispector, em *A paixão segundo G.H.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA Lusa. *Obra de Clarice Lispector é finalista do Prêmio de Melhor Livro Traduzido nos EUA*. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-04-10/obra-de-clarice-lispector-e-finalista-do-premio-de-melhor-livro-traduzido-nos-eua>. Acesso em: 25 out. 2013.

ALKMIN, M. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <http://claricelispectorims.com.br/Books/bookPerBook/11>. Acesso em: 01 nov. 2013.

ALÓS, Anselmo Peres. *Texto literário, texto cultural, intertextualidade*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 4, n. 6, março de 2006. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. *Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital*. Sessões do Imaginário, v. 1, n. 20, p. 34-40, 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829/3687>. Acesso em outubro de 2013.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Lisboa: Edições 70, 2005.

ANDERSON, C. A.; BOWMAN, M. (Ed.). *Education and economic development*. London: Frank Cass, 1966. p. 347-362. 1980 .

AUERBACH, Erich. “A meia marrom. In: *Mimesis*”. *A representação da realidade na cultura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Bernardi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1990.

_____. (1952-53/1979) *Os gêneros do discurso*. In: ____ *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 277-326.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BANCO DE SAÚDE. *Medicamento genérico: guia completo*. Disponível em: <http://www.bancodesaude.com.br/medicamentos-genericos-similares-voce-sabe-diferenca/medicamento-generico-guia-completo>. Acessado em: 25 out. 2013.

BARROSO, R. *Clarisse Lispector*. Disponível em: <http://instagram.com/p/bq8tLZmNs1/>. Acessado em: 09 jul. 2013.

BARTON, David. *Literacy: an introduction to ecology of written language*. Blackwell Publishers, Oxford, UK, 1994. Tradução de Guilherme Veiga Rios.

BARTON, D.P. *Researching literacy practices*. DP Barton, ME Hamilton & R Ivanic (eds), in: *Situated literacies: reading and writing in context*. Literacies, Routledge, London, 2000, pp. 7-15.

BAUMAN, Z. *Liquid modernity*. UK: Polity Press, 2000.

BENKLER, Y. *The Wealth of Networks: How Social Production Transforms Markets and Freedom*. Yale University Press, 2007.

BERRENDONNER, A. *Elementos de pragmática linguística*. Buenos Aires: Gedisa Editorial, 1987.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

BHASKAR, Roy, E. A. *Reclaiming Reality: A Critical Introduction to Contemporary Philosophy*, London: Verso, 1989.

_____. *Critical Realism: Essential Readings*. (M. E. A. Archer, Ed.) (First., p. 756). London: Routledge, 1998.

BLOMMAERT, J. *Discourse. Key Topics in Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: editora Ática, 1994.

BRAGA, A. *Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica*. In: *Anais do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, 2007*. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_162.pdf. Acessado em: 10 out 2013.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CHOULIARAKI, L. *Media discourse and the public sphere*. D.E.L.T.A., 21 (especial), 2005: 45-72.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria Literária*, Capítulo I. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

COSAC NAIFY. *Projeção Internacional*. Disponível em <http://editora.cosacnaify.com.br/blog/?tag=edicao-pocket>. Acesso em: 12 de jul. 2013.

CUNHA, Betinha Ribeiro Rodrigues da. Travessuras de um narrador desordeiro: como nomear A hora da estrela. In: *Revista Evidência - olhares e pesquisa em saberes educacionais*, Araxá, ano 3, n. 3, 2007, p. 87-95.

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____ (Orgs.). *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed: 2006.

DUARTE, L. P. *Ironia, humor e fingimento literário*. Cadernos de Pesquisa do NAPq, Belo Horizonte, FALE/UFMG, n. 15, p. 54-78, 1994.

EAGLETON, Terry. *Introdução: O que é literatura?* Em Teoria da literatura: uma introdução. Trad. de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ENZENSBERGER, Hans Mangus. *Mediocridade e loucura*. São Paulo, Ática, 1995.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. New York: Longman, 1989.

_____. Discourse, social theory, and social research: the discourse of welfare reform. *Journal of Sociolinguistics*. 4(2): 163-195, 2000.

_____. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].

_____. *Analysing discourse*. Textual analysis for social research. London: Routledge. 2003.

_____. *Language and Globalization*. London: Routledge, 2006.

FAIRCLOUGH, N. & WODAK, R. Critical Discourse Analysis. In: VAN DIJK, T. A. *Discourse as Social Interaction*, Vol. 2., London: Sage, 1997. pp. 258-284.

FERRAZ, J. A. *A Multimodalidade no Ensino de Português como Segunda Língua: novas perspectivas discursivas críticas*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

FOLTRAN, V. *clarice-lispector.tumblr.com*. Disponível em: <http://clarice-lispector.tumblr.com/post/14187243130/sou-feliz-na-hora-errada-infeliz-quando-todos>. Acessado em: 24 jun. 2013.

FREIRE, L. {...} *fatal e inteiro*. Apenas Clarice Lispector. Disponível em: <http://apenasclaricelispector.blogspot.com.br/2008/07/fatal-e-inteiro.html>. Acessado em: 26 jul. 2013.

_____. *Entre mim e deus*. Apenas Clarice Lispector. Disponível em: <http://apenasclaricelispector.blogspot.com.br/2008/07/entre-mim-e-o-deus.html>. Acessado em 26 jul. 2013.

GALLO, Patricia; COELHO, Maria das Graças P. *Aquisição dos letramentos necessários à cultura da convergência: a narrativa transmídia na escola*. Quípus, Revista científica das escolas de Comunicação e Artes e Educação, Ano 1, n. 1, p. 51-62. dez. 2011/maio 2012.

GIDDENS, Anthony. *The Constitution of Society: Outline of the Theory of Structuration*. Oxford: Polity Press, 1984; Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1984.

_____. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Ed Unesp, 1991, 2a ed.

_____. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOTLIB, N. *Clarice - uma vida que se conta*. Editora Ática, 493 páginas, 1995

HALL, Stuart. *Encoding and decoding*. In: LOWE, Andrew; HALL, Stuart; HOBSON, Doroty; Willis, Paul (org.) *Culture, Media, Language*. Londres: Hutchinson, 1980.

_____. *Cultural identity and Diaspora*. In Rutherford, J. (org.). *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

_____. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Couto. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic*. Edward Arnold, London, 1978.

HARDT, M. & NEGRI, A. *Império*. Tradução: Berilo Vargas, 6. ed. São Paulo: Record, 2004.

HEATH, S.B. Oral and literate traditions. *International Social Science Journal*, 99, pp. 41-58, 1984.

HODGE, R., KRESS, G. *Social semiotics*. London: Polity Press, 1988.

HUTCHEON, L. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

HYMES, D. *The Ethnography of Speaking*, PP. 13-53 in Gladwin, T. & Sturtevant, W. C. (eds), *Anthropology and Human Behavior*, The Anthropology Society of Washington, Washington, 1962.

IANNI, Octávio. Nação e narração. In: AGUIAR, Flávio (Org.). Antonio Candido: pensamento e militância. São Paulo: Fund. Perseu Abramo/Humanitas, 1999a.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *PNAD: De 2005 para 2011, número de internautas cresce 143,8% e o de pessoas com celular, 107,2%*. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&idnoticia=2382>. Acessado em: 15 out. 2013.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Clarice prepara Um sopro de vida*. Disponível em: http://ims.uol.com.br/clarice_prepara_%25e2%2580%259cum_sopro_de_vida%25e2%2580%259d/d585. Acessado em: 27 out. 2013.

IVO, Lêdo e TELES, Gilberto Mendonça Teles (org.), “Viva Clarice Viva” in *Melhores crônicas de Lêdo Ivo*. Coleção Melhores Crônicas. São Paulo: Global, 2004, p. 161.

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. Rio de Janeiro: Aleph, 2010.

KOZINETS, R. V. *On netnography: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture*. Evanston, Illinois, 1997.

KRESS, G. R. e van LEEUWEN, T. *Reading Images: a Grammar of Visual Design*. Londres: Routledge, 1996.

_____. *Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

LAKOFF G. & Johnson, M. *Metáforas da vida cotidiana*. trad. (coord.) Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, Emília R. (Org.). *Análise crítica do discurso*. Lisboa: Caminho, 1998, p.169-222.

LÉVY, Pierre. *A Inteligência Coletiva: Por uma Antropologia do Ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *Cibercultura*. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

LÍDER DE TORCIDA. 1001Comerciais. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=xey3yuGrpU>. Acessado em: 03 set. 2013

LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*. São Paulo: Ática. 1977.

_____. *Um sopro de vida (Pulsações)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1994.

_____. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro. Rocco, 1998.

_____. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Água-viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

_____. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *O Lustre*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Um sopro de vida (Pulsações)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice e MONTERO, Teresa. Carta a Tania Lispector Kaufmann, 16 fev. 1944, in *Correspondências*, op. Cit., p. 38.

LIVINGSTONE, Sonia. *Media literacy and the challenge of new information and communication technologies* [online]. London: LSE Research Online, 2004. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/1017>.

_____. *Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line*. Matrizes, vol. 4, num. 2, enero-junio, Universidade de São Paulo. 2011, pp. 11-41. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143018637002>

LOPES, C. H. *Enquete com especialistas elegeu os melhores livros e autores do país*. Disponível em http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2013/04/14/interna_diversao_arte,360305/enquete-com-especialistas-elegeu-os-melhores-livros-e-autores-do-pais.shtml. Acessado em: 01 nov. 2013.

LUKÁCS, Geörgy. *Estética: La peculiaridad de lo estético*. Ediciones Grijalbo, S.A. Barcelona, 1966a. v. 1.

_____. *Marxismo e teoria da literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma Introdução*. São Paulo: LTC, 1987

MARCUSCHI, Luiz A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *O Papel da Atividade Discursiva no Exercício do Controle Social*. Cadernos de Linguagem e Sociedade, Brasília, Vol. 7, N. 0, nov. 2010.

MASON, J. *Qualitative researching*. London: Sage, 2002.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. *Lingua, Pensamento, literatura*. Folha da Manhã, Sao Paulo, 25.6.1944;

MILLIET, Sérgio. *Diário crítico de Sérgio Milliet*. São Paulo; Brasiliense, 1981. 15 jan. 1944, vol. 3, PP. 27-32.

- MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2009.
- MUECKE, D. C. *Analyses de l'ironie*. Poétique, Paris, Seuil, n. 36, p. 478-494, 1978.
- OLIVEIRA, A. C. V. . *A identidade cigana na modernidade tardia: construções fragmentadas*. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2013. 110f.
- OLIVEIRA, Daniele de. *Estudo da Ironia: O caso Verissimo*. Revista da ABRALIN, v. 5, n. 1 e 2, p. 33-60, dez. 2006
- PEDROSA, C. E. F. . *Análise Crítica do Discurso: uma proposta para análise crítica da linguagem*. In: IX CNLF, 2005, Rio de Janeiro. Livro de resumo do IX CNLF, 2005.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 2ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1995.
- PILATI, A. S. *O poeta nacional sem nação - impasses da formação do Brasil em Carlos Drummond de Andrade*, Ano de obtenção: 2007. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília.
- _____. *A nação drummondiana - 4 estudos sobre a presença do Brasil na lírica de Carlos Drummond de Andrade*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: 7letras, 2009. 200p.
- PINTO, Cristina Ferreira. *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*: São Paulo, 1990, p.81.
- POWELL, Enoch. *Freedom and Reality*. Kingswood: Eliot Right Way Books, 1969.
- PRIBERAM, Dicionário de Língua Portuguesa. Disponível em: <www.priberam.pt/DLPO/ironia>. Acessado em: 15 out. 2013.
- RAMALHO, Viviane. Construindo uma pesquisa em Análise de Discurso Crítica: da ontologia à metodologia In: *Práticas socioculturais e discurso: debates transdisciplinares*.Covilhã/PT : LabCom Books, 2010, p. 223-255. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/sinopse/resende-pereira-praticas-2010.html>. Acessado em: 28 out. 2013.
- _____. *Análise de discurso crítica da publicidade: um estudo sobre a promoção de medicamentos no Brasil*. Covilhã: Livros LabCom, 2010. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/sinopse/ramalho-analise-2010.html>. Acessado em: 28 out. 2013.
- _____. *Gêneros discursivos e ideologia: elementos para estudos críticos* In: Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática.1 ed.Campinas/SP : Pontes, 2012, p. 139-187.
- _____. *Análise de discurso crítica na teoria e na prática: percursos latino-americanos*. Saarbrücken/Alemanha: Novas Edições Acadêmicas - NEA, 2013.

RAMALHO, V. & RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Coleção Linguagem e Sociedade, v. 1. Campinas: Pontes, 2011.

RESENDE, V. M. *Análise de discurso crítica e etnografia: o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, sua crise e o protagonismo juvenil*, Ano de obtenção: 2008. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Brasília.

_____. *Representação e identificação*. In: _____. *Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas: Pontes, 2009, p. 35-44.

RESENDE, V. M. & RAMALHO, V. *Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre as práticas: implicações teórico-metodológicas*. Linguagem em (Dis)curso, 5: 185-207, 2004.

_____. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. "Ivan: o andarilho-jardineiro": representação discursiva da situação de rua em um texto de mídia escrita In: *Identities silenciadas e (in)visíveis: entre a inclusão e a exclusão*. Campinas/SP : Pontes, 2011, p. 83-99.

_____. Inequality and representation: Critical Discourse Analysis of news coverage about homelessness In: *Social inequality & the politics of representation: a global landscape*. California: SAGE, 2012, v.1, p. 21-34.

SÁ, Olga. *A escritura de Clarice Lispector*. São Paulo: Vozes, 2000.

SÁ, S. P. *Netnografias nas redes digitais*. In: PRADO, J.L. *Crítica das práticas midiáticas*. São Paulo: Hacker editores, 2002.

SALLOWICZ, M. *Acesso à internet no Brasil cresce, mas 53% da população ainda não usa a rede*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/05/1279552-acesso-a-internet-no-brasil-cresce-mas-53-da-populacao-ainda-nao-usa-a-rede.shtml>. Acessado em: 18 out. 2013.

SANTOS, M. . *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro. Record, 2000/2002.

SAYER, A. . *Características-chave do Realismo Crítico na prática*. Um breve resumo. Estudos de Sociologia, 6 (2), 2000a: 7-32.

_____. *Realism and social science*. London: Sage, 2000b.

SCHWARZ, Roberto. *Pressupostos salvo engano de "Dialética da malandragem"*. In: _____. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SETTON, Maria da Graça. *Mídia e educação*/Maria da Graça Setton. u. e., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Denize Elena Garcia da; RAMALHO, Viviane. Reflexões para uma abordagem crítica dos gêneros discursivos. *ALED – Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v.8, p.19 - 40, 2008.

_____. Discurso, imagem e texto verbal: uma perspectiva crítica da multimodalidade. *ALED – Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v.12, p.7 - 29, 2012.

SILVA, T. T. (Org.) *Identidade e diferença - a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

SOUSA, Carlos Mendes de. *Clarice Lispector - Figuras da Escrita*. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, 2000.

_____. *Clarice Lispector - Figuras da Escrita*. Rio de Janeiro. IMS, 2012.

SPERBER, D.; WILSON, D. Les ironies comme mentions. *Poétique*, Paris, Seuil, n. 36, p. 399-412, 1978.

STREET, B. *Literacy Events and Literacy Practices*. Theory and Practice in the NLS. Martin-Jones, M. and Jones, K. (Eds): *Multilingual Literacies Reading and Writing Different Worlds*, Amsterdam, Benjamins Publishing, 2000.

THOMPSON, J. B. *The Media and Modernity: A Social Theory of the Media*, Stanford University Press, California, 1995.

_____. *A mídia e a sociedade: uma teoria social da mídia*. 6a Ed. Petrópolis: Vozes, 1998. (trad.: Wagner de Oliveira Brandão)

_____. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 4ª Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TUMBLR. *Tem coisas na vida que valem mais do que dinheiro*. Disponível em: <http://puttingyouout.tumblr.com/post/61106048552>. Acessado em: 15 out. 2013.

VAN LEEUWEN, Theo. *A representação dos atores sociais*. In: PEDRO, Emília Ribeiro. (Org.) *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional* Lisboa: Caminho, 1997, p. 169-222.

_____. *Discourse and practice*. New tools for Critical Discourse Analysis. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

WODAK, R. *De qué trata el análisis crítico del discurso (ACD)*. Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: R. Wodak & M. Meyer (orgs.). *Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Trad. T. Fernández y B. Eguibar. Barcelona: Gedisa, 2003a. pp. 17-34.

_____. El enfoque histórico del discurso. In: R. Wodak & M. Meyer (orgs.). *Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Trad. T. Fernández y B. Eguibar. Barcelona: Gedisa, 2003b. pp. 101-42.

ANEXOS

Anexo A – Manuscritos de *Um sopro de vida* (1978), por Clarice Lispector.

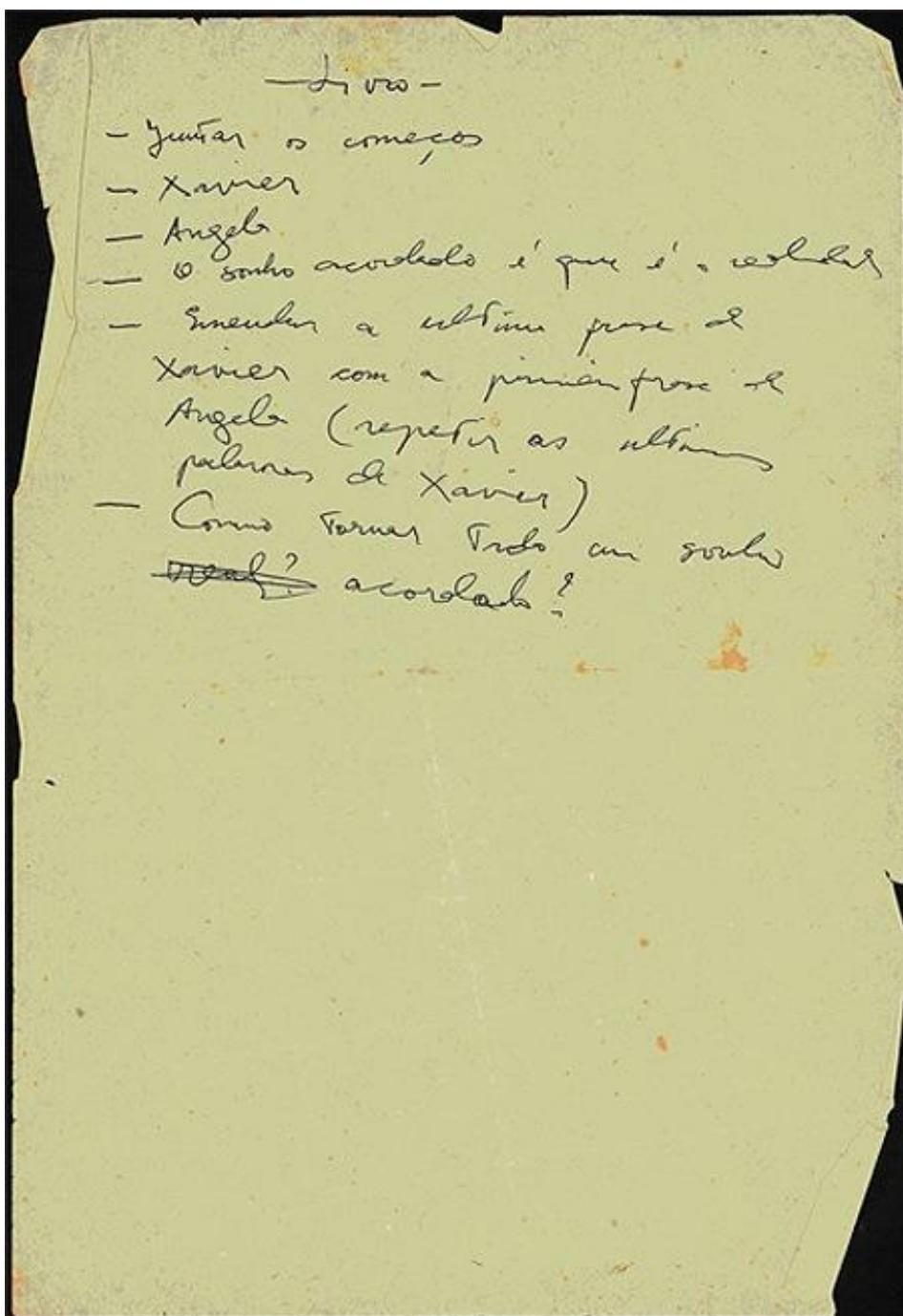
Anexo B – Lista de livros mais vendidos do Jornal do Brasil, 12/2009.

Anexo C – Lista de livros mais vendidos do Diário de S. Paulo, 12/2009.

Anexo D – *Clarice, uma biografia* entre os 100 melhores livros de 2009, Correio da Bahia, 11/2009.

Anexo E – *Chegou a hora da estrela para Clarice Lispector*, Ípsilon (Público), Lisboa, 03/2010.

Anexo A – Manuscritos de *Um sopro de vida* (1978), por Clarice Lispector.



Anexo B – Lista de livros mais vendidos do Jornal do Brasil, 12/2009.

>> Os mais vendidos

Ficção

- 1** **O símbolo perdido**
Dan Brown
Sextante, R\$ 39,90 **1/2**
- 2** **A cabana**
William P. Young
Sextante, R\$ 29,90 **2/61**
- 3** **Eclipse**
Stephenie Meyer
Intrínseca, R\$ 49,90 **8/2**
- 4** **Calm**
José Saramago
Companhia das Letras, R\$ 36 **4/7**
- 5** **Céu de orgânicos**
Luiz Alfredo Garcia-Roza
Companhia das Letras, R\$ 39 **0/0**
- 6** **Os espírios**
Luis Fernando Veríssimo
Alfaguara, R\$ 31,90 **9/1**
- 7** **Lua nova**
Stephenie Meyer
Intrínseca, R\$ 49,90 **10/2**
- 8** **O seminarista**
Rubem Fonseca
Agir, R\$ 36,90 **5/4**
- 9** **A hospedeira**
Stephenie Meyer
Intrínseca, R\$ 49,90 **7/6**
- 10** **Amanhecer**
Stephenie Meyer
Intrínseca, R\$ 49,90 **5/21**

Não Ficção

- 1** **Clarice**
Benjamin Moser
Cosac Naify, R\$ 79 **1/2**
- 2** **Comer, rezar, amar**
Elizabeth Gilbert
Objetiva, R\$ 39,90 **2/102**
- 3** **O maior espetáculo da terra**
Richard Dawkins
Companhia das Letras, R\$ 53 **0/0**
- 4** **O andar do bêbado**
Leonard Mlodinow
Jorge Zahar, R\$ 39 **7/102**
- 5** **Superfreakonomics**
Stephen Dubner e Steven Levitt
Campus, R\$ 66,90 **4/4**
- 6** **Chico Buarque: histórias de canções**
Wagner Homem
Leya Brasil, R\$ 44,90 **6/8**

- 7** **Honoráveis bandidos**
Palmério Dória
Geração Editorial, R\$ 29,90 **3/5**
- 8** **Padre Cicero: poder, fé e guerra...**
Lira Neto
Companhia das Letras, R\$ 49 **5/2**
- 9** **De Cuba, com carinho**
Yoani Sanchez
Contexto, R\$ 29,90 **9/3**
- 10** **Mentes perigosas**
Ana Beatriz Barbosa Silva
Fontanar, R\$ 34,90 **10/16**

Esoterismo e auto-ajuda

- 1** **O código da inteligência**
Augusto Cury
Thomas Nelson, R\$ 29
- 2** **Como fazer amigos...**
Dale Carnegie
Ibep Nacional, R\$ 50
- 3** **Seu horóscopo chinês para 2010**
Neil Somerville
Nova Era, R\$ 24,90
- 4** **O mistério 2012**
Gregg Braden
Geração editorial, R\$ 36
- 5** **O Livro da Lua**
Marcia Mattos
Novo Século, R\$ 39,90
- 6** **Quem pensa enriquece**
Napoleon Hill
Fundamento, R\$ 28,60
- 7** **A força do absurdo**
Ori Brafman
Objetiva, R\$ 35,90
- 8** **Por que os homens amam...**
Sherry Argov
Sextante, R\$ 19,90
- 9** **O poder do agora**
Eckhart Tolle
GMT, R\$ 19,90
- 10** **A coragem de confiar**
Roberto Shinyashiki
Gente, R\$ 29,90

Fonte: Livrarias **Argumento** (Rio), **Nobel** (SP), **Travessa** (Rio), **Martins Fontes** (SP) e **Cultura** (SP). Os números na margem direita indicam, respectivamente, a posição na semana anterior e o número de semanas na lista.

Anexo C – Lista de livros mais vendidos do Diário de S. Paulo, 12/2009²⁵.

:::OS MAIS VENDIDOS

1º	O símbolo perdido
	Dan Brown Sextante
2º	A cabana
	William Young Sextante
3º	Edição
	Stephenie Meyer Intrinseca
4º	Arma hebreu
	Stephenie Meyer Intrinseca
5º	Calvo
	José Saramago Companhia das Letras

1º	Cláudio
	Bernard Moser Cosac Naily
2º	O mestre do bêtado
	Leonard Mlodinow Jorge Zahar
3º	Como amar, amar
	Elizabeth Gilbert Objetiva
4º	O maior espetáculo da Terra
	Richard Dawkins Companhia das Letras
5º	Claro Escuro: Histórias de campos
	Wagner Homem Leya

1º	O monge e o escravo
	James Hunter Sextante
2º	A sociedade da cabana
	William Young Sextante
3º	Por que os homens amam as mulheres poderosas?
	Sherry Argov Sextante
4º	A arte da guerra
	Sun Tzu Várias editoras
4º	Encontre Deus na cabana
	Roberto Shinyashiki Gente

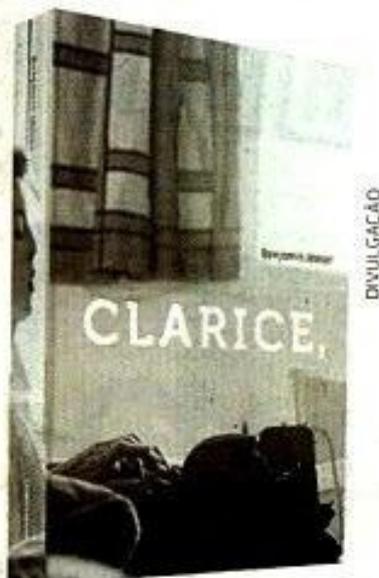
Fonte: Livrarias Cultura, Saraiva e Siciliano

²⁵ Diário de S. Paulo divulgou o nome do biógrafo Bernard Moser no lugar de Benjamin Moser.

Anexo D – *Clarice, uma biografia* entre os 100 melhores livros de 2009, Correio da Bahia, 11/2009.

Livro sobre Clarice Lispector está entre os 100 melhores deste ano

LITERATURA O conceituado ranking dos cem livros mais notáveis do ano, de acordo com o *New York Times*, trouxe uma ótima surpresa. Entre os escolhidos pelo jornal está *Clarice, uma biografia*, sobre a trajetória da escritora brasileira Clarice Lispector (1920-1977), escrito pelo americano Benjamim Moser (e recém-lançado no Brasil pela editora Cosac Naify). O livro tem aberto os olhos dos americanos para o talento da cultuada escritora.



'Clarice': na lista do 'NY Times'

Anexo E – Chegou a hora da estrela para Clarice Lispector, Ípsilon (Público), Lisboa, 03/2010.

"Chegou a hora da estrela para Clarice Lispector" from *Ípsilon (Público)*, Lisbon



Chegou a hora da estrela para Clarice Lispector

31.03.2010 - Raquel Ribeiro

Benjamin Moser passou cinco anos a investigar a biografia de Clarice Lispector. Da Ucrânia ao Brasil, passando pela Suíça e EUA, traçou a geografia da enigmática escritora de nome estrangeiro que mudou a literatura brasileira. "Why this World" foi um sucesso no Brasil, acompanhando o "boom" de publicações sobre Lispector. Chega a Portugal em Setembro

Quando Benjamin Moser, 33 anos, autor americano da primeira biografia em inglês sobre a escritora brasileira Clarice Lispector, ligou para a companhia KLM na madrugada do início do Festival Literário de Paraty de 2005, sabia que estava a cometer uma loucura. "Tem um voo para São Paulo ainda hoje? Nunca tinha feito uma coisa dessas. Comprei a passagem e às onze da manhã estava a embarcar", explicou Moser ao *Ípsilon*, num português com sotaque brasileiro nordestino, numa entrevista telefónica a partir da sua casa no Utrecht, na Holanda. O impulso foi desencadeado quando, no seu jardim, contava a um amigo quem era aquela figura, Clarice Lispector, que o "tinha pegado, como muito poucas coisas na vida", era ainda estudante na Brown University, EUA. "Vivia com isso na cabeça: um dia quero fazer algo com ela, trazê-la, explicá-la para o mundo. Mas também queria entendê-la eu próprio", explica. Naquele Julho, o Festival de Paraty homenageava Clarice e o amigo perguntou-lhe:

"O que está fazendo aqui, na Holanda? Você tem é que estar lá, com todos os especialistas. Nunca vai haver tanta gente empolgada assim."

Foram cinco anos de pesquisa para publicar "Why This World", biografia de 400 páginas que saiu em 2009 nos EUA (Oxford University Press). Após a tradução brasileira, a Civilização vai publicar a edição portuguesa em Setembro. A biografia era a melhor maneira de dar a ver "Clarice como uma coisa toda e não um pedaço: você lê os livros dela, lê a crítica, mas é sempre um lado", diz Moser.

Não foi fácil compor o puzzle da enigmática escritora de nome estrangeiro - Lispector -, uma das maiores da língua portuguesa do século XX. Moser começa a biografia com a visita de Clarice ao Egito e com uma carta sua sobre a esfinge: "Não a decifrei. Mas ela também não me decifrou." O mito vive aí, nessa bela figura esfíngica que "veio de um mistério" (escreveu Carlos Drummond de Andrade). Ela era "estrangeira na terra", e essa condição nunca a largou - o nome estranho, o sotaque esquisito, a linguagem fragmentada, inovadora, difícil.

Porquê este mundo

Nascida em Tchechelnik, na Ucrânia, em Dezembro de 1920, Chaya Pinkhasovna Lispector, Clarice, é a mais nova de três irmãs, de uma família judaica que fugiu para o Brasil em 1921 na sequência das perseguições anti-semitas na guerra civil russa. A família chegou ao nordeste brasileiro onde adoptou nomes portugueses, e fixou-se no Recife. Aí Clarice passou a infância e adolescência.

Do Recife ao Rio, estuda Direito, torna-se jornalista, casa com um diplomata. Segue-se Belém (do Pará), Nápoles, Berna, Torquay (Reino Unido), Washington, até regressar ao Rio, onde morre em 1977, de cancro. De "Perto do Coração Selvagem" (1943) a "A Hora da Estrela" (1977), a vida confunde-se com a obra.

A biografia de Moser estabelece esse diálogo entre a vida e a obra da escritora, na procura de "ir dentro, ir ao âmago que não é só fazer literatura: é ser assim", explica Carlos Mendes de Sousa, especialista em Lispector, professor de literatura brasileira na Universidade do Minho. Moser tentou decifrar essa busca incessante: "Sei que me encontrei diante de um dos grandes assuntos da cultura humana, perguntas sobre o que fazemos nesse mundo, porque estamos aqui, porque vamos morrer. Coisas que nunca tinha visto pensadas de maneira tão profunda."

Daí o título, "Why this World", que vem de uma citação de Lispector: "É que eu fui uma adolescente confusa e perplexa que tinha uma pergunta muda e intensa: 'como é o mundo? E por que esse mundo?'"

Para pintar o retrato desta "mulher insolúvel" (disse o jornalista brasileiro Paulo Francis), Moser traçou a geografia dos lugares de Clarice. Foi à Ucrânia? "Fui." E aos lugares onde Clarice viveu? "Claro." Isto foi quase uma volta ao mundo.

"Boom" de publicações

Esta biografia vem no momento em que os brasileiros andam "doidos por Clarice", que se reflecte no "boom" de publicações sobre a autora nos últimos anos. Em 2007, saiu "Clarice Lispector - Entrevistas" (Rocco), compilação das entrevistas da autora a personalidades brasileiras, por Claire Williams, investigadora em Oxford; "Minhas Queridas" (Rocco, 2007), cartas inéditas da escritora às irmãs; "Só para Mulheres" (Rocco, 2008), colectânea de crónicas femininas; "Clarice na Cabeceira" (2009), contos escolhidos por personalidades; "Clarice Lispector, Fotobiografia" (2009), por Nádia Gotlib; e o documentário "De Corpo Inteiro" (2009), realizado por Nicole Algranti, sobrinha da escritora.

Efemérides vencem-se todos os anos. Isto, aliado às reedições dos romances e contos, edições limitadas e novos grafismos, pode ajudar a explicar a febre.

"Os livros dela estão à venda no metrô de São Paulo", conta Moser. "Com quatro reais, numa máquina, você compra um livro dela como quem compra uma coca-cola." E não duvida: "Há um 'momentum' à volta dela. E só vai crescendo. Estamos vivendo a hora da estrela da Clarice."

Mendes de Sousa diz que a proliferação de publicações é "indiscutível". Há semanas, regressava do Rio e, no aeroporto, entre "best-sellers" mundiais estavam num escaparate, lado a lado, a biografia de Benjamin Moser e "Clarice na cabeceira". O livro de Moser, explica, "tem um cunho americano muito forte, com um grande trabalho de investigação, intercalando a biografia com a escrita da Clarice". Será importante para "abrir Clarice para fora de um circuito académico".

Em vida, Clarice era uma escritora de culto "num grupo restrito de intelectuais" brasileiros. Nos anos 80, com o impulso de Hélène Cixous e das feministas francesas, passa a pertencer à "literatura de mulheres". Giovanni Ponteiro, professor em Manchester, tradutor de Saramago,

tinha um projecto para uma biografia que não chegou a concluir: queria "tirar Clarice da gaveta das feministas", conta Mendes de Sousa.

Moser afirma ter sentido uma grande liberdade para contar esta história, apesar dos rumores de que os herdeiros de Lispector controlam tudo o que sai. Moser desmente: "Todo o mundo me falava isso, mas felizmente esse problema não apareceu." Diz que há "a família" e há Paulo, filho de Lispector, detentor dos direitos. "Paulo entendeu desde o início que eu era uma pessoa muito séria e que estava a fazer uma coisa que era uma missão de divulgação muito grande da obra dela fora do Brasil."

As suas origens judaicas, por exemplo, são um dos aspectos mais sublinhados no livro. "Não havia nada que Clarice Lispector desejasse mais do que reescrever a história do seu nascimento", escreve Moser. "Sua reputação é de ter sido um tanto mentirosa." Mendes de Sousa admite que esse mistério "faz parte da complexidade da figura, esse jogo de revelação e ocultação" que Clarice alimentava. Ela foi "sempre muito consciente do seu papel e dessa encenação".

Nesse jogo de sombras, a fuga da Ucrânia é um dos grandes temas da sua vida. Moser foi a Tchekelnik comprovar a cena da violação da mãe de Clarice e uma crença, contada pela autora, de que a gravidez pode curar uma mulher de uma doença venérea. Foi de aldeia em aldeia à procura da resposta. O estupro era uma das polémicas que a família não deixaria passar, mas Paulo Lispector deixou: "Não houve nada de absolutamente censurado. Paulo levou bronca da família porque permitiu que isso fosse publicado."

Suspensa numa vírgula

Quando "Perto do Coração Selvagem" foi publicado em 1943, Lispector iniciava uma obra "ao contrário do que era a ordem dominante, e nesse sentido, uma obra desterritorializadora da tendência da literatura brasileira sobre a terra, o lugar, o ufanismo brasileiro", explica Carlos Mendes de Sousa. Clarice rompe "com o modelo do romance nordestino" e cria "uma obra estranha a todas essas referências".

Tudo nela era raro, começando pelo "nome estranho e até desagradável, pseudónimo sem dúvida", escreveu um crítico. Foi esse o jogo (pertencer, não-pertencer) que ela jogou toda a vida. "Tenho a certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer, por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém", escreveu Clarice.

Clarice era assim: um animal em bruto como Joana de "Perto do Coração Selvagem", e domesticada como a Lídia do mesmo romance, vivendo nessa intensa contradição de ser mulher, feminina, esposa e mãe, e de ser rebelde, livre, no limiar da loucura, na explosão mística dos encontros com Espinosa, comendo a barata como G.H. de "A Paixão segundo G.H."

Quando publica "Perto do Coração" é uma "mulher à frente do seu tempo", a sua linguagem "é tão diferente, tão estranha", diz Mendes de Sousa, que "não houve um único mês em 1944 que não saísse uma crítica ao romance". Tudo estava ali na novidade "do fragmento, do interior, do feminino".

Essa estranheza na língua é tão grande que, ainda hoje, conta Moser, os revisores da Cosac Naify, a editora brasileira da biografia, "tentaram corrigir o português da Clarice. São pessoas que trabalham com linguagem, acham que ela escreve português errado. O que é, de facto, verdade. Ela própria diz isso, mas ela escreve do jeito que quer, é uma escolha."

No fundo, Clarice é isto: "Não, não, nenhum Deus, quero estar só! E um dia virá, sim, um dia virá em mim [...], eu rompereei todos os nãos que existem dentro de mim, provarei a mim mesma que nada há a temer, que tudo o que eu for será sempre onde haja uma mulher com meu princípio." Ou ainda: "Basta me cumprir e então nada impedirá o meu caminho até a morte-sem-medo, de qualquer luta e descanso me levantarei forte e bela como um cavalo novo."

Na edição brasileira o título é apenas "Clarice,". Nessa vírgula, há uma vida que se suspende. A vírgula está lá porque "Clarice é um assunto tão grande, que nunca vai ser um Clarice ponto final, vai ser Clarice vírgula porque não pretendia, nem pretendo, dizer a última palavra sobre ela." Curiosamente, também o seu livro "Uma aprendizagem, ou o livro dos prazeres" (1969) começa com uma vírgula e termina com dois pontos. Em Clarice, "nada está por acaso: a pontuação dá-nos a ideia de contínuo, de estar-entre, estar no meio", explica Mendes de Sousa.

Hoje, diz Mendes de Sousa, Clarice "tem todos os ingredientes para ser uma escritora de culto". Em 100 anos, diz Moser, "Lispector vai ser um nome como Eça de Queirós, que até a criança na aldeia vai saber".